



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NA 67ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE

6 DE NOVEMBRO DE 2021

Realização:





V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Organizadores:

Ana Paula Cecato de Oliveira (IFRS - Campus Rolante)
Daniel Affeldt (UFRGS)
Bianca Schmitz Bergmann (UFPEL)
Elisângela Mota Pires (Unipampa – Campus Dom Pedrito)
Sandra Beatriz Salenave de Brito (IFSul - Campus Camaquã)

Revisão:

Daniel Rodrigues Affeldt
Sandra Beatriz Salenave Brito
Bianca Schmitz Bergmann

Diagramação:

Tiago de Barros Vieira

ANAIS DO V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA

67ª Feira do Livro de Porto Alegre

Porto Alegre, 6 de novembro de 2021.

Realização:

Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Camaquã
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Rolante

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Elisângela Mota Pires – CRB 10/2314

028.9
E56 Encontro de práticas de mediação de leitura (5. :2021: Porto Alegre, RS).
 Anais do V Encontro de práticas de mediação de leitura [recurso eletrônico] / Ana Paula Cecato de Oliveira, Sandra Beatriz Salenave de Brito; Elisângela Mota Pires; Daniel Rodrigues Affeldt; Bianca Schmitz Bergmann. Revisão: Daniel Rodrigues Affeldt; Sandra Beatriz Salenave de Brito; Bianca Schmitz Bergmann. Diagramação: Tiago de Barros Vieira.
 . –Camaquã: IFSul, 2021.
 161 p.

ISSN: 2763-9797

1. Incentivo à leitura. 2. Jovens - Livros e leitura. 3. Literatura – Estudo e ensino. I. Oliveira, Ana Paula Cecato de. II. Brito, Sandra Beatriz Salenave. III. Pires, Elisângela Mota. IV. Affeldt, Daniel Rodrigues. V. Bergmann, Bianca Schmitz VI. Vieira, Tiago de Barros.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

SUMÁRIO

Viva Paulo Freire: por uma educação literária popular, democrática e inclusiva	4
Ana Paula Cecato de Oliveira, Sandra Beatriz Salenave de Brito	
Afroconto e outros contos em tempos de pandemia	7
Letícia Ludovico Carvalho, Elisa Barcellos Rodrigues, Raquel da Silva Silveira	
Clube de leitura literária: encontro de leitores-mediadores-produtores-desentidos	27
Marília Forgearini Nunes, Renata Sperhake, Camila Alves de Melo, Lílian Carine Madureira Vieira da Silva, Júlia Soares Martini, Mayara Krischke Lopes, Giovanna Rocha Quadros	
Desenvolvendo competências socioemocionais através da literatura durante as aulas remotas no período de pandemia: a leitura aproximando pessoas	47
Cristiane dos Santos Benelli	
Escure/ser: oficinas de leitura e rodas de conversa sobre literatura de autoria negra	67
Raquel da Silva Silveira, Sílvia Letícia Oliveira dos Santos, Victória Tolledo Munhoz, Ariane Fernanda dos Reis Moreira, Pedro Henrique Machado	
Leitura e representatividade: onde me encontro no universo literário!	84
Rosiele Barbosa Ferreira	
Livro-imagem: possibilidades de mediação da leitura segundo publicações científicas brasileiras	106
Carla Rodrigues de Rodrigues, Sabrina Simões Corrêa, Renata Braz Gonçalves, Aline Mello de Souza, Claudia Amaro da Silveira, Fabiano Valadão Rodrigues	
Poesia de mulheres negras: mediação de leitura a partir dos poemas de cristal rocha	130
Daniel da Silva Taboada	
Projeto práticas leitoras no Amazonas: mediação de leitura e mediação cultural em bibliotecas comunitárias	142
Fátima Maria da Rocha Souza, Raquel Souza de Lira	



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Viva Paulo Freire: por uma educação literária popular, democrática e inclusiva

Ana Paula Cecato de Oliveira

Sandra Beatriz Salenave de Brito

Pela primeira vez em cinco edições, o Encontro de Práticas de Mediação de Leitura, evento realizado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) e pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), tendo como apoiadora a Câmara Rio-grandense do Livro, trouxe uma temática como fio condutor das discussões acerca da leitura literária: o centenário do educador e patrono da educação brasileira Paulo Freire. A proposta de dialogar com a efeméride celebrou também a trajetória deste evento, que, desde 2017, tem apresentado relatos de práticas de leitura envolvendo debates sobre questões étnico-raciais, de gênero, de inclusão, evidenciando que o texto literário sempre está inserido em um contexto, como afirma Freire “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p.9) e que a leitura pode contemplar diversas áreas do conhecimento. Já debatemos práticas em diversos níveis de ensino, da Educação Básica, do Ensino Superior, e também fora do âmbito escolar, valorizando a importância do papel da biblioteca e, principalmente da biblioteca comunitária, na aproximação de livros e leitores.

Paulo Freire uniu teoria e prática, centrando-se na construção de uma sociedade baseada numa educação emancipadora, em que os sujeitos se deslocassem de uma consciência



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

ingênua em direção a uma consciência crítica, processo esse que reivindica a leitura como uma prática social, compartilhada, com vistas à formação de uma comunidade de leitores que compreendam melhor o que lhes cerca e possam refletir sobre sua condição de ser, estar e intervir no mundo. Nesse sentido, a literatura, ao se constituir como arte, materialidade que oferece múltiplos sentidos à experiência humana, propõe uma educação ética e estética dos sujeitos, pois convoca os leitores de forma sensível e intelectual a compreender como podem se relacionar com o mundo, investigando sobre os processos de criação das obras, os ecos da leitura nos repertórios imaginários e afetivos de quem lê, as trocas de vivências leitoras com os parceiros nessa empreitada de ler o mundo, balizadora do pensamento de Freire.

O lançamento da proposta pela comissão organizadora foi bastante exitosa, com trabalhos de várias regiões do estado e de outros estados brasileiros, tendo em vista que o evento teve de ser realizado pelo segundo ano de forma remota, em função das restrições sanitárias impostas pela pandemia da covid-19. Na programação do evento, ocorrida em 06 de novembro de 2021, tivemos a palestra da professora Giselle Moura Schnorr, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), trazendo questões mobilizadoras para caminharmos em direção a uma educação literária popular, através do Círculo de Cultura Leia Mulheres (https://www.instagram.com/leia_mulheres_unespar/). Em seguida, foram socializadas algumas das experiências de práticas de mediação de leitura que compõem esta publicação, uma vez que o número de inscrições foi maior do que a de dispomos para as comunicações orais. Sendo assim, convidamos a todos os trabalhos inscritos a participarem dos anais do evento, tendo em vista a qualidade dos trabalhos.

A fala da professora Giselle, bem como as comunicações orais podem ser conferidas através do link <https://www.youtube.com/watch?v=I7nMbs4EEgo&t=12627s>, Quanto aos artigos aqui presentes, o leitor vai se deparar com artigos que refletem sobre a materialidade literária e a mediação de leitura, como “Livro-imagem: possibilidades de mediação da leitura segundo publicações científicas brasileiras”, a experiência de leitura na centralidade da ação mediadora da leitura na sala de aula, como “Desenvolvendo competências socioemocionais através da literatura durante as aulas remotas no período de pandemia: a leitura aproximando pessoas” e na comunidade, em “Clube de leitura literária: encontro de leitores-mediadores-produtores-de-sentidos” e “Projeto Práticas Leitoras no Amazonas: mediação de leitura e mediação cultural em bibliotecas comunitárias”. Destacamos, também, a presença da



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

afrobibliodiversidade e da literatura indígena nas práticas apresentadas: “Afroconto e outros contos em tempos de pandemia”, “Escure/Ser: oficinas de leitura e rodas de conversa sobre literatura de autoria negra”, “Poesia de mulheres negras: mediação de leitura a partir dos poemas de Cristal Rocha” e “Leitura e representatividade: onde me encontro no universo literário!”.

O pensamento de Freire nos conduz a uma utopia, construída a cada dia, com nossas mãos e mentes dentro de nossas salas de aula, bibliotecas, praças, espaços comunitários, enfim, onde a leitura acontece. Somos agentes de uma mudança democrática e emancipatória, pois entendemos que ler não se resume a um processo mecânico, sempre está relacionado a um universo mais amplo, sendo então um ato político, assim como é o processo educativo.

Ler é, acima de tudo, tentar entender a complexidade do mundo, dos sujeitos e de suas singularidades. Dessa forma, os artigos produzidos para este caderno temático evidenciam uma prática de leitura emancipatória e libertadora, que caminham na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, como defendeu o patrono da educação brasileira. Construimos um espaço de partilha para mediadores que compreendem este olhar multidisciplinar acerca da “leitura do mundo que precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), e deseja uma transformação social por meio de suas ações.

Comissão Organizadora:

[Ana Paula Cecato de Oliveira](#) (IFRS Campus Rolante)

Bianca Schmitz Bergmann (UFPel)

Daniel Rodrigues Affeldt (UFRGS)

Elisângela Mota Pires (UNIPAMPA - Campus Dom Pedrito)

Sandra Beatriz Salenave de Brito (IFSul - Campus Camaquã)

Referências:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

AFROCONTO E OUTROS CONTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Letícia Ludovico Carvalho¹

Elisa Barcellos Rodrigues²

Raquel da Silva Silveira³

Resumo: O projeto “Afroconto e outros contos” é uma ação de extensão universitária vinculada ao Instituto de Psicologia da UFRGS, desenvolvida em parceria com uma equipe de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde e com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes. Trata-se de um projeto de mediação da leitura através da contação de histórias infantis protagonizadas por personagens negros(as) e/ou com ou sem deficiência para crianças de 5 a 11 anos. O objetivo geral é possibilitar espaço para a construção de uma experiência antirracista e anticapacitista no âmbito da educação infantil a partir de narrativas literárias. O foco é fortalecer a representatividade para as crianças negras com e sem deficiência, assim como proporcionar às crianças brancas um descentramento dos privilégios da branquitude. Desde 2017, o projeto vinha desenvolvendo atividades presenciais. Depois das incertezas sobre a continuidade do projeto no modelo virtual, imposto pela pandemia do Coronavírus, foi a parceria com as políticas públicas da saúde e da educação que possibilitou a migração da contação presencial para a contação de histórias pelas telinhas do celular e do computador. Temos utilizado a plataforma *Google Meet* e o *WhatsApp* como espaços mediadores da leitura e do fortalecimento dos vínculos. Os referenciais teórico-metodológicos embasam-se na educação popular de Paulo Freire, na pedagogia engajada da bell hooks e na afroperspectiva de Renato Nogueira. A contação de histórias acontece em formato de roda virtual quinzenalmente. Depois da contação, realizamos brincadeiras corporais na frente das telinhas. Os resultados têm sido muito ricos. Inicialmente, tínhamos dúvidas se conseguiríamos recriar a ludicidade da contação presencial, mas tem sido enriquecedora a participação das crianças. Elas participam ativamente, pedem para contar histórias, trazem seus livros, bonecos e animais de estimação. As mães e os pais das crianças avaliam positivamente o Afroconto, pois possibilitou um espaço de socialização e leitura no momento em que as escolas públicas não estavam abertas. Acreditamos que a mediação da leitura através da literatura infantil é um importante dispositivo para a constituição de um espaço lúdico onde práticas racistas e capacitistas possam ser desnaturalizadas. A representatividade de personagens negros/as e/ou com deficiência em posições heroicas e

¹ Fonoaudióloga (UFRGS), coordenadora adjunta do NEPARC/UFRGS. (e-mail leticialudovico@hotmail.com)

² Professora de Magistério/ Séries Iniciais; orientação educacional; professora da sala de recursos Escola Estadual Brigadeiro Silva Paes. (e-mail elisinhabarcellos@gmail.com)

³ Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenadora geral do Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracista e Anticapacitistas da UFRGS. (e-mail: raquelsilveira43@gmail.com)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

perfil bem elaborado com configurações deslocadas de estereótipos é de extrema importância para a construção da autoestima da criança negra e da criança com deficiência. Além disso, a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas e potencializa a linguagem. Acreditamos que o Afroconto é relevante para o campo da Psicologia, pois nos permite discutir o racismo, promover a saúde da população negra, potencializar o protagonismo negro através dos/as contadores/as e questionar as iniquidades raciais na produção de subjetividade infantil branca.

Palavras-chave: literatura infantil; antirracismo; anticapacitismo.

Abstract: The project of the extension “Afroconto and others storories” linked to the Psychology Institute of Federal University of Rio Grande do Sul, is an action developed in partnership with a mental health team from the Municipal Health Department and with the Brigadeiro Silva Paes State Elementary School. This is a reading mediation project through the telling of children’s stories starring black characters and/or with or without disabilities for children aged 5 to 11 years. The general objective is to provide space for the construction of an anti-racist and anti-capacitist experience in the context of early childhood education based on literary narratives. The focus is to strengthen representation for black children with and without disabilities, as well as providing white children with a decentering of the privileges of whiteness. Since 2017, the project has been developing presential activities. After the uncertainty about the continuity of the project in the virtual model, imposed by the Coronavirus pandemic, it was the partnership with public health and education policies that enabled the migration from face-to-face to storytelling via cell phone and computer screens. We have been using the Google Meet platform and WhatsApp as mediating spaces for reading and strengthening bonds. The theoretical-methodological references are based on Paulo Freire's popular education, on bell hooks' engaged pedagogy and on Renato Nogueira's afro-perspective. Storytelling takes place in a virtual wheel format, every two weeks. After the countdown, we play bodily games in front of the small screens. The results have been very rich. In the beginning, we had doubts if we would be able to recreate the playfulness of face-to-face counting, but the children's participation has been enriching. They actively participate, ask if they can tell stories, bring their books, dolls and pets. The children's mothers and fathers evaluate Afroconto positively, as it provided a space for socialization and reading at a time when public schools were not open. We believe that the mediation of reading through children's literature is an important device for the constitution of a playful space where racist and capacitating practices can be denaturalized. The representation of black and/or disabled characters in heroic positions and a well-prepared profile with configurations displaced from stereotypes is extremely important for building the self-esteem of black children and children with disabilities. In addition, listening to stories stimulates the imagination, educates, instructs, develops cognitive skills and enhances language. We believe that Afroconto is relevant to the field of Psychology, as it allows us to discuss racism, promote the health of the black population, enhance black protagonism through accountants and question racial inequities in the production of white childhood subjectivity.

Keywords: children's literature; anti-racism; anticapacity.

Introdução

Mais que o exercício de uma função, a literatura nos oferece isso como dádiva, como possibilidade de expansão da alma, da percepção, e aí, a gente vai se nutrindo, crescendo, ampliando possibilidades de leitura e de interpretação do mundo (SILVA apud MOREIRA, 2020).

A contação de histórias é uma prática humana carregada de diversos significados e inscrições culturais. É de conhecimento científico geral que o contato com os livros e as histórias durante a infância auxilia no aspecto cognitivo, no aumento de vocabulário, na socialização, na criação de vínculos afetivos, no estímulo do imaginário infantil, além de auxiliar na própria constituição psíquica do sujeito (BRAGA et al., 2015). Entendemos que as crianças que escutam as histórias são sujeitos ativos no processo da contação, pois há uma



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

relação mútua de trocas, ensino e aprendizagem. Ou seja, durante a contação, há uma transmissão de valores, cultura, tradições e costumes.

Nesse sentido, podemos afirmar que, no universo colonizado em que vivemos, as histórias infantis, contadas e lidas, reproduzem o racismo e o capacitismo. Capacitismo é um conceito recente para explicitar as opressões vividas por pessoas com deficiência, propondo um deslocamento do foco nas lesões dos corpos para os aspectos coletivos e estruturais que dificultam a inclusão de pessoas consideradas incapazes e deficientes na sociedade. A ideia é explicitar que, se a sociedade acolhesse e oportunizasse os mesmos direitos às pessoas com deficiência, a falta de acessibilidade e a necessidade de recursos específicos seriam vistas como uma responsabilidade coletiva e não como uma tragédia individual (MELLO, 2016; MARCO, 2021).

Essas reproduções das estruturas sociais levam a uma desvalorização da autoimagem e a sentimentos de inferioridade nos processos de subjetivação das crianças negras (SILVA, 2020), assim como das crianças com deficiência (BARROS, 2015). Estudos demonstram como as crianças negras sofrem racismo na escola, seja pelo aspecto simbólico, seja por violências físicas (CAVALLEIRO, 2018; ARAÚJO, 2017). Desta forma, as experiências na infância acabam reproduzindo e repassando valores de uma sociedade com bases estruturais racistas, assim como capacitistas e sexistas.

Nessa direção, este artigo relata as experiências do projeto de extensão Afroconto e Outros Contos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com uma escola pública. O objetivo desse relato é socializar a construção de uma experiência antirracista e anticapacitista no âmbito da educação infantil, a partir de narrativas literárias através da contação de histórias. Apesar da potência do universo literário e da riqueza dos livros infantis ilustrados, a maior parte dos acervos das escolas é feita de histórias com personagens brancos(as) e sem deficiência (SILVA, 2021). Assim sendo, reproduz-se, sem críticas, o racismo e o capacitismo estruturais da sociedade brasileira.

Sabemos que o espaço lúdico da contação de histórias produzirá impactos diferentes para crianças brancas, crianças negras, crianças indígenas e crianças com deficiência. Por isso, são necessárias práticas antirracistas e anticapacitistas para enfrentar essas iniquidades e violências na vida escolar. Alertamos que, nesta escrita, o foco será no Afroconto, cujo objetivo é a mediação da leitura através de histórias com potencial antirracista. O nosso



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

percurso na contação de outros contos e histórias com personagens com deficiência está iniciando e deverá ser melhor explorado em futuros artigos.

Estudos sobre a implementação da Lei 10.639/2003, posteriormente alterada para a Lei 11.645/2008, apontam a relevância de sinalizarmos que as práticas de mediação da leitura “neutras” e “universais” produzem e reproduzem as hierarquias e injustiças raciais. Do ponto de vista psicológico, o imaginário infantil será atravessado por sentimentos de superioridade para as crianças brancas e de inferioridade para as crianças negras. Essas experiências da vida infantil e escolar nas sociedades racistas serão elementos importantes na construção e assimilação do discurso da meritocracia e da democracia racial brasileira (BENTO, 2002). Assim, a mediação da leitura antirracista tem um papel importante nos processos de educação.

Em seu discurso sobre o perigo de uma história ser contada em apenas uma perspectiva, Chimamanda Adichie (2019) relata o impacto negativo de histórias com personagens brancos e eurocentrados para pessoas negras. Dialogando com essa autora, Mafuane Oliveira (2020, p. 391) nos conta como essa experiência ocidental colonizadora está viva no nosso país:

Diante da ausência de referências na educação e observando as lacunas da minha própria formação escolar e acadêmica, passei a fazer pesquisas independentes, numa aprendizagem autodidata, buscando inspiração na diáspora africana no Brasil e nas Afro-Américas, bem como nos desdobramentos dessas culturas no contato com as culturas ameríndias, aquilo que Lélia Gonzalez bem nomeou de “Amefricanidade”. Minhas escolhas de repertório passaram a ter como pressuposto que as histórias possuem uma importantíssima função social, cognitiva e identitária que não servem apenas para incentivar a leitura e empréstimos de livros, como a escola me fez acreditar no início na minha carreira. Em 2009, percebi que esse não era apenas meu pensamento, mas que ele dialogava com a linha de argumentação da escritora Chimamanda Adichie, em sua reflexão sobre o “perigo de uma história única”.

Nesse contexto, as crianças negras acabam configurando seus imaginários em histórias distantes da sua realidade, seja corporal, seja territorial. De acordo com Ione Jovino (2006), a falta de representatividade negra e a representação e a valorização de um único tipo de beleza, cujo estereótipo reforça um determinado grupo racial, contribui para a reprodução e o reforço do racismo. Em seu estudo sobre o imaginário infantil negro, Caroline Damázio da Silva aborda o impacto do racismo na produção de subjetividade das crianças negras, no qual a autora afirma como “desde muito cedo [crianças negras] deparam-se com a afirmação de “não ser” ou de ser aquilo que não querem ser” (SILVA, 2020a, p. 170). Ou seja, os efeitos do



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

racismo no imaginário infantil são perversos e a ausência de representatividade negra positivada na literatura pode auxiliar como reforço dessas construções racistas na infância.

Além disso, a contação de histórias é uma forma de mediação de leitura. Diversos estudos no campo da educação discutem a importância da mediação da leitura para a formação de leitores(as) críticos(as) (SILVA et al., 2017; GOMES, 2005). Uma vez que a leitura é uma prática social que foi institucionalizada, será a escola, por excelência, o lugar de sua construção. Principalmente para as crianças de famílias pobres, negras e com familiares que não puderam estudar, esse contexto brasileiro de enormes desigualdades sociais e raciais potencializará o papel central das instituições de cuidado e de educação na mediação da leitura e de enfrentamento ao racismo (PADILHA; ZILBERSTEIN, 2020).

Em sua trajetória na educação infantil, Mafuane Oliveira (2020) reflete sobre a potência da contação de histórias infantis na mediação da leitura, ou seja, na consolidação de uma relação de intimidade e de proximidade com o mundo da fantasia, do sonho, da criação e do prazer. "As crianças e a literatura infantil dignificaram a minha vida, possibilitaram que eu me reinventasse, me levando a mundos nunca antes imaginados, mas, sobretudo reavivaram a 'pequena Mafuane', a criança que fui um dia". No lugar de fala de uma educadora negra, essa autora compartilha conosco a relevância de um trabalho antirracista nas escolas que proporcione "todo o legado afro-ameríndio e narrativas da diáspora africana que a escola dos anos 90 negou", inclusive a ela, Mafuane Oliveira (OLIVEIRA, 2020, p. 387).

Destacamos que a explicitação do lugar de fala racializado na produção teórica é uma proposição de intelectuais negros e negras, a qual ganhou maior visibilidade com a ampliação do acesso da população negra às universidades através das ações afirmativas. O aumento da produção teórica negra foi um dos importantes efeitos das cotas raciais e sociais nas universidades públicas, bem como a consequente visibilização de que todo conhecimento é situado em relações de saber-poder (RIBEIRO, 2020; COLLINS, 2016). No campo dos estudos progressistas da educação produzidos por importantes intelectuais brancos(as), como Paulo Freire (1983), já era explicitado que as instituições educacionais são sempre perpassadas por relações de poder, entretanto, as discussões sobre o racismo estavam ausentes.

Em seus escritos sobre a importância de uma educação engajada com as causas sociais, em especial o enfrentamento ao racismo e ao sexismo, bell hooks (2019) dedica um



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

capítulo a Paulo Freire, em virtude da relevância das proposições de uma educação popular e alfabetizadora para a classe dos/as oprimidos/as. Contudo, será do lugar de mulher negra que essa autora, assim como outros(as) intelectuais negros(as), explicitará a branquitude hegemônica da produção de conhecimentos na academia (CARDOSO, 2010). Nesse sentido, a raça/cor de quem escreve entra em análise, visibilizando o epistemicídio dos conhecimentos negros apontado por Sueli Carneiro (2005).

Assim, cientes disso, explicitamos aqui que esta escrita foi construída pelas mãos de três mulheres, duas negras e uma branca, todas sem deficiência. Acreditamos ser importante esta sinalização, pois, no percurso da escrita coletiva, percebemos a diferença nos nossos lugares de fala, de experiências, de saberes, de afetos. Distantes da postura supostamente neutra da língua portuguesa oficial, sabemos que o uso da primeira pessoa do plural, o “nós”, ou a escolha pela linguagem impessoal, instituídas como a norma culta ou “universal”, pressupõem uma autoria não racializada. Dessa forma, é como se as relações raciais não estivessem presentes na produção de conhecimento. Esta nossa experiência promoveu impasses na colocação do “nós”, pois houve momentos em que as autoras negras estavam relatando as iniquidades raciais e as violências vividas cotidianamente pelo racismo, mas isso não era uma experiência para a autora branca. Ou seja, não era uma experiência “nossa”, era uma vivência negra.

Agora, passamos a contar um pouco desta experiência coletiva entre o projeto Afroconto (UFRGS) e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes.

2 Um pouco da história do encontro entre a Universidade e a Escola Pública

Em 2017, iniciamos uma atividade de extensão universitária do curso de Psicologia com o objetivo de difundir histórias infantis com personagens negros e negras como protagonistas na cidade de Porto Alegre (RS). A extensão universitária é um dos pilares das universidades, pois tem seu foco voltado para as trocas de saberes com a sociedade, com as comunidades, com as políticas públicas. O intuito das ações extensionistas é possibilitar experiências de formação crítica para docentes e discentes sobre o papel da universidade



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

diante das necessidades e dos problemas sociais. Além disso, conhecer e aprender com as formas de resistência das comunidades às injustiças da sociedade brasileira (DEUS, 2020).

A proposta da contação de histórias infantis direcionadas a crianças negras foi tomando corpo em 2017, quando aceitamos o convite para participarmos numa Feira de Empreendedores(as) Negros(as), organizada pelas Promotor@s da Saúde da População Negra (SOARES, 2018) de Porto Alegre. A feira aconteceu numa praça da cidade. Quando as estudantes bolsistas e contadoras negras sentaram com os livros para contar histórias, uma criança negra falou: olha, é o Afroconto! Pronto, batizado estava o projeto.

De lá pra cá, muita coisa mudou, e, com a força das cotas para o ensino superior, em 2018, começaram a ingressar estudantes com deficiência. Importante salientar que as cotas para a universidade são fruto das lutas do movimento negro pelo enfrentamento ao racismo no Brasil, que, a partir da III Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, na África do Sul, em 2001, conquistaram a Lei 10.639 em 2003, depois alterada para 11.645 em 2008. Essas legislações obrigam a inclusão do ensino da história africana e indígena e a educação das relações étnico-raciais em todos os níveis de ensino (SIQUEIRA, 2021). Em 2012, foi promulgada a Lei de Cotas para as instituições de ensino superior (IES), sendo cotas públicas, raciais e, agora, também para pessoas com deficiência.

Em suas pesquisas sobre branquitude e branqueamento no Brasil, Maria Aparecida Bento (2002) aponta que, sempre que são instituídas políticas para a população negra, toda a população se beneficia. Principalmente as pessoas brancas. As cotas são um ótimo exemplo disso, pois os/as estudantes brancos/as de escolas públicas ampliaram seu acesso às universidades, assim como estudantes com deficiências, contribuindo para a democratização da universidade pública.

Inicialmente, o Afroconto tinha quatro objetivos principais: a) visibilizar que as iniquidades raciais são produzidas desde a infância; b) discutir o racismo na educação infantil; c) promover a saúde da população negra; d) potencializar o protagonismo negro através dos(as) contadores(as) de histórias. Com o ingresso de um bolsista com deficiência no nosso grupo de trabalho, trocamos o nome para Afroconto e Outros Contos, com o intuito de incluirmos a representatividade das crianças com deficiência. Essa ampliação de foco foi embasada na proposta do Quilombismo de Abdias Nascimento (2009). Para esse autor, os quilombos foram espaços de resistência e luta contra as opressões da escravização, mas



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

também contra todas as desigualdades e injustiças. Em suas pesquisas sobre os quilombos no Brasil, Beatriz Nascimento (2018) reforçou a proposta de que os quilombos são formas de organização negra de resistência, ontem e hoje, que servem de exemplo para a construção de uma sociedade brasileira menos injusta e mais inclusiva.

Dessa forma, o Afroconto percebeu que também estava compactuando com a manutenção da sociedade capacitista, ou seja, uma sociedade pensada para pessoas sem deficiência. Cientes disso, passamos a procurar e a encontrar histórias infantis que tivessem representatividade de pessoas negras com deficiência. Entretanto, as histórias com protagonismo negro continuam sendo o pilar central do Afroconto.

3 Das salas de aula e do pátio da escola às telinhas do celular e do computador

O Afroconto era um projeto vivido nas escolas, nas creches, nas praças, no olho no olho das(os) contadoras(es) e das crianças, sempre em rodas alegres e divertidas. Com a chegada da pandemia do Coronavírus em 2020 e a imposição do isolamento social, ficamos perdidos(as), com muitas incertezas sobre a continuidade do projeto no modelo virtual. Seria isso possível?

A resposta positiva veio de uma demanda das parcerias com as políticas públicas da saúde e da educação que possibilitaram a migração da contação presencial para a contação de histórias pelas telinhas do celular e do computador. O primeiro movimento de retomada das contações aconteceu com o pedido de uma equipe de saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde, pois as crianças da região estavam sem nenhuma atividade devido ao fechamento das escolas públicas. O segundo movimento foi a reaproximação com as professoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes, com a qual tínhamos iniciado ações de contação em 2019.

Retomados os laços de trabalho e a reinvenção das metodologias e dos afetos, começamos a desenvolver o Afroconto de forma virtual. Infelizmente, sabemos que o modelo virtual de educação e de interação das práticas de cuidado escancarou as iniquidades sociais do Brasil. Assim, o Afroconto só conseguiu chegar a crianças que tinham acesso a celulares e



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

a internet, geralmente através dos celulares das mães. No final de 2021, com a volta das aulas presenciais, o Afroconto retomou as contações presenciais na escola referida.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes (EEBSP) fica localizada num bairro da zona sul de Porto Alegre, sendo um dos bairros com forte presença negra. Segundo o Censo/2010, a cidade de Porto Alegre teria 20% de população negra, e esse bairro, quase 31,59% de pessoas negras oficialmente (IBGE, 2010). Contudo, no cotidiano da escola, constata-se uma presença de quase 80% de estudantes negros. Em contraposição, a maioria das(os) docentes são pessoas brancas, das(os) 66 professoras(es), apenas seis professoras são negras, numa escola com mais de 600 estudantes (ESCOL.AS, 2021). Essas informações são importantes para a análise do racismo institucional presente nas escolas brasileiras.

Naquele contexto, foi justamente com uma das professoras negras, Sílvia Letícia O. Santos, docente de português, que iniciou a aproximação do Afroconto na escola, de forma presencial, em 2019. A professora Sílvia coordena o projeto de mediação de leitura, Ciranda da Leitura (SANTOS, 2020). Em 2021, a relação foi ampliada para uma segunda professora negra da escola, Elisa Barcellos Rodrigues. Ela é responsável pela Sala de Recursos e também autora deste artigo.

Agora que racializamos as professoras parceiras do projeto, passamos a situar as integrantes do Afroconto. A coordenadora geral é uma professora da UFRGS, mulher branca e psicóloga. As coordenadoras adjuntas do Afroconto são contadoras de histórias, intelectuais e ativistas da luta antirracista. São duas mulheres negras, do norte e nordeste do país, uma com formação em Fonoaudiologia (UFRGS) e a outra com formação em Pedagogia e mestrado em Literatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS). No momento desta escrita, tínhamos a seguinte equipe de estudantes: duas bolsistas ProRext/UFRGS negras (uma estudante de Psicologia e a outra de Economia), uma voluntária negra (estudante de Saúde Coletiva) e um voluntário branco (estudante de Psicologia de outra universidade — PUCRS).

O projeto prioriza a seleção de estudantes negros(as) como bolsistas, em função da representatividade na hora da contação, mas os/as estudantes brancos/as também são bem-vindos/as nas contações. Importante reforçar que o enfrentamento ao racismo é uma responsabilidade, principalmente, das pessoas brancas, pois o racismo hierarquiza as relações



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

raciais, beneficiando essa parcela da população. O racismo é uma estrutura social instituída historicamente, a qual distribui de forma desigual os recursos materiais e simbólicos em favor das pessoas brancas (MOORE, 2007). Assim, é fundamental que a população branca se comprometa com práticas antirracistas. Como ensinou Angela Davis (2016), não basta afirmar-se “não racista”, é preciso tornar-se antirracista. E isso não é uma tarefa fácil para as pessoas brancas (SCHUCMAN, 2018).

Por isso, ao nos propormos a desenvolver práticas antirracistas, é fundamental estudarmos a branquitude. Esse conceito foi desenvolvido para reforçar e explicitar que, nas relações raciais instituídas pelo racismo, a população branca é privilegiada em todos os sentidos, materiais e simbólicos (BENTO, 2002). Desta forma, branquitude são os privilégios que a pessoa branca experimenta numa sociedade racista, mesmo sem saber. É o lugar do “humano” por excelência, o ideal de beleza, inteligência, correção, e todos os atributos positivos da humanidade.

Assim, é comum escutarmos as pessoas brancas, e aqui pensando na saúde e na educação, enunciando: “eu trato todo mundo igual”, “pra mim não tem diferença entre as pessoas, somos todos iguais”. Nessa lógica e crença de que somos todos iguais, a ausência de personagens negros e negras como protagonistas, heróis e princesas passa despercebida pelo olhar da educadora branca, da psicóloga branca, da pedagoga branca, da fonoaudióloga branca. Maria Aparecida Bento (2002) chama isso de “pacto narcísico da branquitude”, pois perpetua as iniquidades raciais e invisibiliza o sofrimento causado à população negra. Isildinha Baptista Nogueira (2017), em seu trabalho “Cor e Inconsciente”, abordou os impactos do racismo na baixa autoestima da pessoa negra. Eliane Cavalleiro (2018) explicitou as diferenças de tratamento que as professoras fazem entre alunos/as brancos/as e negros/as. Esses são apenas alguns exemplos dentre o vasto material de pesquisas sobre os impactos do racismo na infância negra, contudo, as práticas de mediação de leitura na direção de uma educação antirracista precisam avançar (NOGUERA, 2011).

4 Percursos Teórico-Metodológicos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Os referenciais teórico-metodológicos embasam-se na educação popular de Paulo Freire (1983), na pedagogia engajada da bell hooks (2019) e na afroperspectiva de Renato Nogueira (2019). Com Paulo Freire (1983), aprendemos que todos e todas estão em processo constante de aprendizado, logo, há uma troca mútua de ensino e aprendizagem. Descartamos, nesse sentido, a lógica da educação bancária, que, como ensina Freire (1983), é aquela em que determinadas pessoas detêm os saberes e devem depositá-los em outras que estão ali apenas como aprendizes. Logo, em nossas práticas de extensão, estamos constantemente alternando nossas posições de sujeito, ora aprendendo com a escola, os professores e as crianças, ora ensinando o que sabemos. Da mesma forma ocorre com as professoras que recebem o projeto.

Utilizamos bell hooks (2019), teórica negra, pois corroboramos com suas reflexões de que a educação é ponte, que deve acolher as diferenças e se posicionar a favor das minorias e deve assumir caráter transformador e libertador. A pedagogia engajada é justamente a liberdade de construir novos olhares e construções de conhecimentos, longe da lógica ocidental cristã, de certo e errado, normal e anormal. Essa autora propõe uma pedagogia de transformação e de abertura para o novo.

Os ensinamentos de Renato Nogueira (2019) nos fazem compreender a importância de construir nossos saberes numa visão afroperspectiva, ou seja, a partir de uma abordagem que reconhece a existência de vários paradigmas. Queremos dizer que não levamos para nossas práticas educadoras apenas os saberes aprendidos durante a graduação, que geralmente são eurocentrados e colonizados. Para a construção de uma educação antirracista, é fundamental buscarmos teorias, histórias e conceitos embasados também em repertórios africanos e ameríndios.

Com a chegada da pandemia, em 2020, a contação de histórias do Afroconto iniciou seu formato de roda virtual, quinzenalmente. Depois da contação da história, do compartilhamento das imagens dos(as) personagens negros(as), realizávamos brincadeiras corporais na frente das telinhas. No período de isolamento social, de março de 2020 a setembro de 2021, utilizamos, exclusivamente, a plataforma Google Meet e o WhatsApp como espaços mediadores da leitura e do fortalecimento dos vínculos. Com a reabertura das escolas públicas em setembro de 2021, retomamos as atividades presenciais, com os procedimentos de prevenção da transmissão da Covid-19, como o uso de máscaras e o distanciamento corporal.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Como já relatado, a coordenação do projeto é composta por uma equipe interracial e interdisciplinar, em que os saberes se cruzam e se somam. Cada uma em seu campo interdisciplinar (Psicologia, Fonoaudiologia, Pedagogia, Literatura) consegue dar um olhar e uma visão diferenciada a partir de suas práticas e vivências tanto pessoais e profissionais quanto de trajetória de vida. Utilizamos o diário de campo (FEIO, 2016) como forma de registro das ações realizadas, primando tanto pela descrição das atividades quanto pelos sentimentos e vivências produzidos na contação das histórias. As reuniões semanais do coletivo proporcionam formação teórica e espaços de trocas e reflexões críticas sobre as experiências no projeto. O período relatado aqui é de abril de 2020 a dezembro de 2021. Os encontros presenciais aconteceram entre outubro e dezembro de 2021.

No retorno às aulas presenciais, foram escolhidas turmas dos 1º, 3º e 4º anos, faixa etária entre 6 e 11 anos. A escolha dessas turmas se deu em virtude de estarem no processo de alfabetização e formação de leitores(as). No período de dois meses, foram realizadas quatro idas à escola e um total de dez oficinas com as crianças. Mas, desde o início da pandemia, realizamos mais de trinta contações.

5 Em tempos de morte e isolamento, a potência da contação de histórias

Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer —

Conceição Evaristo, em *A gente combinamos de não morrer* (2015)

Os resultados da contação de histórias no formato virtual durante a pandemia foram muito ricos. Inicialmente, tínhamos dúvidas se conseguiríamos recriar a ludicidade da contação presencial, mas foi enriquecedora a participação das crianças no modelo virtual. Como mencionado anteriormente, em 2020, conseguimos acessar um grupo pequeno de crianças negras, encaminhadas por uma equipe de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Elas participaram ativamente, pediam para também contarem histórias, traziam seus livros, bonecos e animais de estimação. As mães e os pais das crianças avaliaram positivamente o Afroconto, pois possibilitou espaços de socialização e leitura no momento em que as escolas públicas não estavam abertas. Em um relato, uma das mães conta



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

“eu fico muito feliz pelo meu filho estar em um ambiente seguro, onde ele não é minoria, onde ele se sente pertencente, né” (AFROCONTO, 2021).

Aprendemos que o ambiente virtual é uma ferramenta interessante e um veículo importante que pode ser utilizado de maneira saudável e positiva, principalmente no momento da pandemia de Covid-19 (COSTA, 2020). Com o passar do tempo, as crianças participantes do Afroconto se apropriaram tanto do espaço virtual que passaram a chamar amigos(as), primos(as) e conhecidos. Essa versão virtual do Afroconto conta hoje com crianças de outras cidades e estados, o que nos sinaliza para a continuidade do projeto a partir de 2022 em formato híbrido. Todas as crianças que participam dessa modalidade virtual são negras, estudantes de escolas públicas, num total de seis crianças.

Com o relaxamento das medidas sanitárias de distanciamento social, por conta da pandemia, em setembro de 2021, as escolas públicas iniciaram o retorno das atividades presenciais, com turmas alternadas, ou seja, um grupo de estudantes vinha presencialmente à escola e a outra metade tinha aula remota. Muitas crianças com deficiência não puderam retornar imediatamente às aulas presenciais, em virtude de pertencerem a um grupo de risco, pelos problemas de saúde. Em uma atividade virtual desenvolvida na escola no mês de setembro, houve uma estudante cadeirante que participou da contação da história “Meu irmão não anda, mas pode voar”. Esse livro de Angel Barcelos e ilustrações de Manoel Veiga conta a história de um menino cadeirante e sua irmã. Essa estudante, pessoa com deficiência, ficou muito emocionada com a possibilidade de se ver representada na história. Posteriormente, ela compartilhou com a professora da sala de recursos como tinha amado a contação e o quanto queria ter aquele livro ou que a escola tivesse no seu acervo. Infelizmente, a biblioteca da escola está fechada por problemas de estrutura física e falta de recursos públicos para sua reparação.

No mês do Halloween, levamos uma proposta diferente, na qual fizemos contação de terror com uma história angolana onde o tema principal era a morte. “Convidados para o Jantar” foi recontado por Celso Sisto no livro Histórias Populares da Língua Portuguesa, no qual aparece a figura dos “canzumbis”. Em quimbundo, língua banta falada em Angola, canzumbi significa um corpo sem alma. Ao final daquela contação, entrelaçamos com a história de Zumbi dos Palmares.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Um dos efeitos inesperados dessa contação no dia da festa de Halloween na escola foi o relato de dois meninos negros, de turmas e idades diferentes. O primeiro deles levantou a mão e dividiu com a contadora negra que “muitas mulheres brancas têm medo do meu pai, uma vez ele chegou perto delas e elas correram”. Esse menino negro não nominou a situação vivenciada por ele e seu pai de racismo, mas o colega ao lado acrescentou: “tem algumas pessoas que são racistas”. Essa cena registrada em nossos diários de campo demonstra a violência da discriminação que homens negros vivenciam ao serem mantidos os estereótipos de bandidos e criminosos que acarretam o genocídio da população negra, em especial a juventude (IPEA, 2020). O segundo depoimento espontâneo de um menino negro aconteceu naquele mesmo dia do Halloween, mas dessa vez em tom de sussurro para uma das bruxas negras que circulava pela sala enquanto a história era contada. O menino chamou a contadora, ela se abaixou para escutá-lo, e ele, baixinho, contou como tinha medo da polícia, que muitas vezes precisava se esconder com sua mãe embaixo da cama, pois havia tiroteios na sua comunidade. Essa foi uma experiência difícil, o que fazer com ela? Por que o menino quis compartilhar aquela dor? Seria efeito da história de terror que estávamos contando, em que a morte se fazia presente? Seria a necessidade de que uma linda bruxa negra lhe ajudasse?

Esses questionamentos ainda ecoam na nossa equipe e, neste artigo, utilizamos essas cenas como analisadores importantes do racismo na infância. Comprendemos que as práticas de mediação da leitura antirracista, através da contação de histórias por contadoras negras, podem ser disparadoras de espaços acolhedores para o sofrimento e para a resignificação das violências racistas vividas pelas crianças negras.

Cidinha da Silva (2020b) nos ajuda a compreender essas experiências:

A grande lição da pandemia de covid-19 vem dos becos e vielas, as ruas típicas das favelas. Estamos por nossa própria conta, nós por nós é mantra e é atitude de combate. Nós, gente negra, só nos salvaremos da morte se cuidarmos de nós mesmos e uns dos outros, se nos responsabilizarmos pelos nossos que mais precisam. É isso que grupos de jovens, lideranças comunitárias, grupos artísticos e organizações como a Cufa (Central Única das Favelas), têm feito diante da ausência do Estado e de políticas públicas, cuidam de nossa gente, zelam por nossa saúde e pela preservação da vida. Asé para quem luta e enfrenta a morte, de pé.

Desta maneira, acreditamos na importância deste nosso trabalho no dia a dia da escola. Além das histórias e dos corpos negros das contadoras de histórias, o Afroconto também conta com a presença de fantoches negros(as). Assim, as pessoas brancas do projeto podem



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

dividir sua cena de corpo branco com bonecos negros e negras. É impressionante ver como as crianças aceitam o convite da fantasia e dialogam diretamente com os(as) fantoches. Um dos nossos bonecos se chama Manuel Padeiro, nome real de um quilombola gaúcho do final do século XIX (MAESTRI, 1995). Esse fantoche idoso cativa as crianças, mas para os(as) estudantes negros e negras ele representa a família, os mais velhos. Num dia de contação na escola, escutamos que o Manoel Padeiro era “igual ao meu avô”.

Outro ponto que observamos durante as nossas rodas de conversa após a contação é a maior timidez das crianças negras para falar. Geralmente, quem primeiro levantou a mão para fazer algum comentário sobre a história contada, assim como se sentiu mais confiante para interagir, foram as crianças brancas. Atribuímos essa possível falta de confiança e/ou timidez das crianças negras ao racismo. Como bem coloca Silva (2020a), há um esforço para autoaceitação e autoafirmação das crianças negras desde a infância, o que as obriga a um amadurecimento precoce.

Interessante pontuar que a metodologia da contação de histórias era sempre seguida pela abertura de espaços de diálogo com as crianças. Geralmente, finalizamos a mediação da leitura com alguma atividade física e/ou de dança. É válido ressaltar que levamos histórias com protagonismo negro(a) para as crianças, histórias de heróis, heroínas, cientistas, histórias africanas e com protagonismo indígena. Sempre que levamos histórias africanas, fazemos um exercício de nos remeter à África como um continente enorme e positivado, e sempre ocorrem os mesmos comentários “nunca ouvimos falar”, ao passo que, quando questionamos se as crianças já ouviram falar da França ou dos Estados Unidos, todas têm alguma imagem na cabeça.

Nesse encontro produzido entre o Afroconto e os projetos de contação de histórias da Sala de Recursos da escola pública, pudemos nos reconhecer numa luta comum, a luta antirracista na educação. Depois de um ano fechada por causa da pandemia, quando entramos na Sala de Recursos, encontramos muitos livros com personagens negros, muitos bonecos produzidos para as semanas da consciência negra e até uma boneca cadeirante construída por uma das autoras desta escrita. Trocamos histórias de vida, trocamos livros infantis e produziu-se um espaço seguro de trocas entre as mulheres negras presentes na sala, profissionais e estudantes. No intervalo das contações do Afroconto, abriu-se um diálogo sobre as



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

experiências de racismo vividas ao longo da vida. O reconhecimento mútuo dos saberes sofridos pela discriminação e a solidão e o silenciamento de não saber como nomear, como sentir e reagir ao vivido pôde ser compartilhado. Agora, já adultas, as mulheres negras ali presentes conseguiram reconhecer as estratégias de resistência construídas e a responsabilidade com seus lugares de saber-poder atuais. Por isso estão ali, estamos aqui, juntas, produzindo práticas de mediação da leitura de livros antirracistas.

Considerações Finais

Acreditamos que a mediação da leitura através da literatura infantil é um importante dispositivo para a constituição de um espaço lúdico onde práticas racistas e capacitistas possam ser desnaturalizadas. Ao realizar a contação de história no Afroconto, a magia, o encantamento, o prazer, o lúdico e o imaginário surgem como aliados imprescindíveis no processo de representatividade do/a estudante negro/a. Principalmente porque traz para a sala de aula personagens negros e negras como heróis e heroínas, destacando também a importância das contadoras, protagonistas negras, desmistificando os modelos impostos por uma mídia/sociedade excludente.

O novo cenário oportuniza aos/às alunos/as resgatar a autoestima, a construção da identidade, aceitação, formação, empatia, garantindo a representatividade da pessoa negra no espaço da escola e na sociedade como um todo. Sabemos que mudanças significativas estão acontecendo, principalmente pelos movimentos negros e pela intelectualidade negra no enfrentamento ao racismo estruturado. Nilma Lino Gomes (2019) aponta a força do movimento negro educador, que desde sempre esteve na luta contra a escravidão, o racismo, as violências. Assim, nesta escrita construída de forma interracial, foi possível acolhermos as diferenças nas trajetórias destas autoras. A violência do racismo vivido pelas mulheres negras brasileiras se faz presente na voz da professora Elisa B. Rodrigues, quando reflete sobre suas práticas antirracistas na educação:

Hoje, consigo fazer parte desse processo, mesmo sabendo que a luta é diária. Ainda silenciamos nossas vozes, não por solidão ou medo, mas por um sistema invisível



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

que mascara o racismo. Fazer a diferença é não perder o brilho do início, é reinventar-se, é aceitar-se, é alimentar a inocência, a ludicidade, é cuidar da nossa criança interior que precisou crescer em um mundo tão desigual e excludente. Superando e rompendo com o racismo estrutural (RODRIGUES, 2021).

Como já mencionado, o projeto “Afroconto e Outros Contos” é uma ação de extensão universitária vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRGS, que nasceu na articulação com trabalhadoras negras da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. A articulação com as políticas públicas é fundamental para a extensão universitária, pois possibilita as trocas de saberes e o reconhecimento do cenário local da cidade.

Financiamento e agradecimentos

Este projeto só é possível em virtude do financiamento da Política Pública Nacional de Extensão (PROEXT), para tanto, agradecemos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição pública que vem construindo pontes fora do ambiente acadêmico e possibilitando este encontro do Afroconto e da EEBSP.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AFROCONTO. **Vídeo para o Salão de Extensão da UFRGS**. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p3AdY5x0xAE&ab_channel=Let%C3%ADciaLudovico. Acesso em: 05 dez. 2021.

ARAUJO, Débora Oyayomi. **Personagens negras na literatura infantil: o que dizem crianças e professoras**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

BARCELOS, Angel; VEIGA, Manoel. **Meu irmão não anda, mas sabe voar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

BARROS, Alessandra Santana Soares e. Quarenta anos retratando a deficiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 60, 2015.

BENTO, Maria Aparecida. Branquitude e Branqueamento no Brasil. *In*: Carone, Iray e Bento, Maria Aparecida (Orgs.). **Psicologia Social e Racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, Gimene Cardozo; KANTORSKI, Luciane Prado; COIMBRA, Valéria Cristina Christello; WILLRICH, Janaína Quinzen. Crianças e o Conhecimento de Si Próprias a Partir de Histórias Infantis. **Rev Enferm Ufsm**, Abr/Jun;5(2): p. 327-338, 2015.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jan.2010.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção Do Outro Como Não-Ser Como Fundamento Do Ser**. Universidade de São Paulo, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar** – racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 99-127, dez. 2016. ISSN 1980-5462.

COSTA, Suéller Oliveira da. Da contação de histórias à moda tradicional ao storytelling ao estilo contemporâneo: estratégias para estimular o aprendizado durante a pandemia. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020**.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios** – Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020.

ESCOL.AS. Brigadeiro Silva Paes. EEEF – Escola Estadual de Ensino Fundamental (Escola Pública Estadual). 2021. Disponível em: <https://www.escol.as/247659-brigadeiro-silva-paes>. Acesso em: 05 dez. 2021.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. *In: Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FEIO, Joana Areosa. Dos nós na garganta e outros registros dos diários de campo: «São Tomé e Príncipe é como sangrar clorofila». *In: MENDES, Humberto Martins Paulo (Org.). Trabalho de Campo: Envolvimento e Experiências em Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**, 7a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. *In: MUNANGA, K. (Org.). Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD, p. 143-154, 2005.

_____. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

HAMERSKI, B. **A presença do setor privado na saúde pública no município de Porto Alegre: o caso do IMESF**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

IBGE. **ObservaPoa.** Região Cruzeiro. 2010. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=1_20_374. Acesso em: 05 dez. 2021.

IPEA. **Atlas da Violência 2020.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em 04 dez 2021.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infantojuvenil com personagens negros no Brasil. In: MAESTRI, Mário. RS: O Quilombo Rural de Manoel Padeiro. **Porto & Vírgula**, Secretaria Municipal de Cultura, Porto Alegre-RS, v. n.11, p. 54-72, 1995.

MARCO, Victor Di. **Capacitismo:** o mito da capacidade. Editora Letramento, 2021.

MELLO, Anahi Guedes. Deficiência, Incapacidade e Vulnerabilidade: do Capacitismo ou a Preeminência Capacitista e Biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência e Saúde Coletiva**, 21(10), 3265–3276, 2016.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOREIRA, Jéssica. Cidinha da Silva: “A literatura expande nosso diálogo com o mundo”. **Nós Mulheres da Periferia**. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: Um Conceito Emergente Do Processo Histórico-Cultural Da População Afro-Brasileira. NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade uma Abordagem Epistemológica Inovadora**. Coleção Sankofa, vol. 4. Selo Negro Edições: 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombo: em Palmares, na Favela, no Carnaval [1977]. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:** possibilidades nos dias da destruição. Editora Filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e Inconsciente. IN: KON, Noemi Moritz. SILVA, Maria Lúcia da, ABUD, Cristiane (Orgs.). **O Racismo e o Negro no Brasil:** questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a filosofia:** o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. 2011.

_____. O Poder da Infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento:** diálogos em educação, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019.

OLIVEIRA, Mafuane. Projeto Chaveiroeiro: Tradição Oral, Mediação De Leitura E Percursos Narrativos De Uma Contadora De Histórias. **Revista Crioula** - nº 25 - Literaturas de língua portuguesa para crianças e jovens. 1º Semestre 2020.

PADILHA, Alexandra da Silva; ZILBERSTEIN, Jacqueline. A construção de um projeto de educação antirracista na educação infantil em uma EMEF: relatos de experiências e primeiros movimentos. **Cadernos do Aplicação**, v. 33, n. 2, 2020.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro: Ed. Jandaíra, 2020.

SANTOS, Sílvia Letícia Oliveira dos. Projeto Ciranda da Leitura. In: OLIVEIRA, Ana Paula Cecato de; RAIMUNDI, Erikcsen Augusto. **Anais do IV Encontro de práticas de mediação de leitura** [recurso eletrônico]. Camaquã: IFSul, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e privilégio. In: SILVA, M. L.da; FARIAS, M.; OCARIZ, M. C. & NETO, A. S. (Orgs.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. São Paulo: Escuta, p. 137-150, 2018.

SILVA, Antônia Janiele Moreira da; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca Escolar e Mediação da Leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto**, v. 3, n. Especial, p. 36-44, 22 dez. 2017.

SILVA, Caroline Damázio da. Racismo e a Produção de Estereótipos: Impactos na Subjetividade da Criança Negra no Brasil. In: NARDI, Henrique Caetano et al. (Orgs.). **Psicologia e relações raciais: um percurso em construção** [livro eletrônico] - 1. ed. Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora, 2020a. PDF.

SILVA, Cidinha da. Becos, Vieiras, **Afoxé e Congado**. Suplemento Pernambuco: Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco. 2020b.

SILVA, Lillian Carine Madureira Vieira da. **As Possibilidades da Educação para as Relações Étnico-Raciais na Construção de um Currículo Antirracista na Educação Básica**. Dissertação de Mestrado. PPG em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2021.

SIQUEIRA, Jhonatan Cardim. A leitura e a contação de histórias enquanto recursos metodológicos para a aplicação da lei nº 10.639/03 no processo de ensino aprendizagem. **Cadernos RCC#24**, v. 8, n. 1, 2021.

SISTO, Celso. **Histórias populares da Língua Portuguesa**. São Paulo: Planeta, 2013.

SOARES, Elaine Oliveira et al. (Ed.). **Semeando o Baobá: implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2018. p. 33-45.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

CLUBE DE LEITURA LITERÁRIA: ENCONTRO DE LEITORES-MEDIADORES- PRODUTORES-DE-SENTIDOS

Marília Forgearini Nunes⁴

Renata Sperrhake⁵

Camila Alves de Melo⁶

Lílian Carine Madureira Vieira da Silva⁷

Júlia Soares Martini⁸

Mayara Krischke Lopes⁹

Giovanna Rocha Quadros¹⁰

Resumo: Este trabalho relata e analisa a experiência de um clube de leitura que iniciou com encontros presenciais em 2019, mas, devido à pandemia de COVID-19, em 2020, migrou para uma plataforma online realizando, desde então, encontros semanais para leitura e conversa sobre textos literários, predominantemente contos. Essa experiência criada e realizada com o intuito de constituir uma comunidade de leitores de literatura está assentada nas crenças de que a mediação cultural é um meio de desenvolvimento para uma interação mais sensível com o mundo, e que a amplitude dos sentidos decorre de uma prática coletiva de mediação na qual os sentidos acontecem em ato solidário, dependentes, portanto, das experiências individuais. Este relato expõe um modo de ler literatura a partir de uma prática na qual a leitura é coletiva, a mediação é autogerida e a produção

⁴ Doutora em Educação, UFRGS/FACED/PPGEDU, mariliaforginunes@gmail.com

⁵ Doutora em Educação, UFRGS/FACED/PPGEDU, renata.sperrhake@gmail.com

⁶ Doutoranda em Educação; UFRGS/FACED/PPGEDU, Bolsista de Doutorado do CNPq, camilaalvesm@hotmail.com

⁷ Mestre em educação PPGED - MP UERGS, lilian-silva03@uergs.edu.br

⁸ Graduanda Pedagogia, UFRGS/FACED, Bolsista PIBIC CNPq, juliasoaremartini99@gmail.com

⁹ Pedagoga, UFRGS/FACED, Equipe LER: Clube de Leitura, mayklopes2013@gmail.com

¹⁰ Graduanda Pedagogia, UFRGS/FACED, Bolsista de Extensão PROEXT-UFRGS, giovannarquadros@gmail.com



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

de sentidos acontece em ato. Para isso, primeiro historiciza-se e descreve-se o funcionamento do clube de leitura. Em seguida, situa-se teoricamente essa prática: os conceitos de letramento literário (COSSON, 2006; PAULINO; COSSON, 2009), leitura partilhada em círculo (COSSON, 2014) e produção do sentido em ato (LANDOWSKI, 1996) como concepções estruturantes. No terceiro momento, a partir da leitura do livro "Doze contos peregrinos" de Gabriel García Márquez, analisam-se trechos das conversas e escritas registradas no chat disponível na plataforma online, na qual os encontros do clube de leitura acontecem, cotejando como a coletividade, a autogestão e a relação entre interação e sentido se fazem presentes, constituindo uma comunidade que, ao mesmo tempo que lê, é também mediadora da leitura e dos sentidos produzidos. Esse relato analítico revela a potencialidade da leitura literária cuja mediação é gerida por um grupo que se reúne em torno de um texto literário, uma prática que aproxima não somente o leitor do texto, mas leitores de outros leitores, o que amplia as possibilidades de sentido por meio da leitura e fortalece a presença da leitura literária como experiência cotidiana. Dessa forma, tal prática pode se tornar meio de superar os baixos índices de leitores literários que caracterizam a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Mediação.

Abstract: This paper reports and analyzes the experience of a reading club that started with face-to-face meetings in 2019, but due to the COVID-19 pandemic, in 2020, migrated to an online platform, holding, since then, weekly meetings for reading and conversation about literary texts, predominantly short stories. This experience created and carried out with the aim of constituting a community of literature readers is based on the beliefs that cultural mediation is a means of development for a more sensitive interaction with the world and that the widening of the senses results from a collective practice of mediation in which the senses happen in an act of solidarity, depending, therefore, on individual experiences. This report brings out a way of reading literature based on a practice in which reading is collective, mediation is self-managed and the production of meanings takes place in the act. For this, first, the book club's functioning is historicized and described. Then, this practice is theoretically situated: the concepts of literary literacy (COSSON, 2006; PAULINO; COSSON, 2009), reading shared in a circle (COSSON, 2014) and production of meaning in action (LANDOWSKI, 1996) are structuring conceptions. In the third moment, from the reading of the book "Twelve pilgrim tales" by Gabriel García Márquez, excerpts from the talking and the writings recorded in the chat available on the online platform in which the reading club meetings take place are analyzed, collating with the community, self-management and the relationship between interaction and meaning are present, constituting a community that, while reading, is also a mediator of reading and the meanings produced. This analytical report reveals the potential of literary reading whose mediation is managed by a group that gathers around a literary text, a practice that brings not only the reader to the text, but readers to other readers, which expands the possibilities of meaning for means of reading and strengthens the presence of literary reading as an everyday experience. This practice can become a means of overcoming the low rates of literary readers that characterize Brazilian society.

Keywords: Reading; Literature; Mediation.

Introdução

[...] Ler era como pedir emprestado o olhar do escritor, mas não eram minhas as meninas de seus olhos. Só se vê com os próprios olhos. Jamais vou saber se o azul da fantasia é o mesmo azul para todos. (QUEIRÓS, 2007, p. 31).

Este relato de experiência, bem como a análise dele decorrente, têm como foco o texto literário e a sua leitura em um contexto específico de mediação que acontece tanto aproximando leitor e texto quanto um leitor de outros leitores. Além de contextualizar, descrever e analisar uma prática de leitura literária mediada de um livro de contos, também são apresentadas as principais concepções teóricas que servem de base para planejar e colocar



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

em prática tal acontecimento. A leitura literária abordada neste relato é entendida, assim como a epígrafe que abre este texto, como ação que depende dos olhos de cada um em interação com o texto e, por isso, uma roda de leitura torna-se lugar de múltiplos sentidos.

A leitura de textos literários é uma atividade historicamente relacionada à escola, porém, sua presença efetiva não é tão evidente entre as etapas da educação básica, assim como também não se faz presente no cotidiano fora do espaço escolar. Um comportamento de afastamento da leitura como atividade prazerosa se constitui e parece difícil de ser rompido. Ser leitor de literatura é uma caracterização restrita a um grupo bastante pequeno da sociedade brasileira. Em análise dos dados da pesquisa Retratos de Leitura do Brasil, de 2007, Cosson (2014, p. 12) afirma que as baixas porcentagens relacionadas à leitura literária revelam que "A leitura não é uma forma comum de lazer.". Os dados mais recentes da mesma pesquisa apresentam aumento na quantidade de não leitores e diminuição no número de leitores. A pesquisa Retratos da Leitura do Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2007, 2020), desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, considera leitores aqueles que leram, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro (seja ele literário ou não) nos últimos três meses e não leitores aqueles que não leram nenhum livro nos últimos três meses. Em 2007, a pesquisa apontou uma estimativa de 55 milhões de leitores e 45 milhões de não leitores. Enquanto, em 2019, os dados apontam 52 milhões de leitores e 48 milhões de não leitores. Destaca-se, adicionalmente, um dado da pesquisa realizada em 2019, que revelou índices relevantes de leitores na faixa etária dos 05 aos 17 anos, seguido de gradativa queda conforme a idade avança, que compreendia até os 70 anos ou mais. Esse dado pode apontar a importância da escola na frequência de leitura, instigando a pensar quais ações são feitas para fidelizar os leitores fora do âmbito da educação básica, especialmente o público adulto.

Diante dessa quase ausência da leitura literária como ação cotidiana, o que significa também desconhecimento dos protocolos para ser leitor de literatura, o LER: Clube de Leitura⁸ (Lendo Em Roda) se propõe, desde 2019, a oportunizar um espaço e um tempo dedicados à leitura de textos literários como ação de extensão vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde então, o LER oportuniza encontros para leitura em grupo e conversa sobre o que foi lido, especificamente o gênero

¹¹⁸ Projeto de Extensão registrado no sistema de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conta com apoio por meio da atuação de uma bolsista de extensão financiada pela PROEXT/UFRGS.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

literário conto, para que a leitura aconteça e possa ser significada na conversa, dentro de um mesmo encontro. Essa organização tem como concepção de base o modelo de círculo de leitura (COSSON, 2014; 2021), privilegiando a leitura e a produção de sentido em conjunto, autogerida pelo próprio grupo reunido e que acaba por ler e vivenciar a produção de sentido em ato coletivo.

Este relato de experiência concentra-se em apresentar e analisar os encontros de leitura-conversa do LER ocorridos em 2021 entre os meses de maio e junho, usando a plataforma Google Meet. Antes de analisar os encontros, sobre os quais os registros das conversas dos participantes da roda virtual de leitura-conversa serão cotejados, apresenta-se o LER: Clube de Leitura (Lendo em Roda), historicizando rapidamente como esse projeto de extensão foi idealizado e colocado em prática. Em seguida, delimitam-se e conceituam-se as concepções teóricas de base tanto para a organização do LER como clube de leitura quanto para a análise da experiência selecionada para este relato. No terceiro momento, analisam-se os encontros de leitura da coletânea de contos "Doze contos peregrinos" de Gabriel García Márquez, cotejando falas e escritas registradas durante os encontros, que permitem compreender tanto a autogestão da mediação da leitura quanto o processo de produção de sentido resultante desse modo de ser e agir das participantes da roda. Ao final do texto, trazemos algumas considerações sobre a experiência do LER.

1 História do LER

O "LER (Lendo em Roda): Clube de Leitura" é um projeto de extensão da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que iniciou suas ações em 2019, a partir de conversas entre leitoras vinculadas à Faced (docentes, técnica em assuntos educacionais, alunas de graduação e de pós-graduação e ex-aluna de graduação). Em março de 2019, esse grupo de leitoras se encontrou em um café/livraria perto da UFRGS para discutir a implementação da atividade de extensão. Para isso, foi realizada a leitura do livro "Círculos de leitura e letramento literário", de Rildo Cosson (2014), o qual se tornou uma referência importante para o Clube.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

O objetivo inicial deste grupo era a promoção e o desenvolvimento de atividades que envolvessem a leitura e o letramento literário, a fim de constituir uma comunidade de leitores (COSSON, 2014, 2021) e ampliar as experiências de leitura e interação cultural dos participantes. Desse modo, o LER começou a convidar para encontros quinzenais de leitura literária em roda, que aconteciam nas salas de aula da Faculdade de Educação da UFRGS. Nesses encontros, textos previamente selecionados eram lidos em voz alta e, então, todos os participantes discutiam abertamente sobre a leitura. Cabe ressaltar que, diferentemente da premissa de outros clubes ou espaços de leitura, o LER nunca exigiu a leitura prévia dos textos literários por parte de seus participantes, proporcionando não apenas espontaneidade nas impressões criadas pelo texto que é lido no ato, mas também maior acolhida de novos participantes ou pessoas que sentem que não têm tempo hábil para ler em sua rotina fora do clube.

Com o decorrer das semanas, foi possível perceber o início da formação de um grupo assíduo, que compartilhou emoções e conversas com a roda de leitores e leitoras ao lermos “A cartomante”, de Machado de Assis (1995), “Antes do Baile Verde” (2009) e “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles (2000), várias versões de “Chapeuzinho Vermelho” (1972, 1980, 1987), “O gato preto” de Edgar Allan Poe (1981), “A casa tomada”, de Julio Cortázar (1986), “A marmita”, de Ítalo Calvino (1999), “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago (1998), “Crônica de uma morte anunciada” (1981), de Gabriel Garcia Márquez e “No seu pescoço” de Chimamanda Ngozi Adichie (2017). Foi dessa maneira e com essas leituras que o LER desenvolveu-se ao longo de 2019.

No ano seguinte, o LER pretendia retomar suas atividades quinzenais, nos mesmos moldes em que haviam ocorrido em 2019. No entanto, por conta da Pandemia da COVID-19, que impossibilitava os encontros presenciais, depois de um tempo de reorganização, o LER repensou-se a partir de algumas alterações significativas na organização de suas ações. Inicialmente, a equipe voltou-se para as redes sociais. O objetivo era não somente divulgar os futuros encontros, mas também compartilhar informações sobre assuntos que envolvessem leitura e literatura, mediando a leitura literária a partir dessas mídias. Em seguida, iniciamos encontros semanais e virtuais de leitura e discussão literária utilizando plataformas de videoconferência (inicialmente, usamos a plataforma ZOOM e depois migramos para o Google Meet). Considerando a mudança, muitos participantes que estavam no LER deixaram



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

de comparecer aos encontros, fazendo com que a constituição central do grupo tomasse uma nova forma, desta vez agregando novos integrantes que, antes, pelos limites de distância, não poderiam compor o grupo. No modelo remoto, os participantes deveriam se inscrever em um formulário online e, semanalmente, receberiam as informações sobre os encontros.

Assim, em 2020, o LER obteve 86 inscritos/interessados para seus encontros, os quais formaram uma média de 8,92 participantes por encontro. Nesses 26 encontros do segundo ano do LER, lemos cinco livros, desta vez com foco na leitura de livros inteiros, não apenas contos selecionados, caracterizando essa nova fase com foco na leitura de textos mais longos, motivando um vínculo mais consistente com nossos participantes. Dentre as leituras de textos mais longos que realizamos estão: “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll (1992), “O fio das missangas”, de Mia Couto (2003), “Olhos D’água” de Conceição Evaristo (2014), “Comédias para se ler na escola”, de Luis Fernando Veríssimo (2001) e “Mulherzinhas”, de Louisa May Alcott (2019). Essas escolhas revelam que não abandonamos os contos, porém, quando eles foram lidos, fizemos a leitura da coletânea reunida em uma edição específica (ex. Mia Couto, Conceição Evaristo, Luis Fernando Veríssimo).

Por meio da tela e do som acessíveis pela plataforma online, as participantes (usamos o feminino porque a presença de leitoras foi predominante em nossos encontros) escutaram a leitura dos textos realizada por vozes alternadas para, em seguida, discutir sobre o que foi lido. Por vezes, o silêncio reinou nos encontros, por conta das emoções proporcionadas pelas obras ou até mesmo pela insegurança de começar a discussão e quebrar o silêncio.

De acordo com Marília, em todo encontro do grupo afloram sentimentos distintos conforme as leituras escolhidas, como o conto Maria, de Conceição Evaristo. “Conceição Evaristo nos colocou frente a uma mulher empregada doméstica voltando para casa que presencia um assalto e acaba morta”, rememora emocionada a professora. (TILLWITZ, 2021).

A despeito disso, ao longo dos encontros, os membros tornaram-se mais familiarizados e confortáveis uns com os outros e com o ambiente virtual, que, de intimidador, passou a ser um espaço de lazer e acolhida. A postura passiva eventualmente deu lugar à partilha ativa de sentidos e sentimentos em relação ao texto literário.

Em 2021, as atividades com afastamento físico seguiam sendo necessárias, por isso os encontros iniciaram novamente de forma remota. Iniciamos o ano apostando na leitura de coletâneas de contos. A primeira delas foi “Laços de família”, de Clarice Lispector (2020),



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

seguida de “A dama do cachorrinho”, de A. P. Tchekhov (2015) e a terceira foi “Doze contos peregrinos”, de Gabriel García Márquez (1992), livro que corresponde à análise dos encontros apresentada neste texto.

É importante observar que, em relação à escolha das obras, inicialmente, logo nos primeiros encontros de 2019, a equipe LER teve a autonomia de selecionar as leituras que seriam realizadas. Porém, com o passar do tempo e, conseqüentemente, com a constituição do grupo de leitoras que nos acompanha semanalmente, a escolha de livros tornou-se um processo coletivo a ser debatido entre as integrantes. Desse modo, quem lê também tem poder de escolher o que será lido futuramente. Tal posicionamento, que postula um processo democrático na escolha dos repertórios de leitura, reflete os pilares teóricos da ação de extensão, sendo ressaltados tanto por Cosson (2014, 2021) quanto por Bajour (2012), na discussão sobre os círculos de leitura e sobre a seleção de obras para a mediação, respectivamente.

Ainda sobre o que vivemos em 2021, com o objetivo de ampliarmos o acesso às discussões realizadas durante os encontros de leitura literária, o LER criou o “LER: Podcast”. É a partir dos episódios do podcast que temos a oportunidade de levar momentos de leitura-conversa para um público mais abrangente, que talvez não possa participar dos encontros. A ideia de iniciar o podcast surgiu também no contexto de pandemia da COVID-19, em que o consumo de conteúdo de entretenimento e conhecimento online multiplicou-se. Por conta disso, os episódios do podcast foram disponibilizados em várias plataformas, como no canal LER: Clube de Leitura do YouTube, no Spotify e no Lúmina Podcasts.

No terceiro ano da ação de extensão, a Equipe LER também decidiu ampliar suas atividades através de ações de extensão com foco na formação de mediadores de leitura na infância. Com esse propósito, o projeto ganhou uma nova atividade, o curso de extensão “LER para mediar: o livro infantil na roda”, que foi criado e estruturado na modalidade remota. O objetivo do curso, o qual tem como público-alvo profissionais atuantes na educação pública, especialmente professoras dos anos iniciais e bibliotecárias, é promover atividades voltadas para o letramento literário, compreendendo estudos sobre a função e a constituição do texto literário com foco na mediação da leitura para a infância. Para o desenvolvimento do curso, tivemos como leitura fundante o livro “Ouvir nas entrelinhas - o valor da escuta nas



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

práticas de leitura” (BAJOUR, 2012), que foca na educação e na mediação literária em sala de aula e em bibliotecas.

A 1ª edição do curso aconteceu no primeiro semestre de 2021. O grupo de 20 participantes selecionadas dentre as mais de 180 inscritas acompanhou quatro encontros teóricos e dois encontros dedicados à partilha dos trabalhos de mediação de leitura organizados por elas. Devido à grande procura e ao número de inscritos na 1ª edição do curso, uma 2ª edição foi promovida na segunda metade de 2021, ampliando o número de vagas de 20 para 40 e o número de encontros de partilha de dois para três. Essa experiência demonstrou como a criação de uma rede de comunicação e compartilhamento entre Universidade e professoras e bibliotecárias é essencial para a constituição de uma comunidade de leitoras e de mediadoras de leitura.

Na avaliação final da 1ª edição do curso, uma quantidade significativa das participantes pôs em pauta o desejo por um estudo qualificado e contínuo sobre temas relacionados à leitura, à literatura e à mediação dentro do contexto da educação. Uma vez que um grupo de participantes das edições anteriores se mostrou disposto a continuar estudando, foi proposta uma nova ação do projeto LER, o “LER: teoria em roda”. Esse novo “braço”, também iniciado em 2021, corresponde a encontros mensais de leitura e debate de artigos científicos que têm como tema a leitura, a literatura infantil e a mediação. Assim como nas duas edições do curso, o “LER: teoria em roda” contou com participantes de diferentes regiões do Brasil, apontando a potência e o alcance deste projeto de extensão. Ele também ocorre de forma virtual através de plataformas de videoconferência e segue a estrutura de leitura em roda com vozes alternadas, com comentários feitos sem restrições durante a mesma e culminando em uma discussão de cunho colaborativo. Durante este primeiro ano, foram feitas leituras de artigos selecionados pela própria Equipe LER sobre temas diversos, entre eles “Vira logo a página! Mediação de leitura e processo de criação de livro de imagem” de Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araújo (2016), “As dicotomias da leitura na educação básica: reflexões sobre o ‘literário’ e o ‘não literário’” de Ana Paulo dos Santos de Sá (2016), “‘E a Bela dançou...’: subvertendo o belo feminino dos contos de fadas” de Maria Cristina Martins (2016), “Um estatuto para a poesia infantil contemporânea: reflexões a partir do PNBE” de Marli Cristina Tasca Marangoni e Flávia Brocchetto Ramos (2017), “Biblioteca escolar e sala de leitura: um longo caminho para universalização” de Pedro de Souza Santos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

(2018) e, por fim, “Literatura Infantil para crianças que aprendem a ler” de Regina Zilberman (1985).

A partir do histórico exposto, percebe-se um alargamento dos propósitos da ação de extensão, mas sempre mantendo o foco na formação de comunidades de leitores e acreditando na potência do ato coletivo de leitura. Tais orientações refletem as escolhas teóricas que guiam a ação, explicitadas a seguir.

2 Conceitos que configuram o LER e as suas rodas de leitura

O que é ler e o que é literatura são as primeiras definições que precisam ser feitas para que os demais conceitos teóricos e metodológicos mais específicos e basilares a este relato de experiência sejam explicitados. Uma definição de ler pode assumir diferentes perspectivas, como pontuam Paulino *et al.* (2001, p. 13), visto que se trata de um conceito que, mesmo que não possua "um sentido fixo, a palavra carrega significações [...]" estabelecidas a partir de diferentes teorias: cognitiva, psicológica/psicanalítica, sociológica, pedagógica, comunicativa, discursiva ou literária.

No LER, a leitura é significada adotando uma perspectiva dialógica para a qual ler é um processo que envolve quem escreve, para quem se escreve (autor, leitor) e o que se escreve (texto) (FIORIN, 2009, p. 46): "Assim, o processo da leitura deve levar em consideração as relações internas produtoras de significação e as relações do texto com sua exterioridade, outros discursos, outros textos.". Além disso, a lente teórica da literatura também é essencial, visto que as ações do clube consideram que o texto é lido de modo que ele seja um convite à fruição e à produção de sentidos, apoiando-se na dimensão semiótica do texto, pois o sentido imanente à textualidade é essencial para que as funções literária e estética se realizem. Essa perspectiva de leitura pretende, em síntese, oportunizar aos leitores a "[...] apropriação de um modo singular de construir sentidos: o literário." (COSSON, 2014, p. 25).

Tal perspectiva da leitura literária e do texto literário, que associa interação e sentido, combina-se com o conceito de letramento literário que é central na proposição do LER, cujas ações pretendem a realização do "processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos" (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). No LER, esse processo organiza-se



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

adotando o que Paulino e Cosson (2009, p. 67) consideram condição imprescindível, que é a "[...] leitura efetiva dos textos literários [...]" ou, como diz Cosson (2006, p. 47), "[...] contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. [ou ainda] [...] ultrapassar o simples consumo de textos literários".

A prática de ler o texto em voz alta, isto é, de trazer o texto para que o encontro com ele seja coletivo e simultâneo, oportuniza a interação verbal direta com o texto e com a linguagem literária e permite a experiência de viver o outro a partir da palavra, dois procedimentos que singularizam e efetivam o letramento literário (PAULINO; COSSON, 2009, p. 68-69). A organização da leitura na coletividade pretende a constituição de uma comunidade de leitores e leitoras. Cosson (2014), com base em Fish (1995), explica que os sentidos que produzimos ao ler decorrem de um "[...] jogo de forças de uma comunidade e que é por meio da participação nessa comunidade que nos constituímos como leitores." (COSSON, 2014, p. 138). Para a constituição de uma comunidade de leitores, Cosson (2014, p. 139) aponta que o círculo de leitura é uma prática singular, porque a leitura em conjunto explicita "o caráter social da interpretação dos textos [...] com um grau maior de consciência [...]", reforçando ou desafiando um repertório manipulável de conceitos, práticas e tradições, "estrita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade", além de ser um espaço formativo e colaborativo "ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...]".

O fato de que os encontros do LER pretendem ser um espaço de leitura compartilhada, nos quais um ouve o outro lendo em voz alta e, ao mesmo tempo, acompanha o texto em uma leitura silenciosa, e também de sentidos produzidos em conjunto, constitui um modelo de interação estreitamente relacionado com a significação. Os sentidos não são previamente idealizados, nem estão exclusivamente no texto ou dependem somente dos leitores que estão na roda, os sentidos decorrem do encontro e do momento do encontro e como as interações acontecem ao longo dele.

Essa compreensão alinha-se ao entendimento de que o "fazer sentido" acontece e é apreendido "'em situação'[grifo do autor] — no ato — , isto é, na singularidade das circunstâncias próprias a cada encontro específico entre o mundo e um sujeito dado, ou entre determinados sujeitos." (LANDOWSKI, 1996, p. 28). Esse "fazer sentido" pressupõe o que Landowski (1996, p. 35) denomina uma "experiência também da ordem co-presença, já quase



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

intersomática", visto que coloca em ação diferentes modos de sentir, não se limitando a uma decodificação simbólica de um ou outro elemento em específico, mas de um envolvimento alicerçado na apreensão do objeto como um todo. No caso da leitura, ela acontece no encontro do clube que, mesmo sendo mediado pela tela, pelo aplicativo que possibilita que o grupo se reúna, oferece a imagem de quem lê, a voz que lê e que comenta o que leu, bem como a escrita de quem comenta o que leu no espaço de comentários da plataforma (chat), possibilitando a presença que mobiliza diferentes sentidos para que o sentido em ato aconteça.

3 Doze contos peregrinos e uma experiência coletiva de leitura e produção de sentidos

Sempre acreditei que toda versão de um conto é melhor que a anterior. Como saber então qual deve ser a última? É um segredo do ofício que não obedece às leis da inteligência mas à magia dos instintos, como a cozinheira que sabe quando a sopa está no ponto. Seja como for, por via das dúvidas, não tornarei a lê-los, como nunca tornei a ler nenhum de meus livros com medo de me arrepender. Quem os ler saberá o que fazer com eles (MÁRQUEZ, 2020, p. 16).

Assim como Gabriel García Márquez cita a magia dos instintos para indicar o momento em que ele, como autor, considera um conto como estando em sua versão final, também recorremos, como leitoras, a algo que está para além da dimensão cognitiva para significar e produzir sentidos para a leitura literária. Porém, diferentemente do autor, que coloca um ponto final na sua escrita, quem se dedica à leitura literária dificilmente delimita um fim para a sua compreensão, visto que muitas leituras ficam reverberando nos leitores tempos depois de lidas, assim como outras tantas lhes vem à mente nos mais inusitados momentos. Diferentes camadas de sentido vão se produzindo ao longo da leitura literária, especialmente quando essa é compartilhada com outros leitores. Nas palavras de Alberto Manguel (2016),

A arte de ler é, de muitas maneiras, oposta à arte de escrever. Ler é uma arte que enriquece o texto concebido pelo autor, o aprofunda e o torna mais complexo, concentrando-o de modo a refletir a experiência pessoal do leitor e a expandi-la aos mais distantes confins do seu universo, e para além destes.

É isso o que acontece no LER: Clube de Leitura.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

A coletânea “Doze contos peregrinos”, de Gabriel García Márquez, foi lida nos encontros semanais do LER que aconteceram entre os meses de maio e junho de 2021. No prólogo da obra, publicada em 1992 (na Colômbia e no Brasil), Márquez faz uma conversa com os leitores e explica que os contos foram escritos ao longo de 18 anos; cinco foram crônicas de jornal e roteiro de cinema, um se tornou série de TV, outro foi contado em uma entrevista gravada e depois transcrito e publicado nesta coletânea. Esse percurso, segundo o escritor, revela uma rara experiência criativa que merece ser explicada, pois “[...] nem que seja para as crianças que querem ser escritores quando grandes, saberem desde agora como é insaciável e abrasivo o vício de escrever” (MÁRQUEZ, 2020, p. 9). Além disso, também no prólogo, o autor evidencia movimentos de escrita e, principalmente, reescrita de cada um dos contos que compõem a obra, revelando aos leitores que, por diferentes motivos, o livro esteve na iminência de nunca chegar às mãos deles.

O LER dedicou oito encontros para essa coletânea de contos. Cada encontro teve duração variando entre 1 hora e 1 hora e 20 minutos. Aqui neste relato, para não extrapolar os limites do texto, foram selecionados alguns trechos específicos para fazer as análises, sendo assim, não serão mencionados todos os contos da coletânea em questão, tampouco os sentidos produzidos nas rodas de leitura de cada um dos oito encontros.

O material que será analisado neste texto é formado por transcrições de falas das participantes do clube de leitura e registros no chat da plataforma Google Meet, provenientes do momento de interação do grupo que ocorre, geralmente, ao final da leitura em voz alta do conto selecionado. Convém destacar que, apesar de haver uma equipe organizadora do clube, no momento da roda de leitura não há hierarquia entre as participantes: todas têm liberdade para se expressar a qualquer momento, seja na leitura em voz alta, seja na conversa sobre o que se lê. Entretanto, no momento de leitura em voz alta, notamos um predomínio das vozes das integrantes da equipe, o que não se replica na roda de conversa, momento em que todas as participantes tomam a palavra.

O tom das conversas é informal, não analisamos a obra a partir de aspectos técnicos ou estruturais, apesar de surgirem comentários a respeito da textualidade narrativa e literária. Ressaltamos que esta é uma roda de conversa entre leitores, não somos um clube analítico de literatura, pois entendemos que não há necessidade de saberes técnicos para que o texto literário seja apreciado. Muitas vezes, as primeiras impressões a respeito de um conto que está



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

sendo lido são compartilhadas no chat do Google Meet, ainda durante a leitura em voz alta, este é um ponto positivo a ser destacado das interações online. Geralmente são comentários de exclamação em algum trecho de tensão ou revelação e é comum surgirem frases como “Ai, meu Deus, não faz isso!” ou “Eu não acredito!” ou, ainda, “Qual o problema dessa pessoa?” (referindo-se a um personagem em particular). Ali já temos uma forma de antessala da conversa que virá, de prévia da roda de conversa quando ela estiver aberta.

Mesmo que não seja um encontro de análise estrutural do texto literário, não podemos ignorar que o fantástico, encontrado na obra de García Márquez, é provocador de muitas dessas surpresas, não apenas expressas em frases, mas também em silêncios. Momentos em que quem ouviu e quem leu ficam em suspenso, ainda saboreando o conto; às vezes, não conseguimos sair das histórias no momento em que a leitura é encerrada, até que o silêncio é quebrado por alguém da roda: “É isso mesmo?”, “Deixa eu ver se entendi...”, dizem as participantes do clube. Todorov (2010, p. 43) nos diz que o fantástico dura o tempo de uma hesitação, comum tanto ao leitor quanto à personagem. “No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma contudo uma decisão, opta por outra solução, saindo desse modo do fantástico.” Então, em nossa roda, é iniciada a conversa.

Assim, diante de uma roda em que os ouvintes da história se sentem seguros, surgem todo tipo de comentários: discordâncias, revelações que não haviam sido percebidas, releituras de trechos; além de risos, levantamento de dúvidas “Será, gente? Eu não tinha percebido desse jeito!”, são falas recorrentes entre as participantes. “A escrita ordena emoções e torna a fantasia transparente. E a palavra escrita, pelo que ela guarda de franjas, confere ao leitor o poder de atribuir inumeráveis sentidos à oração. Ler é também escrever.” (QUEIRÓS, 2007, p. 25). E assim vamos formando nossa comunidade de leitores que tornam-se uma espécie de cúmplices, ao compartilharem a intimidade de seus pensamentos a respeito dos desdobramentos dos contos após a escuta, como se, ao falar, relessem e reescrevessem as histórias lidas. As palavras-chave de nossa roda de leitura são: escuta e partilha de compreensões.

Para dar início à nossa análise, selecionamos o quinto conto da coletânea, que tem como título “Só vim telefonar”, um dos que mais provocaram comentários na roda. Somos apresentados à história de Maria de la Luz Cervantes, uma mulher que tem seu carro quebrado em uma estrada remota em um dia de chuva e, após muitas recusas de carona, finalmente um



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

ônibus para e Maria de la Luz embarca. No ônibus, há apenas mulheres, todas dormindo. Maria também adormece durante o percurso. Desperta, quando o ônibus para, sem saber quanto tempo dormiu nem onde estava, apenas descobre pela vizinha de assento que elas chegaram. O lugar não parece amigável, muito menos as pessoas que lá estão. Maria só queria usar o telefone e, com esse objetivo, desembarca e corre até a porta do prédio, no entanto, a narrativa se desenrola e seu objetivo inicial e principal nunca é atingido, diferentes situações a impedem de telefonar e conseguir ajuda para sair dali. O marido que a esperava em casa acaba por reencontrá-la depois de muito tempo, mas esse não é o desfecho dessa narrativa que ainda traz outros eventos, surpreendendo o leitor até o final.

O conto causou incômodo, assombro e indignação, inclusive da participante que fazia a leitura em voz alta, que questionava, ainda durante a leitura, “Mas ele não vai tentar tirar ela de lá?”, deixando o rastro do que seriam os comentários ao final da leitura, que iniciaram assim:

- L1: Ela ficou louca. Coitada da Maria, meuuu!
L2: Gente, o que é que é isso?
[um segundo de silêncio]
L2: Que ódio desse homem.
L3: Fala sério, né?! Uma carona num ônibus para usar um telefone...
L4: Ainda bem que hoje existe celular, então (risada)...
L4: Mas eu tô chocada também...
L2: Meu Deus.. Vou dizer de novo, meu Deus! Tô chocada! Que ódio desse homem, gente...
[há a conversa sobre a ausência de uma das participantes no encontro anterior e, após, o fio é retomado]
L5: Esse marido...
L2: Mas tinha uma história com esse marido... Ela já tinha abandonado ele algumas vezes .. Era assim ela ia e vinha
L1: E ele achou que essa era mais uma história dessas, que ela tinha abandonado, ele achou que era isso ... Ficou com raiva dela, ficou com ciúme
L2: E depois, acho que ela estava louca mesmo
L6: Eu nem sei se era isso e ele não quis tirar ela de lá porque era mais conveniente pra ele. Ela nunca fugiria dele se ela tivesse presa lá, entendeu?
L5: Para o próprio ego dele. Já que ela me deixou tantas vezes é melhor que ela fique aí que nem uma louca do que fazer isso de novo comigo...
L2: Dessa vez fui eu quem me vinguei

Esse excerto da conversa inicial após a leitura demonstra como a roda vai aos poucos se mostrando, revelando os sentidos produzidos, primeiro ao longo da leitura (enquanto ouviam e liam), depois os sentidos que vão sendo construídos, reconstruídos ou reafirmados no intercalar das falas. A voz que leu e os olhares que encontraram o texto reúnem-se e produzem sentidos partilhados na conversa após a leitura. Por vezes, retoma-se o texto e os fatos narrados em uma tentativa de confirmação do sentido (L1), outras vezes os sentidos são



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

viscerais (L2), e há também os sentidos que inferem possibilidades caçando pistas para entender o que houve (L6). Esse movimento demonstra os percursos da leitura individual que se entrelaça com a coletiva, tornando tanto a leitura quanto a significação um processo compartilhado. A leitura é mediada pela voz de quem lê, que aproxima a roda do texto, que possibilita que ele não seja somente lido em silêncio, mas também ouvido e, posteriormente, os sentidos são mediados por todos que ocupam o espaço da conversa e tecem os fios que coletaram durante a leitura, seja tecendo peças em conjunto, seja deixando pontos em aberto para novas tessituras.

No podcast dedicado ao livro em questão, uma das participantes relatou que, durante a leitura deste conto, baixou o volume para ler mais rápido do que quem estava lendo em voz alta, tamanha a sua ansiedade em saber o desfecho da história de Maria, em “Só vim telefonar”. Tal conduta reflete a concomitância de diferentes modos de ler mesmo em uma leitura compartilhada, ou seja, há espaço na coletividade para os modos de ler individuais de cada leitor. Ao mesmo tempo, cabe trazer para a discussão as problematizações de Chartier (2020) em torno de uma “aceleração”, característica do desejo de instantaneidade que predomina no tempo em que vivemos e que pode ser aplicada a todos os objetos culturais, incluindo os livros. Sendo assim, podemos compreender essa “ansiedade leitora” como flutuação entre a aceleração que atualmente nos caracteriza enquanto sociedade e nosso instinto leitor pela descoberta do grande desfecho.

Ainda sobre os diferentes modos de ler que caracterizam o clube de leitura, é importante salientar que há participantes que leem o texto que é projetado em tela para leitura coletiva, outros que acompanham a leitura em seus e-readers pessoais e, ainda, outros que leem em seus livros impressos. Além disso, diferentes edições são bem-vindas, provocando comparações entre traduções, notas de editor e outras particularidades que caracterizam e diferenciam cada exemplar. São, portanto, diferentes modos de ler e também diversificadas materialidades/suportes colocados em jogo nas partilhas da roda de leitura.

Trechos dos contos que foram surpreendentes ou que impactaram as leitoras pela sua beleza são, frequentemente, relidos. Foi o que aconteceu durante a conversa sobre o conto “A luz é como água”. Manguel (2016) afirma que,

[...] quando nos deparamos com uma passagem assombrosamente bela ou com um argumento poético intrincado que não nos tinha impactado tanto numa leitura anterior, nosso impulso não é tanto o de comentá-la, mas antes de lê-la em voz alta para um amigo, para compartilhar, tanto quanto possível, a epifania original.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

O conto em questão trata do pedido peculiar de dois irmãos para seus pais: um barco a remos. Os pais argumentam que na cidade onde moram não há águas navegáveis, mas a dupla insiste no pedido e seu pai acaba cedendo. As crianças levam o barco para o quarto da empregada, com a ajuda de amigos. No decorrer da narrativa, o leitor tem acesso a outros pedidos feitos pelos irmãos e aos momentos vividos por eles ao inundarem o apartamento não com água, mas com luz. Na roda de leitura, este conto foi acolhido pelas participantes e bastante comentado pela sua beleza. Os trechos que foram relidos durante a conversa foram os seguintes:

A luz é como água — respondi. — A gente abre a torneira e sai (MÁRQUEZ, 2020, p. 219).

Chamados com urgência, os bombeiros forçaram a porta do quinto andar, e encontraram a casa coberta de luz até o teto. O sofá e as poltronas forradas de pele de leopardo flutuavam na sala a diferentes alturas, entre as garrafas do bar e o piano de cauda com seu xale de Manilha que agitava-se com movimentos de asa a meia água como arraia de ouro. Os utensílios domésticos, na plenitude de sua poesia, voavam com suas próprias asas pelo céu da cozinha. Os instrumentos da banda de guerra, que os meninos usavam para dançar, flutuavam a esmo entre os peixes coloridos liberados do aquário da mãe, que eram os únicos que flutuavam vivos e felizes no vasto lago iluminado. No banheiro flutuavam as escovas de dentes de todos, os preservativos do pai, os potes de creme e a dentadura reserva da mãe, e o televisor da alcova principal flutuava de lado, ainda ligado no último episódio do filme da meia-noite proibido para menores (MÁRQUEZ, 2020, p. 221)

Na conversa sobre o conto, as participantes compartilham suas impressões sobre a leitura:

L1: Eles [as crianças] querem o barco pra brincar. O conto não usa essa palavra, mas é um pouco isso que as crianças estão fazendo.. Elas estão brincando.. Imaginando com esse objetivo, o barco. E a descrição que o Gabo faz dessa situação de brincadeira e das crianças brincando é o que eu achei o mais lindo do conto.

L2: O autor nos coloca nessa posição de volta.. De imaginar.. Do que é imaginar uma brincadeira... E embarcar na fantasia [...] e esse trecho que a L1 leu descreve esse momento, desses meninos enxergando esses peixes coloridos e tudo o mais.

Manguel também aponta que, quando lemos o que ele chama de “grande literatura”, na falta de um termo melhor, os leitores esperam finalizar a leitura tendo assimilado o texto em toda a sua complexidade. Obviamente, não raro, essa expectativa é frustrada — não por incapacidade do leitor, mas sim pela própria complexidade da obra — e, diante dessa frustração, “somos compelidos a voltar ao texto mais uma vez na esperança de, agora, talvez, alcançarmos nosso propósito” (MANGUEL, 2016). Na roda de leitura do clube, esse retorno e releitura de trechos do texto literário e a conversa decorrente desse movimento atuam como



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

uma forma de construção de significados compartilhados, naquilo que estamos chamando de mediação gerida pelo grupo, pois não há a figura do mediador autodeclarado: todas as participantes fazem a mediação em diferentes momentos da conversa.

Um exemplo que retoma a discussão feita no parágrafo anterior se deu com as diferentes assimilações diante da complexidade do desfecho do conto “Maria dos Prazeres”, leitura que dividiu as leitoras. No enredo desse conto, temos uma senhora chamada Maria, de 76 anos, que está certa que morrerá antes do Natal. Diante dessa certeza, ela se encontra com um agente funerário para garantir o local onde seria enterrada. No final do conto, o que aconteceu com Maria é incerto, e isso deixou as participantes divididas entre “vida e morte de Maria”. Voltavam ao texto para justificar — e defender ardorosamente — seus pontos de vista. A partir disso, é possível refletir que o autor, ao suspender as certezas e deixar finais mais abertos à imaginação, provoca um movimento em que “[...] o leitor tem de descomplicar a complicação do texto [...]” (HANSEN, 2019, p. 64). Vemos, nos encontros, essa tentativa diante das complexidades oferecidas pela leitura, em que leitores tentam “descomplicar” o texto para si, ao mesmo tempo em que tentam convencer os outros a seguirem sua linha de raciocínio, em uma produção/negociação de sentidos em ato.

Nessa direção, “[...] o livro é uma obra acabada sempre inacabada porque sempre aberta às iniciativas de leitores de diversas mediações sociais, dotados de competências culturais diversas e em diferentes situações sociais.” (HANSEN, 2019, p. 38). E é justamente quando esses leitores, tão diversos, se encontram em um ato de leitura compartilhado que novos sentidos podem ser produzidos a partir da partilha de suas variadas percepções sobre o texto que ocorrem desde seus diferentes locais de fala e visões de mundo.

Considerações finais

A partir das ações desenvolvidas pelo LER: Clube de Leitura, buscamos socializar os objetivos desta ação de extensão da FACED/UFRGS, que podem ser resumidos em criar comunidades de leitores. Diante disso, nossas ações se voltam para a promoção tanto de espaços de formação de mediadores de leitura para a infância quanto de espaços de fruição do texto literário para adultos.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Retomando uma frase de Gabriel García Márquez, autor da coletânea de contos que foi lida no clube e neste relato possibilitou materializar as rodas de leitura do LER, em que nos diz “Quem os ler saberá o que fazer com eles” (MÁRQUEZ, 1992, p. 16), referindo-se aos seus contos. As análises realizadas mostraram que leitoras brasileiras, de diferentes regiões do país (Nordeste, Sudeste, Sul), reunidas de forma remota através de plataformas online de videoconferência em 2021, com diferentes experiências de leitura, num movimento de partilha coletiva, souberam “o que fazer” com os contos de Márquez, conferindo a eles sentidos produzidos de forma compartilhada em uma roda de leitura-conversa e conversa-leitura. A leitura seguida de conversa presentifica uma “[...] significação do texto de ficção [que] não se esgota na interpretação temporalmente variável que fazemos dele.” (HANSEN, 2019, p. 66). O texto ficcional está, permanentemente, aberto à construção de novos significados que, acreditamos, são potencializados pela roda.

O relato analítico tecido neste texto revela a potencialidade da leitura literária cuja mediação é gerida por um grupo que se reúne em torno de um texto literário, uma prática que aproxima não somente o leitor do texto, mas leitores de outros leitores, o que amplia as possibilidades de sentido por meio da leitura e fortalece a presença da leitura literária como experiência cotidiana.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

ALCOTT, Louisa May. **Mulherzinhas**. São Paulo: Martim Claret, 2019.

ARAÚJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. Vira logo a página! Mediação de leitura e processo de criação de livro de imagem. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 34, n. 66, p. 93-110, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/449>
Acesso em: 4 nov. 2021.

ASSIS, Machado. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: editora Moderna, 1995.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas** – O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do gato, 2012



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

- CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou as estações na cidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilha**. São Paulo: Cia das Letras, 1992
- CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** São Paulo: Letraviva, 2020.
- CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.
- _____. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COUTO, Mia. **O fio das missangas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003
- DIAS-BECK, Suzana; PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Porto Alegre: Melhoramentos, 1980.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FISH, Stanley. **Is there a text in this class?: the authority of interpretive communities**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- FIORIN, José Luiz. Leitura e dialogismo. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 41-60.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhe. **Chapeuzinho vermelho**. São Paulo Record, 1972.
- GRIMM, Jacob GRIMM, Wilhel GUEDES, Avelino Pereira. **Chapeuzinho vermelho**. Porto Alegre: Kuarup. 1987.
- HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo: Sesc; Ateliê Editorial, 2019. 67 p.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**: 5ª edição. [S. l.]: IPL, 2020. 153 slides, color. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil** [2ª edição]. [S. l.]: IPL, 2007. 111 slides, color. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/APRESENTACAO_RETRATOS_DA_LEITURA_NO_BRASIL_28MAIO.pdf. Acesso em: 4 nov. 2021.
- LANDOWSKI, Eric. Viagem às nascentes do sentido. In: SILVA, Ignácio Assis. (org.). **Corpo e sentido: a escuta do sensível**. São Paulo: UNESP, 1996. p. 21-43.
- LINSPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

MANGUEL, Alberto. **Uma história natural da curiosidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. E-book.

MARANGONI, Marli Cristina Tasca; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Um estatuto para a poesia infantil contemporânea**: reflexões a partir do PNBE. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 50, p. 330-350, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/nKZDL7wcQd9dHmZc7ZPzg9K/?lang=pt> Acesso em: 4 nov. 2021.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Crônica de uma morte anunciada**. São Paulo: Record, 1981

_____. **Doze contos peregrinos**. Tradução de Eric Nepomuceno. 32º ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MARTINS, Maria Cristina. "E a Bela dançou...": subvertendo o belo feminino dos contos de fadas. **Revista Estudos Feministas**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 351-363, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/kgxCSDGb5b6cMM9fDpm6Ldh/?lang=pt> Acesso em: 4 nov. 2021.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-80.

PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Breno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1981

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para ler em silêncio**. São Paulo: Moderna, 2007.

SÁ, Ana Paula dos Santos de. As dicotomias da leitura na educação básica: reflexões sobre o "literário" e o "não literário". **Leitura: Teoria & Prática, Campinas**, v. 34, n. 66, p. 111-124, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/450> . Acesso em: 4 nov. 2021.

SANTOS, Pedro Souza. Biblioteca escolar e sala de leitura: um longo caminho para universalização. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 28-47, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/143688/149503> . Acesso em: 4 nov. 2021.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Cia das Letras, 1998

TILLWITZ, Lucas. Em meio à pandemia, iniciativas de leitura coletiva em voz alta aproximam mentes e corações. **Jornal da Universidade**, [Porto Alegre], 21 out. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/em-meio-a-pandemia-iniciativas-de-leitura-coletiva-em-voz-alta-aproximam-mentes-e-coracoes/>. Acesso em: 4 nov. 2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

TCHEKHOV, A. P. **A dama do cachorrinho**. São Paulo: Editora 34, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr do sol**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil para crianças que aprendem a ler. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 79-83, 1985. Disponível em:
<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1364>. Acesso em: 4 nov. 2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

DESENVOLVENDO COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS ATRAVÉS DA LITERATURA DURANTE AS AULAS REMOTAS NO PERÍODO DE PANDEMIA: A LEITURA APROXIMANDO PESSOAS

Cristiane dos Santos Benelli¹²

Resumo: A rápida propagação do novo Coronavírus (COVID-19) atingiu o mundo inteiro e foram necessárias medidas preventivas de isolamento social. A mudança da rotina, as incertezas sobre o presente e o futuro são dilemas enfrentados pela maioria da população neste período de pandemia. À escola, coube adaptar-se e foi fundamental alavancar iniciativas que fidelizassem os alunos ao hábito de ler. O contato com a literatura ajuda a avaliar novas perspectivas ou respostas, o que funciona como alívio e encorajamento. No projeto aqui relatado, o público-alvo foram alunos de uma turma de quinto ano composta por 29 alunos do Colégio La Salle Canoas (RS). O objetivo do projeto foi estimular o exercício da leitura como forma de despertar conexões entre professora e alunos, promover a prática da empatia, além de apoiar a compreensão das próprias emoções e das diferentes formas de lidar com elas durante as aulas remotas no ano de 2020. Na turma em questão, o desenvolvimento da maioria das aulas do ano letivo foi realizada de forma remota. O que estimávamos que duraria semanas, acabou estendendo-se por nove meses até o fim do ano letivo. Ficamos diante do desafio de manter nossos alunos como leitores fiéis à proposta inicial, confiando no processo de leitura como forma de driblar o isolamento. Além de todas as adaptações necessárias para a realização das aulas, um enorme desafio foi a manutenção da rotina de leituras e discussões literárias, que em tempos “normais” ocorriam, prioritariamente, no ambiente da biblioteca da escola. Nos momentos de leitura, nossa turma se deslocava até a biblioteca, onde os alunos liam através de livros físicos ou por meio de tablets, acessando a plataforma de leitura “Árvore de livros” mantida pela escola. O acesso a esta plataforma de leitura é oferecido sem custo para todos os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Além da leitura individual, reservávamos um momento importante para as discussões e indicações de obras lidas (tanto físicas como virtuais). Com a necessidade de oferecer aulas online, foi adaptado um horário para acesso à plataforma de leitura, assim como videoconferências para compartilhamento de experiências de leitura. O projeto intitulado “Drops de leitura” foi o canal para divulgação e discussão de obras literárias. A cada semana, era publicado no ambiente virtual de aprendizagem um vídeo elaborado pela professora com uma indicação de livro para leitura. Posteriormente, foram oportunizados ricos

¹² Professora do Colégio La Salle Canoas, formada em Pedagogia, atuando no quinto ano, desenvolveu o projeto “Drops de Leitura” no ano de 2020. E-mail: cristiane.benelli@prof.soulasalle.com.br.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

momentos de análise literária, trocas de impressões sobre as leituras e também indicações de livros por parte dos alunos. A interação dos alunos foi crescente a cada semana: opinavam, comentavam e compartilhavam obras literárias. Dessa forma, é possível concluir que, apesar do distanciamento social, da realização das atividades online e da adaptação metodológica das aulas, a utilização da Plataforma “Árvore de livros” e as retomadas semanais contribuíram para a manutenção de um estreito relacionamento com a literatura; os alunos aumentaram seu volume de leitura, inclusive, ampliando seu interesse neste tema, desenvolvendo sua autonomia e resignificando o conhecimento de forma crítica.

Palavras-chave: Empatia; Competências; Emoção; Literatura; Vivências.

Abstract: The fast transmission of the new coronavirus (COVID -19) has hit the whole world, and we needed preventive social isolation acts. Routine changes, doubts about the present and the future are dilemmas faced by most of the worldwide population in this pandemic period. Schools needed to adapt and it was essential to leverage initiatives that would make students loyal to the habit of reading. The contact with literature helps to evaluate new perspectives or answers, which provides relief and encouragement. The target audience was a class of 29 students from La Salle Canoas School (RS). The main objective of this project was to encourage the exercise of reading as a way of awakening connections between the teacher and the students, promoting the practice of empathy, and supporting the understanding of one's own emotions as well as the different ways of dealing with them during remote classes in 2020. In this specific class, most of the lessons were realized remotely. What we estimated would last a few weeks, took nine months, until the end of our school year. We faced the challenge of keeping our students as readers who are faithful to the initial proposal, relying on the reading process as a way to overcome isolation. In addition to all the necessary adaptations to carry out the classes, maintaining the routine of readings and literary discussions, which in “normal” times took place primarily in the school's library environment, proved to be particularly challenging. During reading times, our class moved to the library, where students read physical books or on tablets, accessing the reading platform “Árvore de Livros”, maintained by our school. The access to this reading platform is offered as a free service to all the students from Kindergarten to High School. In addition to individual reading, we scheduled a important moments for discussions and indication of other books to read (both physical and virtual). With the need of offering online classes, a time was adapted to access the reading platform, as well as videoconferences for sharing reading experiences. The project entitled “Reading Drops” was the channel for spreading and discussing literary works. Each week, a video created by the teacher was published in the virtual learning environment with an indication of a book for reading. Later, rich moments of literary analysis, exchanges of views on readings, and also book indications by the students were provided. The interactivity of students grew every week: they gave their opinion, made comments and shared literary works. So, it is possible to conclude that, despite the social distance, the online activities and the methodological adaptation of the classes, the usage of the “Árvore de Livros” reading Platform and the weekly retakes contributed to the maintenance of a close relationship with literature; the students increased their reading volume, even expanding their interest in this topic, developing their autonomy and giving critical new meaning to knowledge.

Keywords: Empathy; Competences; Emotions; Literature; Living.

1 Introdução

As mudanças de vida e de rotina impostas pelo avanço da pandemia da COVID-19 impactaram não apenas o trabalho e o estudo de cada família, mas a organização familiar e escolar na sua essência. Subitamente, tudo precisou ser reorganizado, recolocado, repensado. Conforme Tamashiro (2021, p.35), a declaração da pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) causou uma “quebra disruptiva de paradigma”, substituindo o ensino presencial pelo ensino remoto emergencial, aprovado temporariamente pelo Ministério da Educação (MEC).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Foram muitas adaptações: mudança de espaço, metodologia, horários, organização de turmas, calendários, etc. O mais interessante e incrível foi que a escola se reinventou. Não houve recuo, apenas um “recálculo de rota” a fim de adaptar-se às exigências características do momento. A escola, então, alterou sua estratégia de trabalho a fim de seguir seu propósito de garantir a construção dos conhecimentos de forma competente e satisfatória. Nesse momento, uma das alternativas foi o investimento no ensino remoto, virtualizando, momentaneamente, o ensino presencial.

O uso de plataformas digitais modificou o cenário das aulas: o contato presencial envolvendo a estrutura física da escola foi substituído pela sala de aula virtual, por reuniões online e por postagens de atividades. Outra mudança foi deixarmos de ler exclusivamente conteúdos registrados em papel, para consumirmos informações em telas: notebooks, tablets e celulares. Um movimento frenético que envolveu professores, coordenadores, diretores, alunos, pais, mães, cuidadores... Enfim, toda a comunidade escolar.

Essas mudanças afetaram sobremaneira o trabalho com leitura na rotina escolar. Além da falta de contato físico entre os alunos, nos deparamos com a falta de convivência no ambiente típico de leitura, que é a biblioteca.

2 A importância da literatura na rotina escolar

A leitura inegavelmente estimula a criança a adquirir uma postura crítico-reflexiva de fundamental importância para seu desenvolvimento cognitivo. O hábito da leitura só traz benefícios: ampliação de vocabulário, redimensionamento da visão de mundo e do próprio leitor, qualificação da escrita, desenvolvimento do pensamento crítico, além da promoção de uma visão de mundo mais sensível e humana. Desenvolver o hábito de leitura na escola é preparar nossos alunos para a vida.

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio de recurso da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor, ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o pois, a conhecê-lo melhor. Também a escola



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

tem uma finalidade sintetizadora, transformando a realidade viva nas distintas disciplinas ou áreas do conhecimento. (ZILBERMAN, 2015, p. 25).

O contato com o imaginário permite que os leitores experimentem sentimentos distantes da sua realidade e, por este motivo, desafiadores. Colocando-se no lugar do personagem, o aluno é capaz de “testar” diferentes modos de agir, de pensar, de viver. Através do exercício de empatia com os personagens, cada aluno tem a oportunidade de vivenciar diferentes papéis.

A cada novo livro lido, o leitor se depara com experiências que incentivam a criatividade e a imaginação, ampliando as percepções, promovendo viagens a diversos lugares e vivências de situações que não fazem parte do dia a dia da criança.

Acredita-se então, que ao brincar com a literatura, com as ideias, com os personagens e os temas, os leitores em formação possam chegar mais perto não só da compreensão textual como do próprio ato de ler. E que, ao precisar buscar outros textos, para poderem penetrar no que estão lendo, habituem-se a complementar suas leituras e ampliá-las com pontos de vista e encaminhamentos diferenciados. (CAGNETI, 2013, p. 17).

Conforme vai avançando na variedade de livros lidos, a criança vai acumulando experiências diferenciadas. Como se fossem jornadas vividas, viagens realizadas, há um enriquecimento da “bagagem literária”. E com esse enriquecimento, cada aluno se torna um leitor mais atento e crítico, relacionando as leituras realizadas com textos presentes em jornais, revistas ou com o conteúdo que escutou em podcasts, ou vídeos assistidos. Enfim, a complementação das leituras se dá pela observação crítica do mundo que o rodeia.

Esta maneira de conduzir o trabalho com a leitura tem algumas vantagens: ela abre a possibilidade de propor uma boa variedade de livros para a classe, durante o ano letivo, atendendo às diferenças de interesse das crianças. (...). (FARIA, 2010, p. 17).

Quanto mais variedade de livros disponíveis nos momentos de leitura, mais diversidade de experiências são proporcionadas aos leitores. Nesta lógica, o professor deve ser a peça chave, pois a ele cabe a responsabilidade das indicações literárias e do acompanhamento das leituras dos alunos. Por esse motivo, é importante manter-se atento e atualizado aos assuntos que despertam a atenção da faixa etária com a qual trabalha, escolhendo-os com cuidado, podendo-se usar os temas selecionados como estímulo para o hábito da leitura.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Além disso, é importante atentar-se à temática abordada na obra, e também às competências que a leitura do livro desenvolve. Ambas devem estar alinhadas ao plano de ensino previsto para cada ano escolar.

Trata-se portanto de um trabalho variado que precisa ser previamente estabelecido pelo professor/mediador, conforme as possibilidades do livro escolhido para aquela turma. Entretanto, ao lidar-se com essas formas de ampliar a leitura do livro, deve-se observar se os leitores estão preparados para o trabalho que nos propomos a fazer e, para isso, é fundamental ter-se em mente as competências de leitura da criança, básicas para qualquer trabalho de leitura na escola. (FARIA, 2010, p. 17).

Para que isso ocorra, é necessário um planejamento cuidadoso e competente dos professores. O momento de leitura não deve ser composto de indicações aleatórias. Até mesmo os momentos mais livres devem ter uma orientação prévia, uma preparação: a boa orientação leva a boas escolhas. O desafio de convencer, de atrair os leitores, passa por muita estratégia. Não estamos falando de “A arte da Guerra” (TZU, 2017), mas de uma estratégia no sentido de promover um movimento de conquista do leitor.

É imprescindível, nesse movimento, que o professor também seja um leitor fluente e entusiasta. Se o professor acredita no poder dos livros, ele saberá como mostrar isso aos seus alunos. Ser entusiasta atrai e convence. A literatura infantil encanta, informa, instrui, ensina e cabe ao professor apresentar este mundo através do ambiente escolar: seja ele presencial ou virtual.

Há necessidade, no entanto, de caminharmos mais resolutos para a formação efetiva do leitor: daquele que percebe que existem diferentes estilos, linguagens e propostas e que, sem dúvida, passam pelas suas preferências; do leitor que entende o seu ritmo, as suas pausas, as suas divagações, porque já descobriu que o caminhar é sozinho pelos meandros do lido, e os seus sustos, saltos, insights dependem de sua trajetória leitora, e não são os mesmos para todos. Enfim, é ter consciência ao ler que, independentemente da intencionalidade do autor- que não pode ser ignorada-, existem os vazios propositais que esse mesmo autor deixa para que seu leitor o preencha a partir de sua visão de mundo. (CAGNETI, 2018, p. 21).

A leitura favorece o desenvolvimento infantil, contemplando as áreas cognitivas, emocionais e sensoriais. Uma criança leitora fluente se desenvolve de maneira dinâmica e conectada com todos os elementos do mundo que a cerca. Levar em conta a caminhada de cada aluno é essencial para que esse desenvolvimento siga de forma rica e plena.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2017, p. 65).

A escola deve, então, proporcionar um ambiente dinâmico, criativo, diversificado, acolhedor e principalmente prazeroso, assim como deve oportunizar atividades envolventes que tragam o aluno para o mundo da leitura para que este, quando perceber, já esteja totalmente seduzido pelo mundo da literatura. Importante não utilizar a leitura somente para medir o desempenho do aluno (embora ela contribua consideravelmente para o enriquecimento acadêmico), mas vislumbrá-la como um caminho que vai mudar a vida deste.

3 Habilidades leitoras X Ensino remoto

Reajustar o trabalho com os componentes curriculares exigiu habilidade e cuidado para que todos fossem contemplados e desenvolvidos adequadamente. Segundo Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), o “ecossistema aberto e criativo” do ensino híbrido nos permite aprender de inúmeras formas e “passamos a ser produtores e consumidores de múltiplas mídias”. A questão é que a modalidade desenvolvida não foi propriamente o ensino híbrido. Cada escola se organizou de maneira peculiar: inicialmente somente com aulas online, e algumas, no decorrer do ano, com o sistema de rodízio (um grupo em aula presencial e transmissão ao vivo para os alunos que permaneciam em casa). Mas nenhuma dessas modalidades se encaixa exatamente no ensino híbrido, que é a combinação de práticas presenciais e remotas, com o mesmo grupo de alunos utilizando ferramentas digitais.

Independente do nome que se dê para a modalidade, a questão foi manter o curso das aulas sem comprometer o andamento dos estudos em sua sequência didática. Um dos grandes desafios na área das Linguagens foi desenvolver a prática da leitura sem o apoio de uma peça importantíssima neste processo: a biblioteca.

Segundo Campello et al. (2017), a formação de leitores na escola encontra dois tipos de desafios: a crença de que a infância é meramente consumidora da literatura criada pelo



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

adulto para esta faixa etária; e o acesso à uma biblioteca bem equipada e gerida por um profissional competente que, juntamente com o professor, possa garantir um contato agradável com os livros.

Nesse sentido, enxergar a criança como sujeito da cultura capaz de criar e de reelaborar informações e experiências dentro do processo educativo promovido pela escola significa algo mais do que desenvolver habilidades de decifrar o código linguístico e garantir (ou obrigar?) o acesso ao livro e a informação. (CAMPELLO et al., 2017, p. 10).

Dessa forma, estimular a leitura como parte do cotidiano do aluno e proporcionar que ele reconheça a sua importância no contexto educativo tornaram-se o grande objetivo do ano de 2020.

Não menos importante foi o surgimento de uma gama enorme de possibilidades que abriu-se a partir da busca de novos recursos digitais. Não se pode negar que o avanço tecnológico contribuiu para a evolução da escola. A pandemia acelerou um processo de “atualização”, pois de certa forma “obrigou” os educadores a buscarem novos recursos, novas abordagens, enfim: adaptar e qualificar suas aulas.

O Eixo leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimentos que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p. 69).

A Base Nacional Comum Curricular já vislumbrava a utilização de tecnologias para o trabalho com leitura. O contato com diferentes tipos de texto é de grande valia para o leitor que passa por diferentes experiências de leitura, o que o torna mais preparado para atuar como ser pensante, produzindo argumentos fortes e sabendo se expressar adequadamente. E como Freire (1989, p. 19) dissemina, o ato de ler exige criticidade para reescrever o que foi lido, uma vez que “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

Assim, um dos exemplos de alternativa para o trabalho de leitura nas aulas remotas são as plataformas de leitura digital. Sem a possibilidade de frequentar o espaço físico da biblioteca, essas plataformas tornaram-se importantes aliadas no trabalho com a literatura.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Dentre as vantagens da leitura através de plataforma digital está a variedade de títulos disponíveis em apenas um toque. Se na biblioteca física o limite é cada prateleira, na biblioteca virtual praticamente todo o acervo fica a sua disposição numa velocidade muito mais rápida.

O acervo atualizado também auxilia na conquista de novos leitores e na fidelização dos leitores frequentes. A possibilidade de “navegar” por inúmeros títulos, escolher, folhear, analisar o livro antes de definir a leitura, dá a sensação de autonomia e com isso o prazer da escolha individual. Da mesma forma, os livros indicados pela professora para leitura coletiva, são localizados através de indicações, permitindo acesso rápido à informação. A organização da plataforma facilita a localização de dados através de mecanismos avançados de busca, o que torna o processo ágil e desburocratizado. Além disso, a “Árvore de Livros” promove um ranking de alunos que atingiram o maior número de livros lidos, disponibilizando a classificação aos professores.

4 O “lugar” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa durante a pandemia

Uma das maiores adaptações em 2020 para a realização das aulas do quinto ano que envolveriam a biblioteca foi a manutenção da rotina de leitura e de discussões literárias. Nossa rotina, mesmo que se utilizasse recursos digitais, era realizada no ambiente físico da biblioteca. Nos momentos dedicados à leitura, nossa turma se deslocava até o local, onde os alunos realizavam leituras através de livros físicos ou por meio de tablets, acessando a plataforma de leitura “Árvore de Livros” mantida pela escola. Além da leitura individual, reservávamos um momento importante para as discussões e indicações de obras lidas (tanto físicas como virtuais).

Com a necessidade de oferecer aulas online, foi adaptado um horário para o acesso à plataforma de leitura, assim como para a realização de videoconferências para o compartilhamento de experiências literárias. A Árvore de Livros acabou por “substituir” a visita semanal à biblioteca da escola. Essa plataforma extremamente funcional oferece ferramentas pedagógicas que possibilitam o acompanhamento das leituras realizadas pelos alunos, gerando relatórios de leitura. Existe também a possibilidade de realizar indicações de

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

livros, enviar atividades pela plataforma e, ainda, construir projetos e trilhas de leitura, com a segurança de acessarem somente os livros indicados para sua faixa etária.

Trazendo a pauta da acessibilidade, a “Árvore de Livros” oferece recursos que não estariam disponíveis em um livro físico. Há a possibilidade, por exemplo, de personalizar o layout de leitura: Colocando as páginas em tema escuro, o que facilita a leitura noturna, e alterando o tamanho da fonte para tornar a leitura agradável e adaptável a cada necessidade, oferecendo maior liberdade ao leitor.

O processo de comunicação digital, operando com múltiplas plataformas, impõe novas sensibilidades e formas de percepção, facilitando a associação entre texto e imagem. Inclui também a possibilidade de articulação entre texto, movimento, som e a terceira dimensão. Neste cenário digital emergem assim, alternativas de criação, sendo que, no âmbito da produção literária, uma notável contribuição, até agora experimentada com sucesso, é representada pelo hipertexto, que materializa de forma radical os procedimentos de construção do intertexto. (LAJOLO, 2017, p. 19).

Esse mundo da leitura digital possibilita explorar o livro de diversas formas, além de relacionar o livro lido com outras obras, ampliando seu repertório literário: o aluno como agente do processo de desenvolvimento e qualificação da sua leitura.

Figura 1 - Plataforma Árvore dos Livros



Fonte: Arquivo pessoal.

Sem dúvida, a plataforma de leitura digital teve um aumento significativo de acessos, a partir do fechamento da biblioteca e o início das aulas online, o que qualificou sobremaneira o processo de ensino-aprendizagem na área da Língua Portuguesa. A plataforma “Árvore de Livros” surgiu da união de duas empresas do setor educacional com o objetivo de transformar a educação, tendo como principal instrumento a leitura. Os usuários desta plataforma leem mais que o dobro da média nacional. Além da facilidade de acesso, o aluno pode acessar os



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE

títulos pelo computador, tablet ou smartphone, e o acervo conta com mais de 30 mil livros que podem ser acessados até mesmo sem internet (download prévio).

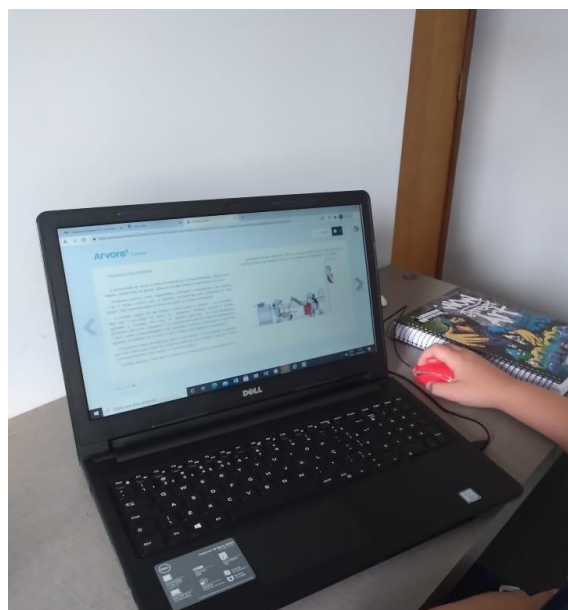
Figura 2 - Aluno acessando a plataforma



Fonte: Arquivo pessoal.

O acervo literário é totalmente digital, organizado por etapa de ensino e idade, o que facilita a localização dos livros. O aluno tem a possibilidade de abrir um livro, folhear, ler um pouco e decidir procurar por outro título. O acesso a acervos atuais e ricos qualifica o processo de leitura de cada aluno. Seja qual for o livro escolhido, está assegurado que desenvolverá habilidades significativas, desenvolvendo todas as áreas de conhecimento. Os gestores da “Árvore de Livros” acreditam na importância de oferecer diferentes textos, sobre diferentes temas que favoreçam a independência e a criticidade de pensamento.

Figura 3 - Acesso à plataforma





Fonte: Arquivo pessoal.

Como apoio ao trabalho do professor, esta plataforma oferece recursos de apoio ao educador para auxiliar nas intervenções durante as aulas. Além disso, a empresa proporciona acesso a diferentes projetos de leitura e sequências didáticas alinhadas com a BNCC.

5 Drops de leitura: encontro marcado com a literatura

A rotina de leituras nas aulas presenciais contava com a leitura individual, seguida de compartilhamento de experiências literárias. Os alunos falavam de livros lidos (físicos ou digitais) e a professora, além de indicar livros através da plataforma de leitura, compartilhava dicas de livros físicos.

No entanto, como já abordamos, a realidade escolar de 2020 foi adaptada, e esses ricos momentos de partilha não poderiam mais ser realizados na biblioteca. A organização das aulas contava com videoconferências três vezes na semana, com duração de aproximadamente 2h cada. Nesta modalidade, a leitura da semana não era realizada nos momentos síncronos, cada aluno encaixava o momento de leitura no melhor horário para si. Sendo assim, destinamos um momento das videoconferências para comentários sobre a leitura.

Para estimular os alunos a falar sobre as leituras realizadas, foi organizado um momento semanal intitulado “Drops de leitura”. Através de pequenos vídeos, a professora indicava livros, promovendo o assunto dos mesmos e destacando aspectos significativos da história.

Figura 4 - Drops de Leitura

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 - Professora Cristiane Benelli



Fonte: Arquivo pessoal.

Os vídeos do “Drops” eram postados semanalmente na plataforma de ensino utilizada pela escola: *Google Classroom*. A seleção das obras era realizada pela professora da turma com o objetivo de investir na variedade literária: aventura, drama, comédia, cultura popular, etc.

Figura 6 - Livro *Balaio de Ideias*

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Os títulos escolhidos para a edição 2020 contemplaram diferentes temas da literatura infanto-juvenil, por se tratarem de alunos do quinto ano do ensino fundamental.

Um dos livros escolhidos foi *Balaijo de Ideias* de Sérgio Caparelli. Este livro é um verdadeiro almanaque, pois é uma coletânea de textos diversos que abrangem desde poesia, contos, quadrinhos, adivinhas, textos informativos, receitas culinárias, entre outros. O tema principal do livro é educação ambiental e seu projeto gráfico chama a atenção dos leitores. A intenção desta escolha, por exemplo, foi oferecer ao leitor uma opção leve e não menos instrutiva e criativa para realizar suas leituras.

Importante destacar também a indicação do livro *Cultura da Terra*, de Ricardo Azevedo, que aborda a cultura popular brasileira. Imagine um livro com quadras populares, contos, adivinhas, mitos, ditados e receitas. A diversidade de tipos de textos conduz o aluno numa viagem pelas cinco regiões do Brasil, que, a exemplo dos textos, são muito diferentes entre si.

Figura 7 - Cultura da Terra

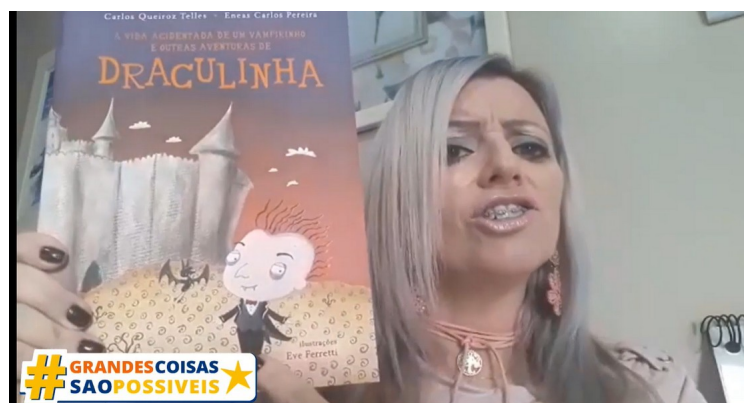
V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Dentre os livros que apresentam uma leitura leve e gostosa, foram indicados como *Draculinha: a vida acidentada de um vampirinho e outras histórias* de Carlos Queiroz Telles, que relata as aventuras de uma família de vampiros, os Morcegal, que moram em Transilvânia City e sonham em visitar Hollyblood.

Figura 8 – Draculinha



Fonte: Arquivo pessoal.

Autores clássicos também fizeram parte das indicações. Ana Maria Machado foi uma delas, através do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, que relata o encontro de uma bisneta com sua bisavó através de lembranças, recordações e histórias de família.

Figura 9 - *Bisa Bia, Bisa Bel*

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA



Fonte: Arquivo pessoal.

Dentre os autores que mantêm contato afinado com adolescentes, não se pode deixar de destacar Marcelo Carneiro da Cunha, através do livro *Ímpar*. Neste caso, não temos aventuras, humor ou histórias familiares. Aqui, trata-se de um livro que aborda o tema da inclusão. A história se desenvolve a partir de uma situação muito difícil: um acidente automobilístico. Lidar com perdas, dificuldades de adaptação, aceitação, são situações que mobilizam os leitores e os fazem refletir sobre aceitar e incluir.

Figura 10 - *Ímpar*



Fonte: Arquivo pessoal.

O livro *Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante* de Mirna Pinsky foi uma dica divertida sobre a aventura de ter que “decifrar” endereços escritos em cartas e levá-las aos seus destinatários corretos.

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Figura 11 - Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante



Fonte: Arquivo pessoal.

Os alunos acompanhavam com muito interesse as publicações semanais e as indicações passaram a ser assunto de nossas videoconferências; os alunos perguntavam, comentavam, criticavam, comparavam com outras obras lidas, o “Drops” sempre era notícia na semana posterior à sua publicação. Outro movimento percebido foi a aquisição de livros físicos, sobretudo em lojas online, por parte dos alunos, inspirados pelas indicações do “Drops”. A busca independente na plataforma de leitura também foi impulsionada pelas dicas do “Drops”, não apenas dos livros indicados, mas também de livros similares, com temas afins.

O mais interessante foi que os alunos expandiram as indicações, trazendo para os momentos síncronos exemplos de livros dos mesmos autores indicados ou que abordavam o mesmo tema. Assim, o diálogo literário ampliou-se e ficou muito mais rico a partir do momento que foi compartilhado. Isso foi motivo de muita satisfação e orgulho, pois a ideia justamente foi mobilizar os alunos em relação à leitura, fazê-los pensar de forma crítica e atuante sobre leitura, além de ampliar seu repertório literário.

6 Livro físico X Livro digital

Com toda a certeza, a familiaridade com a leitura digital criou um novo hábito entre os alunos e até mesmo entre os professores. A facilidade de acesso, o baixo ou nenhum custo (no



caso de plataformas contratadas por escolas e oferecidas gratuitamente aos alunos) favoreceram o avanço desta modalidade de leitura.

Mesmo a tradicional experiência do leitor ao tocar os livros armazenados na estante da biblioteca provoca sensações únicas. O peso, dimensão, formas das letras impressas da obra, o ruído de movimentação das suas páginas, até as marcas deixadas por outros leitores que parecem complementar os saberes ali contidos. Esta experiência puramente física do leitor com o livro impresso se modifica agora com a tecnologia. O trabalho do bibliotecário em proporcionar o encontro dos dois – leitor e livro – se transforma, também impactado pelas tecnologias que reconfiguram a forma do livro e ampliam suas possibilidades, além de agregarem novos equipamentos tecnológicos que medeiam a leitura e a operação eletrônica do texto. (SERRA, 2014, p. 02).

Seja qual for o formato utilizado, o mais importante é que o livro proporcione experiências agradáveis, lúdicas, desafiadoras e esclarecedoras para o leitor. Leitura deve ser sinônimo de prazer, nunca de obrigação. Importante ressaltar que a leitura de forma digital traz em si a vantagem de ser uma modalidade mais atual e que os alunos desta geração, os chamados “nativos digitais”, apresentem maior facilidade de domínio das tecnologias envolvidas.

Outro fator relevante quando se estuda educação à distância diz respeito ao papel que o computador exerce hoje na vida das pessoas. Os jovens preferem estudar por meio do computador e da Internet e foram definidos por Prensky (2001) como “nativos digitais” para diferenciá-los da geração dos “imigrantes digitais”. Trata-se de uma metáfora significativa que sugere a diferença entre as gerações, no que diz respeito ao conhecimento das tecnologias. Enquanto os “imigrantes digitais” encontram, muitas vezes, dificuldades para resolver questões relacionadas ao uso de tecnologias, os nativos digitais parecem adaptar-se com muita familiaridade a todas as novidades tecnológicas. Além disso, as escolas estão procurando adaptar-se aos novos tempos e há incentivos governamentais para a formação de professores em informática educacional, o que mostra que o panorama da educação à distância vem mudando significativamente na última década. (CAMPELO, 2016, p. 08).

Como podemos perceber, o uso de tecnologias na área da educação sempre foi uma urgência. A escola sempre caminhou na busca de atualização, para acompanhar os avanços tecnológicos, sendo que quem a dirige ainda são “imigrantes digitais”.

Não sou contra a revolução digital. Na verdade, é de primordial importância acompanhar os impactos crescentes das diferentes mídias, se tivermos que preparar nossas crianças, onde quer que vivam, para que leiam em profundidade e bem, em qualquer mídia. (WOLF, 2019, p. 15).



Incentivar a leitura deve ser um dos principais objetivos da família e da escola conjuntamente. Seja qual for o portador de texto, seja qual for o gênero literário, seja qual for a forma de apresentação do livro, o importante é que o leitor tenha prazer nesta tarefa, a ponto de não desejar seu fim.

7 Considerações Finais

O ensino remoto não foi uma escolha, uma opção no ano de 2020. Ele foi uma necessidade, que possibilitou a manutenção do contato, o estabelecimento de novas rotinas e ampliação do repertório pedagógico.

No tocante à leitura foi necessário manter seu lugar na rotina escolar, valorizando seus benefícios que vão desde o aumento de vocabulário, bagagem literária até o desenvolvimento psicológico. A empatia e também a identificação com os personagens de cada livro foram importantes suportes para enfrentar as limitações e angústias impostas pela pandemia.

Mais do que a manutenção da leitura no dia a dia escolar, essa experiência desafiadora de ensino à distância foi capaz de provar que o espaço da biblioteca é apenas parte do processo de leitura, mas não todo ele em si. Com o espaço físico interditado, o uso de recursos digitais variados garantiu a leitura, as interações, o entretenimento e o prazer de ler dos alunos. O uso da plataforma de leitura digital “Árvore de Livros” favoreceu e enriqueceu o trabalho de leitura no Colégio La Salle Canoas.

Como forma de ampliar o trabalho com literatura, lançamos mão do ousado projeto “Drops de leitura” como estratégia bem sucedida de estímulo à leitura. Ouvir alguém relatar sua experiência com determinado livro é também uma forma de entrar em contato com a história e avaliar se há interesse nesse tipo de texto ou não, uma oportunidade de exercitar suas escolhas literárias, trazendo assim mais conforto e segurança para o aluno.

Apesar da polêmica envolvendo livros no formato digital, não podemos negar que foram eles que garantiram boa parte das experiências literárias dos alunos do La Salle Canoas no ano de 2020. A utilização da plataforma nas aulas diversificou a forma como os alunos se relacionam com os livros.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. (FREIRE, 1997, p. 20).

O papel do professor foi de extrema importância na organização das propostas literárias, sempre com o objetivo de envolver o aluno e tornar seu contato com a leitura prazeroso e ao mesmo tempo crítico. Acreditamos que as mudanças de 2020 abriram espaço para crescimento, experiências, atualizações a que, sem a pressão da pandemia, talvez demorássemos anos para nos adaptar e evoluir.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. **Cultura da Terra**. São Paulo: Moderna, 2013.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Basta ler para ser leitor?** São Paulo: Ed. Paulinas, 2018.

_____. **Leituras em contraponto**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2013.

CAMPELLO, Bernadete *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**, 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

CAMPELO, Leandro Fabrício. **Territórios virtuais: reflexões sobre a educação à distância na Geografia**. São Paulo: Ed. ArteSam, 2016.

CAPARELLI, Sérgio. **Balaio de Ideias**. Porto Alegre: Projeto, 2007. CUNHA, Marcelo Carneiro da Cunha. **Ímpar**. Porto Alegre: Projeto, 2017.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil**: uma nova/outra história. Curitiba: Ed. PUCPress/FTD, 2017.

PINSKY, Mirna. **Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante**. São Paulo: FTD Educação, 2012.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e Biblioteca**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

TAMASHIRO, Camila Okada. **Desenvolvimento de aulas práticas no ensino remoto e híbrido**: práticas pedagógicas e ferramentas digitais para a aprendizagem à distância. São Paulo: Ed Expressa, 2021.

TELLES, Carlos Queiroz. **Draculinha**: a vida acidentada de um vampirinho e outras histórias. São Paulo: FTD Educação, 2021.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Hunter Books, 2017.

WOLF, Mariane. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Ed Contexto, 2019.

YOLANDA, Regina. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Porto Alegre: Salamandra. 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Ed Global, 2015.

ESQUIRE/SER: OFICINAS DE LEITURA E RODAS DE CONVERSA SOBRE LITERATURA DE AUTORIA NEGRA

Raquel da Silva Silveira¹³

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos¹⁴

¹³ Professora de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (e-mail: raquelsilveira43@gmail.com)

¹⁴ Professora de Português da Escola Fundamental Brigadeiro Silva Paes. (e-mail: silvia.los@hotmail.com)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Victória Tolledo Munhoz¹⁵

Ariane Fernanda dos Reis Moreira¹⁶

Pedro Henrique Machado¹⁷

Resumo: A mediação da leitura através de oficinas e rodas de conversas virtuais sobre autores(as) negros(as) é uma estratégia importante na promoção de uma educação antirracista. A partir de uma parceria entre o Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes, iniciamos em 2019 trocas de conhecimento e experiências entre a universidade e a comunidade escolar, na cidade de Porto Alegre. A extensão universitária possibilita o encontro e o tensionamento dos saberes acadêmicos com os saberes e as práticas do cotidiano, uma vez que as trocas com a escola pública fomentam o reconhecimento desta como um espaço importante de socialização e um ambiente significativo na produção de subjetividade, de sofrimento (sobretudo em relação ao racismo) e de saúde. Nesse contexto de parceria entre universidade e comunidade escolar, foi criada, durante a pandemia do Coronavírus, a Oficina de Leitura EscureSer, cujo objetivo é promover rodas de leitura, conversas virtuais e reflexões sobre o protagonismo negro na literatura. O referencial teórico-metodológico é o diálogo entre a Educação Antirracista, a Psicologia Social e a Literatura Negra. Destacamos as obras dos pesquisadores Cuti, Eliane Debus, Renato Noguera, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Djamilia Ribeiro, Silvio Almeida, entre outros. As oficinas acontecem quinzenalmente, através da plataforma Google Meet, com duração de 60 minutos, em que participam estudantes entre o 6º e o 9º ano. As oficinas acontecem no turno inverso da aula, tendo uma participação de até oito alunos (as) por oficina, com presença de estudantes de várias etnias. Historicamente, o racismo presente na sociedade é reproduzido no ambiente escolar por meio de textos que reforçam estereótipos e modelos negativos dos indivíduos negros. Essas representações estereotipadas, fruto do racismo estrutural, acabam gerando sérios prejuízos para a autoestima e para a construção da subjetividade de crianças e jovens negros. As narrativas apresentadas na oficina EscureSer trazem personagens negras em situação de destaque, respeito e dignidade. Desta forma, possibilitam a criação de uma esfera de representatividade, tão necessária para romper com as práticas racistas que dificultam a implementação de uma educação emancipatória que valoriza a pluralidade dos (as) estudantes e suas origens. Ao final dos encontros virtuais em 2020, produzimos um podcast do texto Eu, Mulher, por uma nova visão do mundo de Paulina Chiziane. Em 2021, expandimos a proposta da oficina a fim de explorar a questão étnico-racial sob a perspectiva de autores indígenas, em consonância com a Lei nº 11.465/08. Ao explorar múltiplas interpretações e leituras do mundo propiciadas pelo texto literário, criamos novos horizontes e expandimos as possibilidades de ser e de estar no mundo. Apesar das limitações do mundo virtual, e da dificuldade de acesso à Internet pelas populações mais pobres, temos vivido espaços potentes de promoção à saúde, trocas de afetos, ludicidade e criatividade. Por tudo isso, acreditamos na potência da parceria da universidade com a comunidade escolar, para que ambas possam aprender coletivamente e trocar experiências que fortaleçam práticas antirracistas durante os processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura; Representatividade; Antirracismo.

Abstract: The mediation of reading through workshops and virtual conversation circles about black authors is an important strategy in promoting anti-racist education. Based on a partnership between the Extension and Anti-Racist and Anti-Capacity Research Nucleus of the Institute of Psychology of the Federal University of Rio Grande do Sul and the Brigadeiro Silva Paes State Elementary School, in 2019 we began exchanging knowledge and experiences between the university and the school community in Porto Alegre. The university extension allows the encounter and tension between academic knowledge and everyday life knowledge and practices. The exchanges with the public school foster its recognition as an important space for socialization and a significant environment in the production of subjectivity, suffering (concerning racism) and health. In this context of

¹⁵ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (e-mail: victoria.munhoz.17@gmail.com)

¹⁶ Graduada em Administração Pública, mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. (e-mail: aariane.moreiraa@gmail.com)

¹⁷ Psicólogo, mestrando do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. (e-mail: pedrohemachado@gmail.com)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

partnership between the university and the school community, during the Coronavirus pandemic, an EscureSer Reading Workshop was created, whose objective is to promote reading circles, virtual conversations and reflections on black protagonism in literature. The theoretical-methodological framework is the dialogue between Anti-racist Education, Social Psychology and Black Literature. We highlight the works of researchers Cuti, Eliane Debus, Renato Nogueira, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, among others. The workshops take place every two weeks, through the Google Meet platform, lasting 60 minutes. Students between the 6th and 9th grades participate. The workshops take place in the reverse class shift, with a participation of up to eight students per workshop, with the presence of students of different ethnicities. Historically, racism present in society is reproduced in the school environment through texts that reinforce stereotypes and negative models of black individuals. These stereotyped representations, the result of structural racism, end up causing serious damage to the self-esteem and construction of subjectivity of black children and young people. The narratives presented in the EscureSer workshop bring black characters in prominent, respect and dignity situations. In this way, they enable the creation of a sphere of representation, which is so necessary to break with racist practices that make it difficult to implement an emancipatory education that values the plurality of students and their origins. At the end of the virtual meetings in 2020, we produced a podcast of the text *Eu, Mulher, por uma nova visão do mundo* by Paulina Chiziane. In 2021, we expanded the workshop proposal to explore the ethnic-racial issue from the perspective of indigenous authors, in line with Law 11.465/08. By exploring multiple interpretations and readings of the world provided by the literary text, we create new horizons and expand the possibilities of being and being in the world. Despite the limitations of the virtual world, as well as the difficulty of accessing the Internet for the poorest populations, we have been experiencing powerful spaces for health promotion, exchanges of affection, playfulness and creativity. For all these reasons, we believe in the potency of the university's partnership with the school community, so that both can learn collectively and exchange experiences that strengthen anti-racist practices during the learning processes.

Keywords: Reading; Representativeness; Anti-racism.

Introdução

A mediação da leitura através de oficinas e rodas de conversas virtuais de autoria negra é uma estratégia importante na promoção de uma educação antirracista. A partir de uma parceria entre o Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEPARC/UFRGS) e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes, iniciamos, em 2019, trocas de conhecimento e experiências entre a universidade e a comunidade escolar, na cidade de Porto Alegre. A extensão universitária possibilita o encontro e o tensionamento dos saberes acadêmicos com os saberes e as práticas do cotidiano (GADOTTI, 2017). As trocas com a escola pública fomentam o reconhecimento desta como um espaço importante de socialização e um ambiente significativo na produção de subjetividade, de sofrimento (sobretudo em relação ao racismo) e de saúde. Nesse contexto de parceria entre universidade e comunidade escolar, foi criada, durante a pandemia do Coronavírus, a *Oficina de Leitura EscureSer*, cujo objetivo é promover rodas de leitura, conversas virtuais e reflexões sobre o protagonismo negro na literatura.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

O objetivo deste relato de experiência da *Oficina de Leitura EscureSer* é refletir sobre os efeitos que a promoção de rodas de leitura, conversas virtuais e reflexões sobre o protagonismo negro na literatura pode produzir. Essas oficinas são uma das atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão Saúde da População Negra e a Interface com os Serviços de Saúde da UFRGS, no período entre março de 2020 a dezembro de 2021.

Esta escrita foi construída coletivamente, de forma interdisciplinar, interracial e com diferentes lugares de fala (RIBEIRO, 2020). A autoria foi tecida por uma professora universitária branca, uma professora negra da escola fundamental, duas mestrandas em Psicologia Social e Institucional (um psicólogo negro e uma administradora negra) e uma bolsista de extensão e formanda em Ciências Sociais negra.

A partir dessa rede colaborativa, tecida pelas telinhas dos celulares e computadores, passamos a compartilhar as experiências vividas na construção de práticas antirracistas para jovens estudantes de escolas públicas.

2 Encontros entre a extensão universitária e a escola pública

A prática extensionista é um dos pilares fundamentais das universidades, pois promove a troca de saberes e a responsabilização da produção acadêmica em dialogar e validar seus conhecimentos em consonância com as necessidades da sociedade. Desde os anos de 1960, Paulo Freire já pontuava a necessidade de que docentes e estudantes universitários estabelecessem comunicação efetiva com as comunidades, que estivessem atentos aos saberes populares, e não simplesmente fossem estender os conhecimentos intramuros universitários para a sociedade. A proposta freiriana de educação popular nos ensina a respeitar e a valorizar os saberes que se constroem nas trocas com a vida fora do conforto e da segurança das salas de aula (FREIRE, 1977).

Ademais, inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire, mas situada em outra posição de sujeito nas relações de saber-poder, bell hooks (2017) apontou a falta de um olhar sobre o racismo e sobre o sexismo na obra daquele autor. O lugar de mulher negra norte americana lhe ensinara que a vida é muito diferente entre as pessoas brancas e negras. Contudo, bell hooks nos ensina que é possível criticar de forma positiva.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Encontrar uma obra que promove a nossa libertação é uma dádiva tão poderosa que, se a dádiva tem uma falha, isso não importa muito. Imagine a obra como água que contém um pouco de terra. Como estamos com sede, o orgulho não vai nos impedir de separar a terra e ser nutridos pela água. (HOOKS, 2017, p. 71).

Assim, sustentadas pela Educação Popular de Paulo Freire e pela Pedagogia Engajada de bell hooks, construímos uma parceria de práticas antirracistas com a comunidade escolar (NOGUERA, 2017; GOMES, 2010, 2017). Iniciamos de modo presencial, em 2019, com a proposta de estabelecermos trocas entre o Programa de Extensão NEPARC e as ações para implementação da Lei nº 10.639/03, posteriormente modificada para 11.645/2008. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes (EEBSP) tem instituído em seu calendário o Mês da Consciência Negra, em comemoração ao 20 de novembro. Essas legislações abrem caminho para a realização de práticas de desnaturalização do racismo e de reconhecimento da diversidade a partir da produção de conhecimentos e de atitudes que eduquem a comunidade escolar. Contudo, as temáticas africana e indígena e a educação das relações étnico-raciais ainda estavam sendo trabalhadas mais pontualmente no mês de novembro. De acordo com Renato Nogueira (2017), essa é uma prática comum nas escolas brasileiras, o que ele chama de tratamento “turista” em relação à temática negra-africana. Uma visita, um passeio pontual, como se o racismo pudesse ser visitado nas comemorações do 20 de novembro e só.

Diversos estudos apontam a dificuldade na apropriação das relações étnico-raciais como conteúdo transversal obrigatório, em todas as matérias e disciplinas. É necessário incluir os conhecimentos e epistemologias negras e indígenas para desnaturalizar o racismo, tanto na escola, quanto na sociedade, pois o racismo não dá trégua, está sempre presente na manutenção das hierarquias e das iniquidades raciais. (GOMES, 2010; DEBUS, 2017; NOGUERA, 2017; SILVA, 2005).

Diante desse contexto, nasceu o projeto Ciranda da Leitura da Escola Estadual de Ensino Fundamental Brigadeiro Silva Paes (EEBSP), idealizado e coordenado por uma professora de português, mulher negra. O texto literário é o cerne desse projeto permanente de incentivo à leitura desenvolvido nessa escola pública. Com vistas ao desenvolvimento do gosto pela leitura e a formação de leitores(as), a escola realiza uma série de ações para incentivar o hábito de ler entre os(as) estudantes dos diferentes anos e séries. A interação com



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental II é realizada através de seminários interdisciplinares de leitura. Os(as) estudantes também participam de atividades como saraus, feiras culturais, mostras literárias e outros eventos relacionados a livros e a leitura.

Além do caráter humanizador, o texto literário é fonte de conhecimento, de prazer, e instrumento de poder. Historicamente, o racismo presente na sociedade é reproduzido no ambiente escolar e as histórias da branquitude reproduzem estereótipos e modelos negativos dos indivíduos negros. Tais modelos acabam gerando sérios prejuízos para a autoestima e a construção da subjetividade de crianças e jovens negros(as).

Em seus estudos, Eliane Debus (2017) apresenta uma análise sobre a diversidade étnico-racial na literatura infantil e juvenil. A partir desta análise, a autora evidencia o papel da literatura em “problematizar reflexões sobre práticas antirracistas para o universo da infância” e aponta para a necessidade de inserir no currículo escolar obras que abordem as questões étnico-raciais por meio da representação de personagens negras como protagonistas, e o continente africano como múltiplo, desfazendo ideias enraizadas que apresentam a África pelo viés do exótico e as personagens negras em papéis de submissão ou retratando o período escravista.

Da mesma forma, a autora Sonia Rosa (2021, online), enfatiza a importância de se trabalhar enredos enegrecidos para a formação racial das crianças e dos(as) jovens brasileiros(as). Vejamos o que diz a autora a esse respeito:

Reforço aqui a necessidade de trazer personagens negras em situação de conforto, respeito e dignidade para este espaço artístico singular, que é o livro voltado para infância e juventude. Este potente objeto de arte pode contribuir para a formação racial das crianças e jovens brasileiros. E ainda, esses livros podem atuar como um eficaz letramento racial, contribuindo para uma formação dentro da diversidade por meio de saberes ligados à racialidade. Os estudos étnico-raciais nos levam a entender, por exemplo, o conceito de branquidade (Schucman, 2012) e seus privilégios, e ainda nos permite identificar o racismo nos livros de literatura, nas convivências, em nosso entorno e em nós mesmos.

Segundo essa autora, a consciência racial nos impulsiona a tomar posições antirracistas. Em relação aos livros classificados como literatura negra, Debus (2017) destaca três grandes categorias em que podemos dividir os títulos que circulam no mercado editorial brasileiro: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literaturas africanas.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Essa é uma discussão interessante para projetos antirracistas de mediação da leitura, pois permite uma organização e um planejamento das temáticas a serem trabalhadas de forma não “turista”, mas comprometida com o cotidiano de ações pedagógicas para o enfrentamento do racismo. Também é importante fazer uma distinção entre literatura sobre o negro e literatura do negro, sendo a primeira distanciada da realidade, permeada por uma visão eurocêntrica que reforça estereótipos e o racismo presente na sociedade, enquanto a segunda compreende a produção de autores(as) negros(as), cuja autoria permanece, em grande medida, invisibilizada nos currículos escolares.

Mesmo antes da promulgação da Lei nº 10.639/03, as pesquisas já demonstravam os impactos negativos do racismo para a população negra. Maria Aparecida Bento (2009) apontava alguns elementos importantes para a reprodução do racismo, desde a ideologia da democracia racial, as políticas públicas de branqueamento e seus efeitos nos processos de subjetivação, bem como os privilégios da branquitude. Assim, consolidou-se um “pacto narcísico” da população branca, que produz a invisibilização das iniquidades raciais e a defesa de uma meritocracia individual. Esse cenário se agravou no momento atual da política brasileira, em que houve retrocessos nas políticas sociais e avanço do conservadorismo racista, machista e capacitista.

Foi nessa convergência de interesses de leitura e de práticas de educação antirracista que ocorreu o bom encontro entre o projeto Ciranda da Leitura e o projeto Oficinas EscureSer, durante a pandemia do Covid-19 e o isolamento social. Com o fechamento das escolas, em 2020, o projeto Ciranda da Leitura, que acontecia no turno inverso das aulas, passou a ampliar a utilização do grupo do Whatsapp. A Oficina EscureSer surgiu como desdobramento de outro projeto de extensão da UFRGS que trabalha na Atenção Básica com promoção à Saúde da População Negra. Porém, em 2019, a cidade de Porto Alegre viu a política pública de saúde privatizar a Atenção Básica como fruto da extinção do Instituto Municipal de Estratégia de Saúde da Família (IMESF) (HAMERSKI, 2018). Assim, a ação de extensão precisou se reinventar e encontrou no projeto de mediação de leitura Ciranda da Leitura o acolhimento e a parceria para a articulação com seu coletivo de estudantes. Nascia, em 2020, a Oficina EscureSer, com foco na produção literária e artística de intelectuais e artistas negros(as).

3 Trilhas teórico-metodológicas



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

A roda é uma precaução teórica que reconhece os conflitos, não almeja a paz perpétua. Tampouco pretende multiplicar e embrutecer os embates e dissensos. Porém, pretende reconhecê-los e propor uma agência para que o convívio em dissenso não seja razão de exclusão. Em outros termos, a roda é a possibilidade de assumir que o conflito é inerente às relações humanas e que devemos trabalhar em prol de alternativas coletivas. No campo da educação isso significa assumir a roda, inclusive literalmente, como tática para produção de conhecimento (NOGUERA, 2017, p. 410).

Renato Nogueira (2017) é um importante educador negro que tem se dedicado a proposição de uma educação antirracista. Para tanto, tem produzido articulações teóricas entre os cânones europeus e a riqueza dos conceitos afrodiaspóricos. A roda, a ginga, o rodopio dos corpos, das mãos dadas, do olho no olho. Esse autor propõe o enegrecimento na produção de conhecimentos. “Denegrir a filosofia”, campo por excelência do pensamento abstrato, altamente elaborado e reflexivo. Denegrir no sentido positivo da palavra, tornar negro como algo desejável, distante do estigma que associa enegrecimento à inferioridade. A “filosofia afroperspectivista nos convoca para acontecimentos negros, acontecimentos femininos, acontecimentos infantis, acontecimentos animais” (NOGUERA, 2011, p. 3). Além disso, é interessante pensarmos o quanto na psicologia reproduzimos a colonialidade dos saberes, pois os processos grupais, tão caros aos fazeres da saúde coletiva e da promoção à saúde invisibilizam a potência da circularidade presente nos saberes de matriz africana e ameríndia (ALVES, 2012; SANTOS, 2015).

A partir dessas reflexões, fazemos aqui um exercício inicial de aproximação do paradigma da Afroperspectiva para pensar as rodas de leitura com autoria negra como uma potente prática antirracista na mediação da leitura no universo escolar.

Em seu estudo sobre oficinas com literatura de autoria negra na escola pública, Rosemar E. Coenga trabalhou com obras de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo com turmas do ensino médio. A autora cita José Luís Jobim (2009, p. 124, apud COENGA, p. 143) em seu apontamento de que “a leitura na escola, desde que motivada por um tema adequado, pode gerar significados relacionados aos interesses e necessidades do aluno no momento, ajudando-o a encontrar-se em sua trajetória existencial”. As palavras do autor nos alertam para o fato de que a leitura na escola deve influenciar o ser humano que ali se encontra no momento presente (COENGA, 2019, p. 143).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Relatos de experiência sobre projetos sociais com rodas de leitura com propósito antirracista demonstram o impacto dessas práticas nas comunidades e na equipe universitária. Cleonice Fernandes et. al. (2020) compartilham a emoção em trabalhar com histórias de matriz africana, narrativas que resgatam a memória e os saberes negros.

A emoção, está sim, permanece secreta, mas igualmente importante para o resgate da estima de um povo que talvez ainda não compreenda seu real legado; “perspectiva com a qual me irmano, sobretudo e também pela cor da minha pele”. (FERNANDES et. al., 2020, p. 12).

Enquanto isso, no campo da saúde mental, diversos estudos sinalizam os efeitos negativos na produção de subjetividade da população negra, pois o racismo é mantido através da permanente reedição dos estereótipos negativos. Na direção dos estudos psicológicos e psicanalíticos sobre o impacto do racismo na população negra, Kon et. al (2017) e Cleonice Fernandes et. al. (2020) reforçam que

Este conjunto de auto-percepções, que podem ser duradouras ou temporárias, é que formará o autoconceito e é claro marcará notadamente a maneira daquele sujeito de estar, ver o mundo e se ver/estar nele, seu comportamento, autovalorizando-se positiva ou negativamente. Constantes exposições a situações de humilhação e constrangimento sem dúvida provocarão rebaixamento da auto-estima e consequente construção de uma autoimagem distorcida (FERNANDES, 2020, p. 6).

Para enfrentar as práticas racistas no ambiente escolar, é fundamental que sejam apresentadas narrativas que trazem personagens negras em situação de destaque, respeito e dignidade. Desta forma, será possível a criação de uma esfera de representatividade, tão necessária para romper com as práticas racistas que dificultam a implementação de uma educação emancipatória que valorize a pluralidade dos estudantes e suas origens.

O uso dessas narrativas caminha em direção a uma pedagogia da diversidade (GOMES, 2017), fruto da luta contra-hegemônica empenhada pelo movimento negro no campo da educação, que está fortemente atrelada aos processos de emancipação social. Assim, a diversidade corresponde à perspectiva interseccional entre raça, gênero, idade e cultura (Ibidem).

Desse modo, as Oficinas EscureSer propuseram a mediação da leitura de intelectuais negras e negros, da literatura, da filosofia, da história, da composição de letras de músicas. Os encontros aconteceram quinzenalmente, através da plataforma Google Meet, com duração de 60 minutos, em que participaram alunos(as) entre o 6º e o 9º ano. Os encontros aconteceram



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

no turno inverso da aula, tendo a participação de até oito estudantes por oficina, com presença de diversas etnias. Como já apontado, historicamente, o racismo presente na sociedade é reproduzido no ambiente escolar por meio de textos que reforçam estereótipos e modelos negativos das pessoas negras. Para romper com esta visão, os materiais trabalhados nas oficinas foram o cordel “Carolina Maria de Jesus”, de Jarid Arraes; a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; a história Cada um com seu jeito, cada jeito é de cada um, de Lucimar Rosa Dias; a música “Bom mesmo é estar debaixo da água”, de Luedji Luna; os filmes Rafiki, de Wanuri Kahiu; e Orí, de Beatriz Nascimento.

Para Ana Célia da Silva (2005), nos livros didáticos a representação das contribuições dos grupos afro-brasileiros e indígenas na sociedade não são consideradas pertencentes ao passado significativo. Dessa forma, a história e a cultura destes grupos são invisibilizadas e minimizadas. E quando estes grupos são citados nos materiais, os sujeitos são representados de forma estereotipada. “No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência” (SILVA, 2005, p.21). Essas representações são inferiorizantes para a população negra e a reprodução desses estereótipos transmite e internaliza a representação negativa sobre os sujeitos negros e uma representação positiva sobre o branco (SILVA, 2005). Sobre os prejuízos para a autoestima da pessoa negra, a autora afirma

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações (SILVA, 2005, p.22).

4 A potência da Extensão Universitária

Consideramos a extensão universitária uma das maiores potências para a construção coletiva de conhecimentos, pois acreditamos no potencial transformador dessa prática. Contudo, se faz necessário ressaltar que este também é um campo alvo de disputas e de múltiplas interpretações. Duas formas de fazer-extensão têm sido foco de debates e pesquisas. A primeira que gostaríamos de ressaltar é a concepção com forte viés unilateral da produção de conhecimentos. Unilateral porque considera que a universidade detém os saberes e o conhecimento e se propõe a intervir nas comunidades desconsiderando os saberes construídos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

nesses espaços. Essa perspectiva apresenta, também, um caráter assistencialista, no sentido que se propõe a prestar serviços sem estabelecer diálogo e vínculo com as comunidades. (GADOTTI, 2017)

A segunda perspectiva, a qual buscamos estar inseridos, corresponde a uma extensão dialógica, que estabelece uma comunicação entre os saberes da comunidade e os saberes da universidade, de forma que não haja imposições mas a democratização do conhecimento. Nesses termos, a ação e a reflexão não são negadas para nenhuma das partes. Essa perspectiva, referendada nos ideais freireanos considera e respeita os anseios e desejos das comunidades, enquanto proporciona a nós, graduandas, mestrandas e docentes, a produção de conhecimento científico enraizado na realidade que nos cerca (FREIRE, 1977).

A partir da pedagogia engajada de bell hooks (2017), percebemos que todos os sujeitos, alunas e professoras, possuem alguma contribuição para os processos de ensino-aprendizagem. Essa pedagogia é essencial porque prioriza a participação das estudantes para que os ensinamentos se tornem relevantes e significativos.

Ao final dos encontros virtuais em 2020, produzimos um podcast do texto *Eu, Mulher*, por uma nova visão do mundo de Paulina Chiziane, o material foi disponibilizado em alusão ao dia da mulher, em 2021 no canal do NEPARC, Podcast EscureSer. Em 2021, expandimos a proposta da oficina a fim de explorar a questão étnico-racial sob a perspectiva de autores indígenas, em consonância com a Lei nº 11.465/08.

5 Apontamentos da experiência

Após todos os preparativos e a construção da oficina, chegamos aos encontros com um desejo grande de pôr em prática os conhecimentos sobre pedagogia engajada (HOOKS, 2017), educação popular (FREIRE, 1977) e relações raciais (NOGUERA, 2011; 2017).

Nossas atividades foram pensadas e desenvolvidas por um trio de pessoas negras, sendo ele composto por um mestrando em Psicologia Social e Institucional, uma graduanda em Ciências Sociais e uma graduanda em Serviço Social. As rodas de leitura foram realizadas pelas graduandas e o mestrando ficou de suporte a elas, sendo responsável pelas rodas de reflexão que aconteciam ao final das rodas de leitura e que se caracterizaram por ser um espaço de reflexão das atividades e didáticas adotadas. As autoras trabalhadas nas oficinas eram preferencialmente autoras negras, a fim de investir na prática em uma educação



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

antirracista. As participantes inscritas na roda de conversa eram autodeclaradas negras e brancas, todas meninas com idade entre 10 e 12 anos.

Pensar nas ações desenvolvidas nas oficinas do Projeto EscureSer nos provoca a refletir sobre dois modos distintos de mediação da leitura: a mediação em formato presencial e a mediação em formato online. A partir dos desafios impostos pela situação de distanciamento social em decorrência da pandemia de Covid-19, precisamos, nos anos de 2020 e 2021, abrir mão dos encontros presenciais e necessitamos desenvolver as atividades em formato online a partir da plataforma *Google Meet*. Com isso, surgiu uma pergunta-desafio pertinente para a organização das atividades: como transpor para os encontros online o mesmo acolhimento e despertar da luz interna de cada participante?

Neste trabalho, entendemos que a luz interna referida por hooks (2020) está ligada ao despertar da potencialidade de cada sujeito, nesse sentido percebemos a sala de aula como um lugar de compartilhamento da nossa luz interna. Portanto, todo o coletivo desta cena (bolsistas, docentes e estudantes) possui uma luz interna que, quando acionada, transforma o que está ao nosso entorno. Despertar diante de uma tela de computador, tendo como aliado apenas o contato virtual, exige de todas as pessoas envolvidas uma entrega ao que está sendo proposto, e uma nova forma de estabelecer relações. A transposição do modelo presencial para o online precisou considerar o despertar da luz interna de cada participante, para que o processo fosse satisfatório para todas as pessoas envolvidas.

O modelo de roda de conversa virtual viabilizou o espaço de fala e de escuta entre todas as participantes, em que cada jovem contribuiu com as discussões. As participantes da oficina não ocuparam lugar passivo nos encontros, pelo contrário, estiveram em posição de agência, construindo saberes coletivamente. Nesse sentido, a prática pedagógica da roda possibilitou a existência de uma comunidade de aprendizado engajado (hooks, 2017). Pudemos observar que a entrega aconteceu de forma orgânica e os reflexos puderam ser sentidos ao longo de todos os encontros. Entregar-se é um ato de confiança, sentir que o elo de confiança foi estabelecido entre as participantes e as coordenadoras da oficina mostra que a educação, como propõe hooks (2017), é uma forma de libertação das amarras impostas por um sistema educacional baseado no controle dos corpos e na extinção da vontade de pensar e agir dos(as) estudantes.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Para nós, enquanto organizadores(as) das mediações dos encontros, o desafio colocado era o de acionar a potência criativa, reflexiva e dialógica das participantes, transformando o encontro virtual em um ambiente que não se tornasse cansativo e exaustivo. Portanto, as atividades propostas vieram pelo caminho de engajar as participantes na construção do seu processo de reflexão sobre os temas abordados e das suas distintas realidades. A criação de materiais artísticos foi um dos recursos para incentivar a reflexão e a criação autoral a partir das histórias e temas abordados durante os encontros.

Um dos materiais utilizados nas oficinas foi o cordel de Jarid Arraes sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, seguido de reflexão e debate sobre o tema, com o auxílio da música “Asa Branca” de Luiz Gonzaga. Foi proposto que as participantes realizassem uma escrita em ritmo de cordel com tema livre. Este é um texto entregue por uma das participantes:

Todo dia eu acordo cedo
Para estudar
Depois vou na feira comprar
mas na feira eu não tinha o que gastar
Pois banho tive que tomar
muita água tive que beber
porque o sol estava de matá
Quando o dia acaba a noite cai

O exercício de fazer extensão universitária proporciona aprendizados a partir dos encontros e das trocas entre sujeitos. Isso significa que mesmo possuindo o conhecimento teórico, asicineiras precisam estar abertas e dispostas a novas descobertas promovidas por essas trocas. Nessa perspectiva, houve momentos no transcorrer das atividades em que asicineiras foram surpreendidas com os questionamentos sobre a sua atuação, por parte das participantes. Uma situação que podemos destacar foi quando asicineiras perguntaram sobre quais sonhos as jovens alimentam em si, e uma das jovens, após responder, devolveu a pergunta com “e vocês?”. É um gesto pequeno de curiosidade, mas que pegou asicineiras de surpresa. Concentradas em cumprir o planejamento daquele encontro, passou despercebido pelas responsáveis que demonstrar estar participando junto é mais significativo que apenas estar promovendo a roda de conversa.

Sobre a disponibilidade de compartilhamento entre todas os sujeitos envolvidos nos processos educativos e na pedagogia engajada, bell hooks afirma:

Minha disponibilidade para compartilhar, para expor meus pensamentos e minha ideias, confirma a importância de expor pensamentos, de superar o medo e a



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

vergonha. Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagens. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar. (hooks, 2017, p.49).

Com o passar dos encontros, outras alternativas de interação foram surgindo, a estrutura previamente pensada foi colocada em xeque, mostrando-se limitada e obsoleta diante do contato com a realidade e das afetações produzidas no encontro das rodas. Quando isso acontece, consideramos como um sinal de que devemos deixar as ações fluírem e acolher o que as participantes têm para oferecer. É nesse momento que o encontro ganha sentido e novas possibilidades surgem. Acolher as mudanças, considerar a organicidade do encontro, reconhecer a potência de cada participante são os componentes que permearam o fazer das oficinas do Projeto EscureSer.

Reflexões Finais

Dito isso, prevenimos leitoras e leitores que não comungamos, apenas, com a inclusão de conteúdos obrigatórios de história e culturas afro-brasileiras, africanas e dos povos indígenas somente para ampliar a representatividade étnico-racial. Não se trata de uma participação “turista”. Mas, de saber se a legislação cria condições de promoção da educação das relações étnico-raciais para uma ressignificação estrutural, reconhecendo os protagonismos negros e indígenas para estabelecimento de uma sociedade brasileira plural. Por isso, não podemos tratar esses conteúdos de modo pontual no currículo (NOGUERA, 2017, P. 400).

Ao explorar múltiplas interpretações e leituras do mundo propiciadas pelo texto literário criamos novos horizontes e expandimos as possibilidades de ser e de estar no mundo. Apesar das limitações do mundo virtual e a dificuldade de acesso à Internet pelas populações mais pobres, temos vivido espaços potentes de promoção à saúde, trocas de afetos, ludicidade e criatividade. Por tudo isso, acreditamos na força potência da parceria da universidade com a comunidade escolar, para que ambas possam aprender coletivamente e trocar experiências que fortaleçam práticas antirracistas durante os processos de aprendizagem.

A Oficina EscureSer, nasceu como uma forma de introduzir obras de autoria negra no ambiente escolar, literatura negra em primeira pessoa, para criar uma esfera de representatividade e autorrepresentatividade capaz de romper com as práticas racistas que devem ser superadas para a implementação de uma educação emancipatória voltada para as relações étnico-raciais. Foram fundamentais as trocas com a educadora negra da Escola Pública, a qual possibilitou a execução do projeto num bairro com forte presença negra na



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

cidade de Porto Alegre. Essa experiência de sustentar a importância dos corpos de estudantes negras como universitárias oficinairas, trabalhando com escritas e produções artísticas de autoras e autores negros(as) foi um dispositivo potente.

Quando a temática do cabelo surgiu nas rodas de conversas, o compartilhamento das vivências das estudantes da escola encontrou eco de vida nas educadoras/oficineiras negras. Ao se reconhecerem como semelhantes às meninas na dor do racismo vivido, houve a produção de uma cumplicidade, de uma compreensão experimentada pelo corpo negro. Como resposta, as estudantes balançavam a cabeça em sinal de positividade para cada narrativa que emergia em relação ao sentimento de inferioridade produzido pela pressão da estética branca. Essa experiência de racismo é algo que permanece nas experiências de mulheres negras.

Apesar da dor que o racismo produz, os movimentos negros sempre enfrentaram de frente a opressão, produzindo formas múltiplas e criativas de resistir. Por isso, entendemos que a “educação deve gerar gente feliz, escrevendo, batendo tambor, dando pirueta, imitando bicho, fazendo ciência e gingando com gana de viver.” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 25). Por isso, as oficinas do *Esclarecer* tiveram a intenção de oportunizar encontros de aprendizagem e de diversão. Proporcionamos informações seguras sobre os temas trabalhados, para que as meninas pudessem se apropriar de si, na tentativa de fazer o que hooks (2017, p. 63) chama de “transformar consciências” e criar um clima de “livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.”

Por fim, cabe ressaltar a importância deste encontro entre a universidade e a escola pública, pois ele possibilita a reflexão sobre as possibilidades de perspectiva de vida, tais como o ingresso em universidade e as ações afirmativas. Certamente a universidade pública foi a maior beneficiária das cotas raciais, pois permitiu um maior acesso à população negra aos bancos universitários. Os conhecimentos e os lugares de poder começam a diversificar as perspectivas de mundo, e as práticas antirracistas na extensão universitária ganham fôlego importante. Por isso, é fundamental lutarmos pela permanência das ações afirmativas e pela ampliação de políticas públicas na educação brasileira.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Financiamento e agradecimentos

Este projeto só é possível em virtude do financiamento da Política Pública Nacional de Extensão (PROEXT), para tanto, agradecemos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição pública que vem construindo pontes fora do ambiente acadêmico e possibilitando este encontro da Oficina EscureSer e da EEBSP.

Referências

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde dentro:** processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana. 2012. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5012/1/000438065-Texto+Parcial-0.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2021.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis.** São Paulo: Pólen, 2017.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COENGA, Rosemar Eurico. Literatura, Ensino e Multiculturalismo: Escritoras Negras em Sala de Aula. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 20, n. 2, p. 141-146, 2019.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Cortez editora, 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um.** Campo Grande: Editora Alvorada, 2012.

FERNANDES, Cleonice Terezinha et al. “E então só ficam as histórias...” Relato de Experiência das Rodas de Conversa/Leitura na comunidade quilombola de Chumbo no município de Poconé em Mato Grosso/BR. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 6, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1977.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária:** Para quê? Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: [https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o Universit%C3%A1ria - Moacir Gadotti fevereiro 2017.pdf](https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o%20Universit%C3%A1ria%20-%20Moacir%20Gadotti%20fevereiro%202017.pdf). Acesso em: 16 nov. 2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

GOMES, Nilma Lino. Educação, Relações Étnico-Raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões. In: BRANDÃO, Ana Paula (Orgs.). **Modos de fazer**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

_____. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsFSHg2hxbc> . Acesso em: 24 jul. 2021.

HAMERSKI, B. **A presença do setor privado na saúde pública no município de Porto Alegre: o caso do IMESF**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

KAHIU, Wanuri; BASS, Jenna Cato. **Rafiki**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s1oKaDkmapY> Acesso em: 12 de ago. 2021.

KON, Noemi Moritz. SILVA, Maria Lúcia da, ABUD, Cristiane (Orgs.). **O Racismo e o Negro no Brasil**: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LUNA, Luedji. **Bom mesmo é estar debaixo da água**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z71PX61UdJ4>. Acesso em: 4 de ago. 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Orí**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IE_9JRYLve4. Acesso em: 31 de ago. 2021.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, dezembro/2011.

_____. Entre a Linha e a Roda: Infância e Educação das Relações Étnico-Raciais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**. Vol.1, n.15, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ROSA, Sônia. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. **Portal Geledés**, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/>. Acesso em: 5 dez. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático.** Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Org: Kabengele Munanga. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato:** as ciências encantadas das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

**LEITURA E REPRESENTATIVIDADE: ONDE ME ENCONTRO NO UNIVERSO
LITERÁRIO!**



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Rosiele Barbosa Ferreira¹⁸

Resumo: O presente trabalho aborda a importância de permitir a aproximação e o engajamento dos alunos com as práticas de leitura no ambiente escolar, apresentando obras que dialoguem com a pluralidade cultural, patrimônio tão rico de nosso país, garantida pelas leis nº 10639 e nº 11645, as quais preveem o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, que podem ser muito bem exploradas nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Essas práticas foram realizadas nas escolas em que trabalhei na cidade de Camaquã, nos períodos de 2013 a 2019, movimentando colegas não apenas da área de Linguagens, mas também das demais áreas, bem como alunos e familiares. Toda a comunidade escolar se envolveu na busca por transpor os conhecimentos e as vivências apresentadas em cada obra à realidade de cada leitor e, assim, promover a leitura literária como uma ferramenta de transformação e representatividade. Esta prática interdisciplinar ocorreu a partir da escolha de autores e obras que refletissem o respeito, o conhecimento e a empatia pelos integrantes de nossa sociedade, através de leituras que representassem o povo e a cultura afro-brasileira e indígena, bem como suas ancestralidades e valores, os quais são imprescindíveis para que vivamos em conjunto com mais respeito e cidadania. Ao presenciar o envolvimento de toda a comunidade escolar na execução dos projetos, a expectativa a cada início de ano de quais seriam as leituras realizadas e a mudança no posicionamento não apenas dos estudantes, mas também dos professores, percebeu-se que esta prática cumpre o seu propósito, sendo imprescindível para que tenhamos uma sociedade em que as pessoas valorizem não apenas aos outros, mas a sua própria identidade, e que possam se posicionar perante as desigualdades e formas de preconceito existentes.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Cultura afro-brasileira; Cultura indígena.

Abstract/Resumen: The following work addresses the importance of allowing students to approach and engage with reading practices in the school environment, presenting works that dialogue with cultural diversity, such as a rich heritage of our country, guaranteed by laws 10639 and 11645, which provide for the study of Afro-Brazilian and Indigenous history and culture in the school curriculum, which can be very well explored in Portuguese Language and Literature classes. These practices were carried out in schools where I worked in the city of Camaquã, from 2013 to 2019, moving colleagues not only from the language area, but also from other areas, as well as students and families. The entire school community was involved in seeking to transpose the knowledge and experiences presented in each work to the reality of each reader and, thus, promote literary reading as a tool for transformation and representation. This interdisciplinary practice occurred by choosing authors and works that reflected respect, knowledge and empathy for the members of our society, through readings that represented the Afro-Brazilian and indigenous people and culture, as well as their ancestry and values, which are essential for us to live together with more respect and citizenship. By witnessing the involvement of the entire school community in the execution of the projects, the expectation at each beginning of the year of what readings would be carried out, and the change in the positioning not only of students, but also of teachers, it was noticed that this practice complies with its purpose, being essential for us to have a society in which people value not only others, but their own identity, and that they can take a stand in the face of existing inequalities and forms of prejudice.

Keywords: Children's Literature; Afro-Brazilian culture; Indigenous culture.

1 Apresentação da professora

¹⁸ Licenciada em Letras habilitação Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado - Sala de Recursos pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Pós-graduação em Cultura e Literatura pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Pós-graduação em Práticas de Pesquisa - Educar pela Pesquisa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Professora na rede estadual (Colégio Estadual Sete de Setembro) e municipal (E.E.F. José Antônio Netto) em Camaquã- RS. E-mail: rosibf22@gmail.com



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

A literatura sempre teve um espaço bem especial em minha vida, pois, quando estudante do ensino fundamental e médio de escola pública, sempre era muito estimulada por minhas professoras, assim essas práticas vivenciadas me acompanham no exercício da docência. No entanto, minha formação acadêmica em Letras e respectivas Literaturas pela Universidade Luterana do Brasil ocorreu de uma forma inusitada. Letras não era minha 1ª opção para a graduação e, com 17 anos, recém saindo de uma escola em que estudei desde a pré-escola até o ensino médio, sem condições financeiras para mudar de cidade, minha única alternativa era a prova do ENEM e o programa PROUNI, através do qual ingressei na universidade.

A escolha do curso de Letras ocorreu aleatoriamente, pois, dentro dos cursos daquele campus, este seria um dos que eu poderia me “encaixar”. Sou grata pela surpresa da vida por ter me encaminhado ao mundo das Letras, pelo qual sou apaixonada e através do qual posso apresentar aos alunos um mundo diferente, da mesma forma que me foi apresentado quando estudante. Exerço esta bela profissão há quase 10 anos e, atualmente, sou professora das redes municipal e estadual. Trabalho com alunos do ensino fundamental, nos anos finais, e ensino médio nas disciplinas de Língua Portuguesa, Produção textual e Literatura. Contudo, ao desenvolver projetos de leitura nas escolas, posso ter contato com alunos desde a pré-escola até a educação de jovens e adultos.

Em meus singelos pensamentos, sempre tive a pretensão de mudar o mundo, contudo, ao amadurecer, fui percebendo que nesta profissão que foi escolhida para mim, eu poderia não mudar o mundo, mas fazer com que os alunos vivenciassem e experimentassem diferentes vidas e, assim, pudessem ter a oportunidade de mudar o seu mundo e o mundo de sua família através da leitura e do que ela nos proporciona. Desta maneira, inicialmente, fui introduzindo em minhas aulas leituras e autores que pudessem dialogar com a minha proposta de mudar o mundo, com enfoque nos valores, na sociedade, nos sonhos. Quanto mais trabalhava dentro da minha sala de aula, mais vontade eu tinha de que outros alunos pudessem estar inseridos naquele momento.

Em 2012, fui nomeada para uma escola do interior da cidade de Camaquã, com predominância de alunos alemães. Comecei aos poucos em minha sala de aula a introduzir temáticas relacionadas à cultura deles, mas também a apresentá-los a outras realidades.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Sempre acreditei na importância das parcerias, do compartilhar com os colegas, por isso, sempre buscava unir-me a colegas que também tivessem essa vontade de movimentar o espaço escolar e enchê-lo de vida, de descobertas. Então, no ano de 2013, foi solicitado a mim e a outra colega que organizássemos um projeto de leitura, pedido pelo qual sou grata até hoje, pois foi a partir dele que nasceu a primeira Feira literária com temática afro e indígena, organizada por três colegas, e agora amigas, de diferentes áreas: Português, Artes e Matemática.

Foi depois dessa experiência que tive a certeza de que oportunizar momentos para que o aluno dialogue com a sua leitura, priorize a imaginação, os sonhos e o aprendizado através das suas percepções seria a minha forma de mudar o mundo.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13).

2 Projetos de leitura

Ao realizar uma leitura, transporto-me para dentro do livro e sinto-me uma integrante daquela história. Ao imaginar como o personagem se sente, desenvolvo a empatia, ao não concordar com tal atitude, desenvolvo a criticidade e, ao vivenciar o amor e a esperança, tenho a chance de perpetuar esses sentimentos positivos. Sendo assim, é de extrema importância que a leitura tenha o seu espaço garantido na vida do aluno, não sendo aquela leitura com obrigatoriedade, mas aquela que o incentive a adentrar na história, trazendo temas que possam ser explorados pelos estudantes. “Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos”. (RANGEL; ROJO, 2010. p. 87).

Pensando por essa perspectiva e a fim de resgatar e valorizar as culturas afro-brasileira e indígena, as quais, por muitas vezes, não são apresentadas ao educando com uma intencionalidade, senão apenas para contemplar que estão de acordo com a lei, os projetos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

literários foram sendo desenvolvidos dentro dessa temática. O propósito sempre foi que o estudante possa contemplar a beleza das culturas, valorizar os nossos autores brasileiros que abordam com tanto sentimento a realidade de muitos meninos e meninas negros(as) e indígenas que não são vistos pela sociedade.

Portanto, o primeiro desafio, como mencionado anteriormente, foi, juntamente com as professoras Catia Silva (Matemática) e Taís Isquierdo (Artes), organizar um projeto de leitura com a temática afro e indígena, o qual foi chamado de “Ateliê da Leitura: culturas africanas e indígenas”, e aplicado em uma comunidade pomerana no ano de 2013. A Escola Municipal de Ensino Fundamental 15 de Novembro, localizada na Santa Auta (área rural de Camaquã/RS), fez com que eu conseguisse enxergar a importância de trabalhar a leitura no coletivo, pois o projeto foi desenvolvido com todos os alunos e professores, nos turnos da manhã e da tarde, e possibilitou o diálogo entre as culturas de forma crítica. O professor tem um importante papel quando pensa em inspirar hábitos de leitura. Não estou dizendo que é uma tarefa fácil, mas é preciso tentar.

Assim, em 2014, troco de “morada” e, por escolha, transfiro-me da escola da área do interior para a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Antônio Netto, situada no bairro Santa Marta, também em Camaquã. Ali fui acolhida por uma equipe diretiva fantástica, a diretora Ana Paula Pedroso, a vice-diretora Luciana Cullmann e a supervisora Karen Farias, as quais embarcaram na ideia de lançarmos um projeto de leitura bem ousado: trazer os autores para “dentro” do chão da escola. Como faríamos? Não tínhamos resposta, mas carregávamos a certeza de que conseguiríamos aproximar nossos alunos dos autores lidos.

Essa equipe diretiva me deu a oportunidade de dar continuidade ao projeto de leitura e realizamos, com o envolvimento de todos os professores dos anos finais, a primeira edição do projeto “Encontro com o Leitor”. O projeto tinha o objetivo de promover a visita de um autor à nossa escola e interagir com os alunos, rompendo com o distanciamento que há entre autores e leitores. O primeiro convidado, que se tornou um grande amigo, de cujas escritas sou fã, foi o autor Júlio Emílio Braz, que aborda em suas obras a discriminação social, racial, o preconceito e as diversidades emocionais e sociais.

Luiz Carlos Cagliari (2009, p. 130-131) já evidenciava que:

a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

uma herança maior do que qualquer diploma. (...) tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.

Ressalto que esta escola já havia feito projeto de leitura com o turno da tarde e práticas de leitura nos demais turnos, pois sempre teve a preocupação de priorizar a leitura para os seus estudantes. Porém, agora, nossa ideia era de que este projeto fosse a identidade da escola e, com a dedicação de todos, conseguimos, tanto que realizamos 5 edições, sendo a última com a parceria de uma outra escola municipal. Relatarei brevemente as edições realizadas nos anos de 2015 a 2018.

No ano seguinte, realizamos a 2ª edição do “Encontro com o Leitor” com o autor Caio Ritter, o qual tratava da temática sobre a adolescência, discriminação e conflitos. Em 2017, ocorreu a 3ª edição do projeto, novamente com a presença do autor Júlio Emílio Braz, em que os alunos trabalharam com outras obras do autor e ficaram mais uma vez encantados com sua presença em nossa escola, o qual tornou-se meu grande parceiro na realização de projetos de leitura nas escolas.

Na 4ª edição, expandimos a parceria e, juntamente com a escola Municipal de Ensino Fundamental Cândido Rodrigues de Freitas, trouxemos ao Salão da Ação Social a autora Marô Barbieri. Essa parceria ocorreu pela amizade que eu tenho com a Profª Sandra Vargas, a qual já havia trabalhado na Escola José Antônio Netto e sempre teve a vontade de desenvolver um projeto de leitura. A partir disso, com todo o apoio da direção e da supervisão, conseguimos realizar este momento tão lindo para mais alunos.

No ano de 2019, na Escola José Antônio Netto não trouxemos a presença física de nenhum autor, mas as atividades continuaram, através do trabalho na biblioteca da escola, juntamente com minha colega Luciana Rocha. Percebemos a importância de resgatar a biblioteca da escola e lançamos uma campanha de arrecadação de livros literários com os alunos.

Nesse mesmo ano, organizei junto à direção da escola e às professoras de Língua Portuguesa e Literatura, especialmente à Profª Juliana Menezes, do Colégio Estadual Sete de Setembro, a escola da rede estadual em que trabalho, uma extensão da edição “Encontro com o Leitor” com a presença do autor Júlio Emílio Braz. Por isso mencionei que esse autor se tornou um amigo/parceiro na realização dos projetos, pois sempre aceitou os convites realizados.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Esse projeto teve a parceria da Escola Municipal de Ensino Fundamental Osvaldo Aranha, através da Profª Juliana, que atua nas duas escolas. Este dia foi super intenso, pois atender duas escolas, contemplando anos iniciais, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos foi um desafio, o qual foi muito bem executado pelo Júlio Emílio.

Priorizar leituras que fizessem com que o aluno se identificasse, com que o aluno questionasse e fizesse a relação com a realidade, fez-me perceber o quanto faz a diferença realizar uma prática coletiva, pois nada disso ocorreria se não tivesse o trabalho de todos. Lembro-me de que, por várias ocasiões, era vista com “maus olhos” por alguns colegas que não queriam sair de seu casulo, tanto pelo trabalho que deveriam realizar quanto pelos temas abordados, mas havia muito mais colegas dispostos a aventurar-se junto comigo, possibilitando trazer o diálogo sobre o espaço do negro, do indígena e as formas de dificuldades e preconceitos enfrentadas no dia a dia.

3. A importância da pluralidade cultural por meio da literatura

Antonio Candido (CANDIDO, 2002, p.77) defendia a função humanizadora e formativa da literatura, ressaltando o importante papel que a obra literária (ou um conjunto de obras) desempenha na sociedade, satisfazendo a necessidade da fantasia e contribuindo para a formação da personalidade, uma vez que estabelece uma relação das obras literárias com a realidade concreta.

Não é de hoje que se fala da importância da Literatura Afro-Brasileira no cotidiano escolar, no entanto, práticas efetivas e duradouras ainda são pouco difundidas, apesar de a Lei nº 10639 já ter completado dezessete anos de promulgação. Tal diretriz curricular tornou o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana obrigatório em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, desde o ensino fundamental até o médio. A instrução é reconhecer e valorizar as raízes africanas da nação brasileira, destituindo o negro da função de escravo ou objeto, ressignificando a sua identidade como sujeito, produtor e protagonista, invertendo essa imagem negativa e resgatando sua contribuição na história e no desenvolvimento do Brasil.

No entanto, essa mudança não se deu de forma rápida e eficaz, como alerta Capuano (2008, p.1), “desde muito cedo na história da literatura brasileira, a figura do negro foi vítima



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

de um verdadeiro apagamento”. Dessa forma, percebe-se que a temática étnico-racial necessita de uma abordagem ao longo do ano letivo, e não somente no dia 20 de novembro. Para tanto, são necessários subsídios teóricos e metodológicos por parte do professor, uma vez que a lei

determina que os conteúdos escolares de matriz africana sejam abordados, além de destacadas as formas de resistência, as influências sociais, históricas, culturais, políticas e religiosas da população negra na constituição da sociedade brasileira. (RODRIGUES, 2015, p. 13).

Para Pereira e Silva (2012, p. 1), esta mudança na legislação foi fundamental para a educação brasileira, uma vez que

tem especial importância para a divulgação/valorização do legado cultural africano que recebemos desde o século XVI, pois além de ampliar o parco conhecimento que temos dessa cultura, supõe um novo olhar sobre a história africana e afro-brasileira e suas possíveis relações como o percurso histórico brasileiro.

Os autores evidenciam que a referida lei também necessitou de muita luta até ser sancionada, resultado dos esforços dos movimentos negros desde a década de 1970, passando pelos movimentos a favor da afirmação da identidade negra na década de 1990, com destaque para a Marcha Zumbi dos Palmares. Por isso, destacam a necessidade da inclusão desse tema nos conteúdos escolares, de forma a reconstruir nos alunos e nos professores uma imagem positiva, elevando a autoestima dos alunos afrodescendentes e contribuindo na reflexão dos demais alunos sobre a relevância da diversidade étnico-racial (PEREIRA; SILVA, 2012, p. 2).

Assim, as ações escolares buscam impulsionar atitudes e valores que destaquem a pluralidade ética, por meio de “ações compromissadas com a diversidade multicultural e multirracial do país” (Ibidem), as quais devem perpassar todas as disciplinas, mas centram-se, especialmente, em Literatura, História e Artes. Dessa maneira, os projetos de leitura desenvolvidos com a temática afro-brasileira evidenciam que é possível ampliar o conhecimento dos alunos, retomando a perspectiva de Antonio Candido de que a obra literária pode interferir na realidade a partir de seu contexto ficcional.

Outros documentos de caráter educacional nacional também esclarecem a questão do conteúdo da Lei nº 10639, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre a Pluralidade Cultural (1997) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

Os PCNs mencionados defendem a participação social e política na reivindicação dos direitos e deveres presentes no cotidiano, por meio de “atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito”. (BRASIL, 1997, p.7). Já o documento de 2004 (p. 12) requer a adesão de “políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade”, com o intuito de superar a desigualdade étnico-racial presente nas escolas, nos diversos níveis de ensino.

Em 2008, com a ampliação do estudo da cultura indígena, por meio da Lei nº 11645, esta questão tornou-se bastante profícua para as escolas do município de Camaquã, uma vez que tornou possível estreitar as relações das instituições de ensino com a aldeia indígena mbya guarani Yyy'a Poty, localizada no distrito do Bonito. Segundo Lima (2013, p. 11),

pensar a articulação entre Educação, Cidadania e Ética (...) é examinar as Linguagens como veículo das transformações históricas e culturais e compreender a Língua também como um fenômeno de Leitura, pensando em um corpus de textos das Literaturas de Língua Portuguesa (Africanas, Brasileira e Indígena).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem que o ensino de Língua Portuguesa (LP) trabalhe com a leitura e a escrita a fim de tornar o aluno apto a se desenvolver enquanto leitor, dominando a produção das diversas modalidades de textos (LIMA, 2013, p.11). Ainda de acordo com Lima (2013, p. 15),

o ensino da Língua Portuguesa, bem como a divulgação de textos das diferentes Literaturas expressas em Língua Portuguesa e de temas que abordem expectativas contempladas na Lei 11.645 propiciarão aos professores oportunidades de desenvolver em suas escolas trabalhos interdisciplinares, por ser ela o instrumento através do qual docentes, de todas as disciplinas, interagem e ministram os seus conteúdos.

Salienta-se, assim, a importância da criação da Lei n. 11.465, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura das populações nativas na educação básica brasileira, nas redes de ensino pública e privada, reforçando a relevância do trabalho com a diversidade cultural e étnica brasileira na escola, ressaltando que, assim como a cultura afro-brasileira ganhou seu espaço no cotidiano escolar, a cultura indígena também necessita de uma “reconstrução historiográfica que a valorize (...), garantindo a sua legitimidade no processo de construção da história cultural brasileira.” (KAVALERSKI, 2017, p. 31).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Segundo esse pesquisador, é necessário que se pare de olhar para essas culturas com o olhar do colonizador, mas sim com toda a riqueza e peculiaridades que elas oferecem genuinamente, estabelecendo “um novo modo de entender os fatos históricos a partir da perspectiva descolonial, em que a participação e as contribuições culturais das populações historicamente subalternizadas são problematizadas, criando novos vieses e percepções quanto à formação social brasileira”. (KAVALERSKI, 2017, p. 44).

A fim de mostrar como é possível realizarmos práticas que emancipem o aluno e o tornem protagonista no processo de ensino-aprendizagem, apresentarei os dois primeiros projetos, os quais me impulsionaram a continuar acreditando que a leitura tem o poder de transformação.

4.1 Primeiro projeto realizado

O primeiro projeto denominou-se Ateliê da Leitura: Cultura Africana e Indígena, e teve autoria conjunta com a prof^a Thais Isquierdo e organização com as professoras Cátia Gomes e Thaís Isquierdo. A ação surgiu a partir da observação dos professores, no ano de 2012, em relação à falta de ter a leitura como uma prática prazerosa, necessária na formação de alunos críticos e participativos. Sendo assim, a equipe escolar desenvolveu diversas atividades, com o intuito de que a leitura se tornasse parte do cotidiano escolar e familiar dos educandos, a fim de que utilizassem a arte como expressão do pensamento e valorizassem a cultura africana e indígena, as quais constituem a identidade do povo brasileiro.

O projeto consistiu, primordialmente, na integração da Literatura com a Arte, visando o trabalho interdisciplinar entre as áreas do conhecimento e buscando a troca de experiências entre os alunos através da leitura de livros literários que compõem o universo da literatura africana e indígena, as quais serão refletidas no fazer artístico, incentivando-os ao prazer da leitura, ao desenvolvimento de suas potencialidades artísticas e ao aprimoramento dos conhecimentos acerca dos conteúdos estudados.

O objetivo geral era incentivar o prazer pela leitura, a criatividade dos leitores e o conhecimento referente às culturas africana e indígena. Como objetivos específicos, almejavam-se a relação entre a Literatura e a Arte; a leitura e a interpretação de obras literárias selecionadas; o trabalho com diferentes gêneros textuais; o fazer artístico a partir da leitura de



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

obras literárias; o desenvolvimento das habilidades artísticas; a contextualização das leituras com questões do cotidiano; a interpretação das leituras através do fazer artístico; o trabalho com diversos elementos da Literatura Afro- Brasileira; a valorização e o respeito à diversidade cultural. Desse modo, cada ano ou série ficou designado a ler um livro específico, e esta leitura era realizada na escola ora com os alunos em duplas ou grupos, ora contada pela professora, pois dependíamos da quantidade de livros para pensar na estratégia de leitura.

Após a realização dessas leituras, havia um diálogo, cada aluno expressava-se e, após, realizavam uma atividade artística correspondente, para que fosse relacionado o que leram, a sua interpretação com a prática, a expressão através de habilidades artísticas. Também organizamos um “Diário de Bordo”, atividade em que cada aluno recebeu um caderninho (cujo fornecimento conseguimos pela Secretaria Municipal de Educação, para que todos fossem do mesmo tamanho) e ficou responsável por enfeitá-lo e organizá-lo com materiais disponibilizados pela escola.

Nosso objetivo era que o aluno conseguisse perceber através das atividades propostas o quão prazeroso é o hábito de ler, bem como apresentar as diversas possibilidades que a relação Arte e Literatura propiciam.

A arte tem como objetivo ajudar a criança a se desenvolver livremente, a estimular a criatividade e a expressão. A arte desenvolve o pensamento artístico, deixando o particular dar sentido às experiências do exterior, onde a criança aumenta a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. (SILVA; SCHULTZ; MACHADO, 2008, p. 38).

Sendo assim, primeiramente, garimpamos a biblioteca da escola atrás de títulos que dialogassem com a nossa proposta. Ficamos aproximadamente duas semanas em torno dessa procura, contudo, era muito difícil alinhar aos nossos objetivos os livros disponíveis na biblioteca e a quantidade de exemplares.

Então, fizemos uma primeira seleção com alguns títulos escolhidos por autores a partir da quantidade de obras, porém ainda não era da forma como gostaríamos. Separamos Ana Maria Machado, Mario Vale, Maria Cristina Furtado e estávamos dispostas a repensar nossos objetivos de trabalhar com a cultura afro-brasileira e indígena em decorrência do número das obras. Porém, no meio desse processo, recebemos da Secretaria de Educação, através do projeto com as bibliotecas escolares, uma caixa repleta de títulos com a temática afro e indígena. Naquele momento, nossas mentes inquietas começaram a trabalhar e conseguimos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

organizar uma forma de todos os alunos terem a possibilidade de conhecer a riqueza daquelas obras, mesmo com poucos exemplares.

Sendo assim, combinamos de resgatar a hora do conto nos anos finais, intensificar essa prática com os anos iniciais e promover leitura coletiva (juntar grupos de alunos para lerem as obras), disponibilizando o tempo durante as aulas, não apenas nas de Língua Portuguesa e Artes, mas com todos os demais componentes. Fizemos então o cronograma da leitura e, a partir dessa ideia, o projeto foi adotado por toda a escola e por todos os professores com o seguinte formato:

- Momento da leitura - Caixas de livros, organizadas por turma, que ficavam na biblioteca;
- Hora do conto referente aos livros das cultura afro-brasileira e indígena promovidos pelas professoras de Língua Portuguesa e pelas atividades desenvolvidas por todos os componentes curriculares;
- Atividades de intercâmbio da leitura: os alunos lerem uns para os outros, haver a troca entre turmas.

Na modalidade de hora do conto, organizamos da seguinte forma as obras trabalhadas:

Ano/série	Livro	Atividade artística
Pré- escola	VALE, Mario. O Almoço . São Paulo: Editora Formato, 2009.	Painel de desenhos
1º Ano	MARTINS, Georgina. Minha família colorida . São Paulo: Edições SM, 2005. VENEZA, Mauricio. Caixa de lápis de cor . São Paulo: Editora Positivo, 2008.	Música com dança
2º Ano	MURILO, Gerson. Ei quem você pensa que é? São Paulo: Editora Formato, 2008.	Teatro de fantoches



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

3º Ano	FURTADO, Maria Cristina. Pretinho, meu boneco querido! Porto Alegre: Editora do Brasil, 2000.	Releitura ilustrada
4º Ano	MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de Fita. Porto Alegre: Editora Ática, 2009.	Confecção de cartazes
5º Ano	CHAMBERLIN, Mary e Rich. As panquecas de Mama Panya. São Paulo: Edições SM, 2007. DALY, Niki. O vestido de Jamela. São Paulo: Edições SM, 2012.	Modelagem Cordéis
6º Ano	DALY, Niki. Cadê você, Jamela? São Paulo: Edições SM, 2009.	Teatro
7º Ano	VASSALO, Marcio. Valentina. São Paulo: Editora Global, 2007. KREBS, Laurie Krebs e CAIRNS, Julia. Um safári na Tanzânia. São Paulo: Edições SM, 2007. KOUROUMA, Ahmadou. Homens da África. São Paulo: Edições SM, 2012.	Confecção de bonecas de pano
8º Ano	DIELTIENS, Kristien. Meu nome é Pomme. São Paulo: Edições SM, 2011. BARBOSA, Rogério Andrade. Contos de Itaparica. São Paulo: Edições SM, 2010.	Stopmotion
8ª Série	MATÉ, Daniel Munduruku. Catando Piolhos Contando histórias. São Paulo: Editora Brinquete Book, 2006.	Maquetes Teatro



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

	ASARE, Meshack. O chamado de Sosu. São Paulo: Edições SM, 2011.	Entrevista Saída de campo
--	--	------------------------------

As atividades desenvolvidas a partir da leitura das obras foram, principalmente, produções textuais, releitura das obras, diários de bordo, confecção de bonecas de pano, elaboração de maças em gesso, maquetes, confecção de máscaras africanas, culinária (panquecas, bolo de fubá e cenoura), livro ilustrado, teatro, fantoches, cordéis, marca-páginas, saída de campo, visita à reserva indígena, danças, pinturas com tinta, intercâmbio de leitura, exibição de filmes.

Em nenhum momento “obrigamos” os colegas a participarem, mas, como o projeto era da escola, e tínhamos momentos para compartilhar sobre o andamento, as temáticas das obras e as leituras ocorriam todas dentro da instituição escolar. Dessa maneira, os colegas que não estavam engajados, aos poucos, foram aderindo, pois percebiam o envolvimento da maioria dos professores e dos estudantes. Eles tornaram-se os protagonistas de todo o processo, realizando atividades que nos surpreenderam, como ir visitar a reserva indígena, e apresentar através de fotos e vídeos a visita, realizar pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, reconhecendo que nunca tinham pensado sobre a importância e a origem da dança e da culinária. Acompanhar este despertar sobre o outro fez com que este projeto tenha ficado marcado não só na minha memória, mas em meu coração.

Os livros trabalhados eram tão lindos: todos envolviam a cultura africana, afro-brasileira e indígena. Destarte, foram tantas descobertas através da literatura que os alunos, maioria de origem alemã, começaram a enxergar além do que estavam acostumados e fizeram uma reflexão sobre a própria cultura e a apresentada nas obras.

Através dos títulos de *Jamela*, os estudantes adentraram a África e seus costumes com cores fortes e significativas. *Mama Paya* fez com que eles invadissem a cozinha da escola e comunhassem juntos, já *Sosu* mostrou a história desse menino africano e a relação com a natureza, e foi com o autor Daniel Munduruku que os alunos despertaram para realmente saber sobre os seus vizinhos, os indígenas, que estavam bem pertinho da escola, mas ao mesmo tempo tão longe. Esses foram alguns exemplos de algumas obras. O aprendizado e o que a leitura proporciona, por vezes não conseguimos descrever e mensurar.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. (FREIRE, 1996, p. 60).

Através da leitura de cada obra e por meio de cada atividade proposta, sempre priorizamos respeitar os alunos, suas individualidades e, ao mesmo tempo, instigar para que compreendessem a importância de ler o mundo através do conhecimento e de seu papel como ser social. Também é importante registrar que todas as atividades foram realizadas na escola através da união dos professores e pedidos de patrocínio externos para os materiais. Tivemos a grande parceria de professores que se dispuseram a comprar, dentre outros materiais, gesso, tecido, e a confeccionar as roupas para as apresentações de dança; a supervisora da escola que buscava junto à mantenedora isopor, cartolinas, folhas de EVA cola, para a confecção dos marca-páginas e maquetes e a empresa AFUBRA (Associação dos Fumicultores do Brasil) que nos auxiliou nesta parte também e no dia do evento de culminância do projeto.

Para a realização das atividades artísticas, os professores se engajaram por turma, sendo que eu, e as professoras Thaís e Catia (Profª de Matemática que integrou este time ao vir para a escola) ficávamos mais envolvidas com todas as turmas e os demais colegas, com uma a duas turmas, para que pudéssemos dar uma atenção maior a todos. O projeto realizou-se no período de maio a novembro de 2013 e a culminância ocorreu no mês de novembro, na Feira do Livro da escola, que englobou concursos de desenhos (pré ao 3ª ano); concursos de poemas (4º ano a 8ª série) e apresentação das atividades artísticas dança e teatro.

Com a arte a criança inicia sua produção textual, através do desenho, da música, do teatro, expressando-se de diversas formas. Ela atira e constrói uma nova visão, uma escuta diferenciada dos demais sentidos como uma introdução para a compreensão diversificada das questões sociais. (SILVA; SCHULTZ; MACHADO, 2008, p. 36).

Utilizar os livros como ferramenta de aproximação cultural fez com que este projeto fosse vivo, repleto de reflexões que até então não eram “abertas” dentro desta comunidade pomerana. Ver estes alunos respeitando e valorizando o negro, o indígena e as raízes da ancestralidade brasileira possibilitou enxergamos que todo o esforço e as tentativas são necessárias para que todos sejam vistos e respeitados e, assim, contribuirmos para que tenhamos uma sociedade antirracista.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

4.2 Segundo projeto realizado

Existem diversas maneiras de aproximar os leitores e os livros, e uma delas é aproximar os educandos dos autores, para que possam apresentar as suas interpretações e questionamentos e dialogar sobre a leitura realizada. E esse foi o propósito da 1ª edição do Encontro com o Leitor.

Então, quando mudei de escola, fui para a escola municipal urbana José Antônio Netto e, com todo o apoio da diretora Ana Paula Flores Pedroso e da equipe escolar, em 2014, conseguimos efetivar esta ação nas dependências da escola, com a participação do autor Júlio Emílio Braz, o qual encantou tanto os alunos que retornou no ano de 2017 neste mesmo espaço.

Primeiramente, foi um desafio realizar um projeto desta forma, pois nunca havia entrado em contato com nenhum autor e desconhecia a parte organizacional desta prática, não sabia como fazer, mas tinha a certeza de que conseguiria. Conforme ressalta Freire (1996, p. 39), “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”. Desse modo, mesmo entrando em um campo desconhecido, realizei uma pesquisa sobre autores que tivessem a cultura afro-brasileira como temática de suas obras e achei o site do autor mencionado. Enviei um e-mail despretensiosamente e, para minha alegria, ele aceitou. Começamos, naquele momento, essa parceria tão linda de abordar a representatividade negra através da literatura.

As obras trabalhadas com os alunos foram: *Moçambique*, *Felicidade não tem cor*, *Lendas negras*, *Na cor da pele*, *Sikulume e outros contos africanos*, *Pretinha eu?*, *Zumbi - o despertar da liberdade*, *Um sonho dentro de mim*. Todas ressaltam a origem e a riqueza da ancestralidade do negro de uma forma que muitos alunos, inclusive eu, nunca tínhamos visto, valorizando positivamente a cultura e as pessoas negras.

As obras foram selecionadas através das conversas por e-mail com autor, em que eu contava um pouco sobre a comunidade escolar e o nosso desejo de fomentar a leitura crítica, valorizando a negritude e o indígena que, por muitas vezes, não eram “vistos” na literatura ou, quando estavam, era sempre ocupando posições consideradas “não privilegiadas” nas narrativas. Após organizarmos as obras que seriam trabalhadas, os professores de Língua



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Portuguesa, Prof^a. Tânia, Luciana Rocha e eu, escolhemos os títulos por turma e iniciamos as atividades de leitura e conhecimento da temática. Juntamente conosco, os demais professores também se engajaram, trabalhando aspectos relacionados às narrativas e à cultura africana.

Todas as práticas, durante o ano de 2014, contemplaram a contribuição das culturas africana e indígena no desenvolvimento da história da população brasileira, tema que foi desenvolvido com as turmas de 6º e 9º ano do ensino fundamental, entre abril e novembro de 2014, tendo sua culminância no dia 20 de novembro, data da Consciência Negra. Nessa data, realizamos uma exposição de todos os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano, bem como sobre a visita de Júlio Emílio Braz, que ocorreu em julho, pois “encaixamos” com a vinda dele ao Rio Grande do Sul, já que o autor reside no Rio de Janeiro.

[...] A Literatura Afrodescendente, na sua tardia construção, propõe uma renovação na linguagem, valorizando vários aspectos da vida cultural da sua etnicidade a fim de valorizar os meios expressivos que se inscrevem na história. Enquanto projeto ético e ideológico, ela afirma a presença do negro na literatura como integrador desse projeto reconhecendo-se como cidadão afrodescendente. [...] (PEDROSO, 2019, p. 47-48).

No decorrer das leituras e atividades desenvolvidas como releituras, debates, construção de maquetes, organização de apresentações artísticas, entre outras, percebeu-se o quanto é necessário trazer para o “chão da sala de aula” ações que levem à reflexão sobre as diversas situações de discriminação e preconceito que estão inseridas na realidade brasileira, e que se referem aos povos indígenas e afro-brasileiros, e como isso afeta a autoestima dos nossos alunos negros e indígenas que desconhecem a riqueza de sua cultura e ancestralidade.

Desenvolver ações que evidenciam a representatividade é uma forma de resgatar a autoestima desses alunos, pois, apresentando-lhes embasamento histórico e literário referente à riqueza da cultura africana, afro-brasileira e indígena, podem romper com conceitos deturpados, os quais são impostos pela sociedade e reproduzidos nas ações preconceituosas até os dias atuais. É uma forma de promovermos a criticidade e a valorização dos nossos alunos, seja pela classe social, pela raça ou pelo gênero.

No dia da visita do autor, lembro-me que não sabia quem eram os mais ansiosos, os professores, os alunos ou os pais, porque alguns pais foram até a escola para poder ver o autor dos livros de que tanto os filhos falavam. Então, naquele dia, a diretora Ana Paula saiu cedinho para buscá-lo em Porto Alegre (conseguimos o transporte com a Secretaria de



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Educação) e, por volta das 10 horas, Júlio adentrava a nossa humilde escola que estava toda preparada para a sua chegada. Enquanto a diretora ia buscá-lo, realizamos os últimos preparativos, expomos todos os trabalhos realizados, arrumamos os murais e os alunos ensaiavam mais uma vez as apresentações para o nosso convidado.

Quando ele chegou, já havia alunos na frente da escola, aguardando-o e nunca me esquecerei dos olhos encantados das crianças (6º a 9º ano), vendo o autor dos livros, que eles tanto se envolveram, entrar na nossa escola.

A manhã passou tão rápido, apresentamos as atividades, os alunos bateram um papo muito legal sobre as obras trabalhadas. Júlio contou mais umas histórias, e assim, o horário do turno terminou e, naquele dia, os estudantes quiseram ficar além do horário previsto. Júlio trouxe outras obras por um preço simbólico e, para minha surpresa, faltaram livros para os alunos, devido à grande procura.

Este projeto cumpriu seus objetivos, não apenas por conseguirmos trazer um autor para dentro da escola, mas por oportunizar uma ação educacional focada na riqueza da cultura e da história afro-brasileira, ou seja, dos nossos alunos, pois um grande número são alunos negros. Fez com que o coletivo da escola trabalhasse a questão étnico-racial de uma forma diferente, sem pautar apenas na obrigatoriedade da Lei 10639/03, mas realizar uma prática coletiva pautada no conhecimento e em uma ação educacional libertadora.

5 Considerações Finais

Realizar esta prática de trabalhar com projeto de leitura focado na diversidade cultural e racial, e dela participar, me possibilita utilizar minha profissão para que eu possa fazer a diferença não só no coletivo, mas para aquele aluno ou aluna que, por vezes, não é visto dentro do seu lar, dentro da própria escola ou da sociedade em que ele não se sente pertencente. Além disso, a prática permite mostrar a leitura como uma ferramenta de luta, pois ela é o conhecimento, possibilita trabalhar para que o estudante sinta-se protagonista da sua história e que ele possa utilizar o seu poder no dia a dia.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

As duas práticas apresentadas diferem-se pela forma da realização e pelo público-alvo, contudo, assemelham-se pela temática e pelo cumprimento de seu objetivo, conforme apresentado nos dois projetos. Sempre me lembro destas práticas, do quanto foi um desafio para mim, enquanto pessoa, propor a leitura pautada na diversidade étnica dentro de uma comunidade pomerana, cujos alunos a abraçaram de uma maneira tão sincera e despida de qualquer preconceito, sempre focados em aprender sobre uma realidade que mesmo tão próxima, parecia tão distante deles.

Na escola José Antônio Netto, fizemos mais 4 edições do projeto “Encontro com o Leitor” e pretendemos continuar. Já o expandimos ao realizar parceria com outra escola municipal, começamos a contemplar todos os turnos e seguiremos na nossa caminhada para fazer com que nossos alunos sejam mais humanos, atuantes e protagonistas de suas próprias histórias.

No que se refere às Leis nº 10.639 e nº 11465, percebeu-se que a proposta de projetos interdisciplinares foi bastante benéfica, uma vez que conseguiu abranger maiores reflexões teóricas, atitudinais, conceituais e práticas que buscaram contribuir para o estudo dos educandos quanto às (re)construções do cotidiano que envolvem as relações étnico-raciais. Assim, foi possível ressignificar os conteúdos, bem como os sujeitos envolvidos, e até mesmo as experiências escolares, que buscam uma educação antirracista por meio da redescoberta da história e da cultura afro-brasileira e indígena.

Referências

ASARE, Meshack. **O chamado de Sosu**. São Paulo: Edições SM, 2011.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos de Itaparica**. São Paulo: Edições SM, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

_____. BRASIL. **Decreto-lei n. 11.645**, de 10 de março 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em 15 jan. 2022.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRAZ, Júlio Emílio. **Zumbi** - o despertar da liberdade (Porto Alegre: FTD, 1999).

_____. **Moçambique**. Porto Alegre: Moderna, 2011

_____. **Felicidade não tem cor**. Porto Alegre: Moderna, 2002

_____. **Lendas negras**. Porto Alegre: FTD, 2002

_____. **Na cor da pele**. São Paulo: José Olympio, 2000

_____. **Sikulume e outros contos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009

_____. **Pretinha eu?** Porto Alegre: Scipione, 1997.

_____. **Um sonho dentro de mim**. Porto Alegre: Moderna, 2003

BONATTO, Andréia; BARROS, Caroline Ramos; GEMELI, Rafael Agnoletto; LOPES, Tatiana Bica; FRISON, Marli Dallagnol Frison. **Interdisciplinaridade no ambiente escolar**. IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2002.

CAPUANO, Mariângela Monsoreo Furtado. **A literatura afro-brasileira na sala de aula**. São Paulo, Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA_CAPUANO.pdf. Acesso em: 11 jul. 2020.

CHAMBERLIN, Mary e Rich. **As panquecas de Mama Panya**. São Paulo: Edições SM, 2007.

DALY, Niki. **Cadê você, Jamela?** São Paulo: Edições SM, 2009

_____. **O vestido de Jamela**. São Paulo: Edições SM, 2012.

DIELTIENS, Kristien. **Meu nome é Pomme**. São Paulo: Edições SM, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª edição. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1981. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4) A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER - Paulo Freire.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, Maria Cristina. **Pretinho, meu boneco querido!** Porto Alegre: Editora do Brasil, 2000.

GOIZ, Juliana Almeida Martins. **A Educação Para as Relações Étnico Raciais Sob a Perspectiva da Interdisciplinaridade.** Veredas - Revista Interdisciplinar das Humanidades. Santo Amaro, 2019. Disponível em: <http://revista.unisa.br/index.php/1/article/view/71/41>
Acesso em: 16 jul. 2020.

KAVALERSKI, Luiz Fernando. **O ensino das culturas Afro-brasileiras e Indígenas:** Uma análise da lei 11.645/08 e suas contribuições para a descolonização. Monografia: Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017. Disponível em:
<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1706/1/KAVALERSKI.pdf>.

KOUROUMA, Ahmadou. **Homens da África.** São Paulo: Edições SM, 2012.

KREBS, Laurie Krebs e CAIRNS, Julia. **Um safári na Tanzânia.** São Paulo: Edições SM, 2007.

LIMA, Norma Sueli Rosa. O ensino da Língua Portuguesa e a lei 11.645/2008. **Linguagem em (Re)vista**, Ano 08, Nos 15-16. Niterói, 2013. Disponível em:
http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/15_16/01.pdf

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de Fita.** Porto Alegre: Editora Ática, 2009.

MACHADO, Nilson José. **Interdisciplinaridade e contextualização.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica / Brasília : O Instituto, 2005.

MARTINS, Georgina. **Minha família colorida.** São Paulo: Edições SM, 2005.

MATÉ, Daniel Munduruku. **Catando Piolhos Contando histórias.** São Paulo: Editora Brinque Book, 2006.

MENDONÇA, Esther Costa. A abordagem freiriana nas relações étnico-raciais no contexto escolar: a pretagogia na educação de jovens e adultos. **Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 5, n. 5, 2019.

MURILO, Gerson. **Ei quem você pensa que é?** São Paulo: Editora Formato, 2008.

PEDROSO, Roberta Flores. **Pão, texto & água:** retrato da literatura quando negra. 1ª edição, Porto Alegre, 2019.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício. Percurso da lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos. **Linguagens & Cidadania**, Santa Maria, v 14, jan./dez., 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23810>. Acesso em: 11 jul. 2020.

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19

RODRIGUES, Neuza Jorge. **Literatura afro-brasileira: construções identitárias e ações afirmativas na educação básica**. Dissertação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, 2015

SILVA, Aline Fernanda; SCHULTZ, Charlene; MACHADO, Ivonete Helena . A arte-educação no cotidiano escolar. Paraná: **Anais eletrônicos...** do XIV Congresso Nacional de Educação, 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/548_640.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

VALE, Mario. **O Almoço**. São Paulo: Editora Formato, 2009.

VASSALO, Marcio. **Valentina**. São Paulo: Editora Global, 2007.

VENEZA, Mauricio. **Caixa de lápis de cor**. São Paulo: Editora Positivo, 2008.

ANEXOS – arquivo pessoal

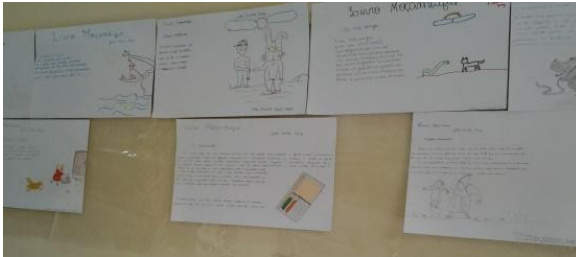
2013 - Escola Municipal de Ensino Fundamental 15 de Novembro





V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

2014 - Escola Municipal de Ensino Fundamental José Antônio Netto.





V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

LIVRO-IMAGEM: POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA SEGUNDO PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS BRASILEIRAS

Carla Rodrigues de Rodrigues¹⁹
Sabrina Simões Corrêa²⁰
Renata Braz Gonçalves²¹
Aline Mello de Souza²²
Claudia Amaro da Silveira²³
Fabiano Valadão Rodrigues²⁴

Resumo: Este artigo apresenta resultados da pesquisa que buscou investigar as possibilidades de mediação da leitura e aplicações pedagógicas do livro-imagem no ensino básico. Utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, a qual abrangeu artigos e trabalhos acadêmicos brasileiros. Foram identificadas 14 publicações oriundas das áreas de Pedagogia, Artes Visuais e Biblioteconomia que abordam o uso do livro-imagem e relatam práticas de mediação de leitura realizadas com o mesmo, as quais foram publicadas entre os anos de 2010 e 2019. A análise dos referidos relatos trouxe como resultados: a identificação das definições e características do livro-imagem; os benefícios proporcionados pelo seu uso; o detalhamento de algumas práticas e métodos que

¹⁹ Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. (e-mail: rodrigues.carla@gmail.com)

²⁰ Mestre em História, Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. (e-mail: sabrinascsc@gmail.com)

²¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Bibliotecária pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – FURG (e-mail: renatas.braz@gmail.com)

²² Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. (e-mail: souzaaline092018@gmail.com)

²³ Acadêmica do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. (e-mail: claudiamaro42@hotmail.com)

²⁴ Acadêmico do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. (fabinhovaladao@gmail.com)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

levam em conta o seu uso, bem como os profissionais que atuam com o mesmo. Além disso, a partir das indicações e dos relatos, foi possível sistematizar uma lista de livros-imagem que poderá servir de referencial para quem desejar trabalhar com esse tipo de obra em diferentes esferas. Conclui-se que o livro-imagem é um importante recurso a ser utilizado para o favorecimento do letramento literário e dos processos de alfabetização e ainda para o desenvolvimento da criatividade e da aprendizagem ao longo da vida. Contudo, apesar de haver um aumento de produções desse tipo nos últimos anos, ainda há poucos trabalhos que relatam o seu uso, dessa forma, acredita-se que suas potencialidades merecem ser mais conhecidas, exploradas e divulgadas pelos profissionais que atuam com a mediação da leitura. Uma vez que, segundo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o livro-imagem, por meio de seus variados textos, formatos, tamanhos, materiais e cores, configura uma ótima ferramenta para trabalhar as emoções e problemáticas vivenciadas pelos leitores no seu cotidiano, bem como trabalhar a leitura crítica dos elementos não-textuais, contribuindo, inclusive, no período de alfabetização.

Palavras-chave: Livro-imagem; Incentivo à leitura; Mediação da leitura.

PICTURE BOOK: POSSIBILITIES OF READING MEDIATION ACCORDING TO BRAZILIAN SCIENTIFIC PUBLICATIONS

Abstract: The article presents research results that investigated the possibilities of reading mediation and pedagogical applications of the picture book in basic education. Bibliographic research was used as methodology, including articles and academic works from Brazil. It identified 14 publications in Pedagogy, Visual Arts and Library Science areas that indicate the use of the image book and reported reading mediation practices carried out with them, which were published between 2010 and 2019. The results of the analysis of these reports were the identification of the definitions and characteristics of the picture book, the specification of some practices, methods and benefits when used and identified the professionals who use it in work. Based on what was identified and observed, a list of image books was systematized, which may serve as a reference for those interested in working with this type of book. It was concluded that the image book is an important resource to be used in literacy, in the development of creativity and learning in general. Although the increase in such productions in recent years, there are few studies reporting the picture books used. Thus, it is believed that the potential of picture books should be better known, explored, and disseminated by professionals who work with the mediation of reading.

Keywords: Picture book; Literacy; Reading mediation.

1 Introdução

A mediação da leitura literária é uma atividade constante no fazer diário de profissionais da educação, como professores, pedagogos e bibliotecários, e vem sendo objeto de pesquisa em diferentes áreas. O livro infantil e infantojuvenil tem sido foco de variadas investigações que o trazem como ferramenta para a mediação da leitura, sendo utilizado não só com crianças, mas com pessoas de todas as faixas etárias. O mercado editorial atual apresenta um universo de livros para crianças com uma grande diversidade de textos e formatos que se divergem desde o tamanho, tipo de material, cores, formato do texto apresentado e, principalmente, temas que podem trazer desde fábulas clássicas, histórias encantadas até tratar de emoções e problemas vivenciados pelas crianças em seu cotidiano.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Dentre essa diversidade de obras para o público infantil, vem ganhando destaque pelo seu formato um segmento desses livros que são os livros-imagem. Belmiro [s.d] descreve que o livro vem passando por várias transformações, gerando espaços para novos gêneros. Com isso, o livro de imagens (ou livro-imagem) acabou se tornando um desses gêneros, sendo um livro:

Com imagens em sequência e que conta uma história, geralmente selecionando uma situação, um enredo e com poucos personagens. Constitui-se como uma narrativa visual, que aproxima duas condições básicas para sua realização: a dimensão temporal (sequência linear das imagens) e a dimensão espacial (a lógica de organização espacial dos elementos que compõem as imagens) (BELMIRO, [s.d]).

Podemos encontrar na literatura diferentes denominações para este tipo de obra. Em levantamento feito por Peter O'Sagae ([s.d.] apud SPENGLER, 2010), foram encontradas:

- Álbum colorido, Livro com imagens, Livro-de-gravuras, Estorietas sem palavras, Livro de imagem (COELHO, 1981);
- Literatura visual (UBE, 1994);
- Álbum ilustrado, Livro mudo, História muda, História sem palavras (CAMARGO, 1995);
- Livro só-imagem, Livro de imagem (GÓES; BONFIM, 1996);
 - Narrativas-imagéticas (MOKARZEL, 1998);
 - Livro de imagem (LIMA ; FERRARO, 2001).

Diante da variedade de denominações descritas, percebe-se que uma se destaca, pois é recorrente há alguns anos, a de “livros de imagem”. Contudo, acreditamos que a denominação que mais representa é livro-imagem, e portanto será essa que utilizaremos no decorrer deste texto.

Um dos primeiros contatos que obtivemos com esse tipo de obra foi o desenvolvimento de um projeto de incentivo à leitura com a obra *Corre-Curumim* de Laerte Silvino, a qual foi utilizada para a contação de história realizada na Feira do Livro da Universidade do Rio Grande - FURG em 2020. Foram realizadas sessões de contação em dois dias para crianças de 02 a 12 anos de idade, nas quais houve grande aceitação e participação do público, bem como mais motivação para os acadêmicos envolvidos darem continuidade ao



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

trabalho. Os resultados desse projeto deram origem ao trabalho de divulgação apresentado e premiado na I Feira Literária de Camaquã, intitulado *Entre livros e lendas: hora do conto na Feira do Livro do Cassino* (MELLO et al., 2020).

A realização do projeto de extensão com o uso do livro-imagem, a repercussão dos resultados obtidos, bem como a notoriedade que essas obras vêm recebendo nos últimos anos suscitou nos presentes autores a necessidade de conhecer mais sobre esse tipo de obra e contribuir para a discussão teórica sobre o mesmo. Isso posto, o presente texto tem o objetivo de identificar as possibilidades de uso pedagógico dos livros-imagem a partir do estudo das publicações científicas brasileiras. Dessa forma, descrevemos as práticas educativas realizadas por diferentes profissionais, os benefícios relatados pelos autores, bem como o público a que se destina. Além disso, propomos a organização de um levantamento de livros-imagem citados pelos referidos autores e profissionais que fazem uso do livro-imagem na mediação da leitura. Acreditamos que, por ser um tema recente, as discussões apresentadas aqui servirão de apoio e contribuirão para uma reflexão sobre o uso desse importante recurso. A seguir, passamos à metodologia empregada no estudo.

2 Procedimentos metodológicos

A metodologia aplicada a este estudo é a de pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002) e Prodanov; Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica consiste na consulta a materiais bibliográficos (ou não) já publicados sobre determinado assunto, selecionados pelo(s) autor(es) a partir de critérios de relevância (a partir dos objetivos propostos) e confiabilidade. Ressalta-se que “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

As buscas foram realizadas nas bases Google Acadêmico e Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) no mês de fevereiro de 2021. Para as buscas, utilizou-se duas estratégias de pesquisa:



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

0. o termo “livro-imagem” (com aspas duplas e hífen), aplicado no campo *título* dos documentos, em língua portuguesa, excluindo-se patentes e citações. Obteve-se 34 resultados para a base Google Acadêmico;

a. o termo “livro-imagem” (com aspas duplas e hífen), aplicado no campo *título* dos documentos. Obteve-se 257 resultados na BRAPCI.

Notamos que, embora tenhamos utilizado a estratégia de refinamento *aspas duplas* no termo de busca, ainda assim ambas as bases retornaram publicações que não abordavam a temática *livro-imagem* — com destaque, principalmente, para a BRAPCI, que retornou demasiadas publicações voltadas à imagem das bibliotecas e do profissional bibliotecário, por exemplo. Nesse sentido, foi necessário selecionar os títulos compatíveis com o objetivo desta pesquisa. Dos resultados obtidos no Google Acadêmico, 13 títulos foram selecionados para este estudo, assim como um título, dos 257 resultados da BRAPCI, totalizando 14 publicações, como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 - Publicações selecionadas na coleta de dados em ordem cronológica decrescente

Autores	Título	Tipologia documental	Ano
PEREIRA, Ana Paula. ALCARÁ, Adriana Rosecler	A dimensão estética da competência em informação e a leitura do livro de imagem	artigo	2019
LUIZARI, Gabriele Góes da Silva	Uma imagem, uma história: como as crianças compreendem o livro de imagem	dissertação	2019
SEGABINAZI, Daniela	Ler livros sem palavras, ler imagens e mundos	artigo	2017
MARQUES, Adriana; SILVA, Janaína de Paula e; ASSIS, Vivianny Bessão de	O livro de imagens na Educação Infantil	artigo	2017
RAMIL, Chris de Azevedo; SOARES, Lucas Gonçalves; PERES, Eliane	O uso de livro-imagem e a produção textual: uma experiência com alunos de 5º ano em uma escola no campo	artigo	2017
BRANDÃO, Claudia Leite; GONZAGA, Maria Marismene; SOUZA, Renata Junqueira de	PNBE 2014: uma ponte entre a primeira infância e livros imagem	texto publicado em anais de evento	2017
MERAT, Rossane Arante	Uma imagem fala mais que mil palavras?: o trabalho com o livro de imagem em sala de aula	trabalho de conclusão de curso	2017
PEREIRA, Ana Paula;	A mediação do livro de imagem no projeto	texto publicado	2016



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

BORTOLIN, Sueli	palavras andantes em Londrina	em anais de evento	
AGUIAR, Dilcia Corrêa de	Livro de imagem: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS	trabalho de conclusão de curso	2016
WEBBER, Sandra Cruz da Silva; KODAMA, Kátia Roberta Maria de Oliveira	Livro de imagem: leitura para promover projetos com diferentes linguagens da arte	texto publicado em anais de evento	2016
BOZOLA, Renata	Livro-imagem: o trabalho realizado em uma sala de aula de Educação Infantil	artigo	2015
SILVA, Mayara Suellen de Araújo	Livro e imagem: uma abordagem do livro como objeto de arte no ensino fundamental	trabalho de conclusão de curso	2015
SILVA, Maria da Solidade	O livro de imagem e sua influência na formação do pré-leitor	trabalho de conclusão de curso	2013
SPENGLER, Maria Laura Pozzobon	Livro de imagem: as múltiplas leituras de teóricos brasileiros	texto publicado em anais de evento	2010

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

As publicações selecionadas refletem os propósitos desta pesquisa: identificar as possibilidades de uso pedagógico dos livros-imagem a partir da literatura científica brasileira. Através dessa coleta, foi possível descrevermos os benefícios do uso de livros-imagem em práticas educativas realizadas por diferentes profissionais, bem como o público a que se destinam essas ações. Os textos listados no Quadro 1 consistem em cinco artigos científicos, quatro trabalhos de conclusão de curso (Cursos de Pedagogia, Artes Visuais e Biblioteconomia), uma dissertação (Mestrado em Educação) e quatro textos publicados em anais de eventos.

A análise dos dados ocorreu de forma empírica, buscando descrever os resultados apresentados nas publicações com o intuito de observar a abordagem dada ao livro-imagem em práticas educativas.

3 Resultados e discussões



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Esta seção tem por finalidade analisar e discutir os resultados da pesquisa que identificaram as possibilidades de uso pedagógico dos livros-imagem a partir das publicações científicas brasileiras, com o intuito de descrever as práticas educativas que fazem uso desse recurso, desenvolvidas por bibliotecários e demais profissionais da educação.

Portanto, a partir das leituras feitas, pretendeu-se fazer uma síntese dos documentos que foram recuperados, buscando identificar, pelo menos, três pontos: os benefícios trazidos pelo uso do livro-imagem; os modos e métodos de uso dos livros-imagem; e as indicações de obras. Passamos ao primeiro tópico, que são os benefícios.

3.1 Os benefícios trazidos pelo uso do livro-imagem

É consenso entre diferentes autores — observados nesta pesquisa —, exploradores do universo da literatura infantil, que o livro-imagem tem fundamental importância no processo da alfabetização, no desenvolvimento da criatividade e na leitura de mundo, pois permite que a criança tenha contato com diversas linguagens — não somente a textual (SPENGLER, 2010).

Além disso, em virtude de a nossa sociedade estar intrinsecamente ligada à linguagem visual — através das mídias sociais, cinema, propagandas, dos meios de comunicação em massa, etc. —, é necessário promover a educação midiática, ou seja, “[...] educar o olhar do leitor para se posicionar criticamente não só diante do texto escrito, como também diante das imagens.” (FERNANDES; VIEIRA, 2010, p. 123 apud PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 97).

A diferenciação do livro-imagem em relação aos demais livros consiste no fato de que o primeiro oferece ao leitor a chance de criar narrativas, com a construção de diferentes desfechos, de acordo com suas experiências e visões de mundo (MERAT, 2017). Moraes (2008) acredita que o livro-imagem colabora com o processo ativo de atribuição de significado de estruturas da linguagem verbal e escrita em crianças em fase de alfabetização, uma vez que mostra a história em vez de contá-la.

Para Marques, Silva e Assis (2017), o livro-imagem possibilita o primeiro contato da criança com a leitura, estimulando o sistema cognitivo para o ato de ler e/ou ouvir, tendo em



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

vista a ativação do conhecimento prévio e a ampliação do repertório de mediador, ouvinte e leitor.

A literatura infantil consiste em um instrumento pedagógico favorecedor do desenvolvimento de inúmeras habilidades. Portanto, é recorrente, na comunicação científica, estudos que exploram os benefícios desse instrumento, principalmente no contexto escolar.

Silva (2013) salienta que o ambiente escolar, na fase denominada de educação infantil, é determinante no desenvolvimento de habilidades leitoras e no despertar do gosto pela leitura, assim como o papel dos profissionais educadores, que cumprem função fundamental nessa etapa da alfabetização, sendo responsáveis por motivar as crianças à prática leitora. Para tanto, nessa fase, as crianças devem ter contato com diferentes fontes (textuais, verbais e visuais) para que o hábito de leitura seja rico e diversificado.

O uso do livro-imagem pode enriquecer esse processo. No ambiente escolar, permite o estímulo da imaginação das crianças, “[...] a partir da sensibilização artística, de forma que possam usufruir prazerosamente do livro e das histórias nele contadas”. (SILVA, 2013).

De acordo com Ramil, Soares e Peres (2017), o livro-imagem ressalta a narrativa por imagens, mobilizando nas crianças seus conhecimentos sociais, culturais e familiares no momento da interpretação da história. Além disso, os autores indicam a importância da imagem na formação das crianças e a necessidade de estimular o contato com livros-imagem na escola, proporcionando, assim, novas e diferentes experiências estéticas.

O livro-imagem, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, é importante para a aprendizagem e o desenvolvimento, incentivando o lado lúdico das crianças. O recurso, por ser mais visível ao leitor, torna-se mais próximo das artes plásticas, do cinema e da literatura (BRANDÃO; GONZAGA; SOUZA, 2017).

Bozola (2015) considera que as atividades com livros-imagem promovem a competência visual, que consiste em compreender uma imagem e apreciá-la de forma consciente e crítica, tão necessária perante a sociedade contemporânea carregada de estímulos visuais. Conforme as crianças desenvolvem uma narrativa própria, também desenvolvem a imaginação e a criatividade, tão importantes nos dias atuais. Nesse sentido, ressalta-se outra importante característica do livro-imagem: a possibilidade de construção da narrativa pelo leitor, permitindo que crianças de qualquer idade tenham acesso (SPENGLER, 2010).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Na leitura de imagens, os alunos têm o privilégio de serem os autores das obras, conduzindo uma interpretação das imagens, cenas, sons, assim como na sua vida, visualizando placas, imagens e panfletos, tendo um senso crítico e um olhar mais apurado, construindo um senso estético nas suas práticas, conduzindo para o desenvolvimento na alfabetização. Inclusive mostra a importância do uso do livro de imagem para a alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental (PEREIRA; ALCARÁ, 2019).

Nesse contexto, ressaltamos as considerações de Pereira e Alcará (2019) que analisam as práticas leitoras que fazem uso do livro-imagem na perspectiva da competência em informação, destacando o desenvolvimento de habilidades voltadas à dimensão estética. A dimensão supracitada é responsável por despertar no indivíduo a sensibilização pelas cores, pelo enredo e pelos personagens, os quais instigam o pensamento e a reflexão. Essa interpretação de imagens, de cores, de diferentes significados conduz o leitor à diversificação das histórias a partir da imaginação, que com sensibilidade e criatividade adentra no mundo imaginário.

A leitura da imagem dá ao leitor uma liberdade que as palavras não dão, e essa liberdade criativa se concretizará ao se aplicar a essa nova modalidade de leitura da imagem, todo seu repertório literário e cultural para dar vida e voz para o livro-imagem (SPENGLER, 2010, p. 1). Diante disso, a visualização de imagens desempenha um papel significativo na vida da criança, tendo em vista não só a familiaridade com o universo infantil, mas também com a possibilidade de criação de narrativas (introdução, desenvolvimento e desfecho).

Segundo experiências práticas fazendo uso do livro-imagem — que serão exploradas mais adiante —, o objeto pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar alargamento do campo da consciência de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa cultura com outras culturas, no tempo e espaço (CAMARGO, 1995, p. 79 apud SPENGLER, 2010, p. 2).

A possibilidade do livro-imagem é que pode contar uma história, penetrar no mundo do encantamento, fazer o tempo real e da magia conviverem, por exemplo, na mesma página, podemos alterar a lógica temporal e espacial, tudo isso apenas através das imagens (BELMIRO, 2015).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

O livro-imagem é porta de acesso para as crianças identificarem a leitura do mundo, mas não se trata de uma leitura simples, pelo contrário, as imagens que compõem as narrativas dessas obras são dotadas de complexidade, de tal forma que a leitura precisa ser mediada e assim aprendida. Através do livro-imagem, desperta-se, na criança, o que se denomina de *leitura sensorial*. Martins (1990 apud SILVA, 2013) aponta a existência de três níveis de leitura: a sensorial, a emocional e a racional —, estimulando a curiosidade para a leitura de outros materiais informacionais (e escritos), pois a criança acaba por ter contato com o suporte, mesmo que na linguagem visual (SOUZA; GEROTTO, 2014). As práticas envolvendo livros-imagem (ou aquelas aplicadas a públicos não alfabetizados) estão vinculadas ao nível sensorial.

No caso do livro infantil, momento da leitura que se dará no nível sensorial, a criança pré-leitora entrará no universo literário por meio do que ouve (o texto narrado em linguagem expressiva) e do que vê (formas, cores, figuras, etc.), do que sente (textura) ao manusear o livro; ao cheirar, apalpar... O prazer em sentir, visualizar e brincar com o objeto livro será associado futuramente ao prazer em ler histórias escritas. (SILVA, 2013).

Nesse sentido, a leitura sensorial torna-se a porta de entrada para o mundo da leitura do livro texto, pois é a base motivadora para tal ação, proporcionando muitas descobertas para a criança, permitindo a construção de releituras e interpretações das histórias lidas no livro-imagem. Segundo Silva (2013), é a partir da leitura sensorial que as demais leituras (emocional e racional) vão se construindo.

Segabinazi (2017) aponta alguns benefícios do livro-imagem: o objeto oferece ao leitor a diversidade cultural, social e estética que o indivíduo, possivelmente, ainda não conhece, ampliando seu horizonte no encontro com o universo da ficção, da fantasia, do imaginário e de sua própria identidade.

Por fim, foi observado que o livro-imagem é um tipo de material literário que desempenha um papel importante para a vida dos pequenos leitores e desenvolve o interesse por histórias desde muito pequenos (PEREIRA; ALCARÁ, 2019). O livro-imagem apresenta diversas potencialidades para o desenvolvimento das crianças, com o intuito de despertar o incentivo pela leitura de uma forma diferenciada, a partir de suas vivências, despertando o apreço pelo contato com livros ao longo da vida, pois essa ferramenta corrobora com a



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

amplificação cognitiva e estimula o imaginário, desenvolvendo habilidades de comunicação, dimensão estética e de competências em informação, muito antes de saber ler.

Esse contato com o livro-imagem é essencial, pois auxilia no processo educativo da criança, possibilitando uma nova compreensão por meio de imagens, produzindo diversos sentidos estéticos para a história, unindo de forma satisfatória os bibliotecários e professores nessa prática pedagógica (PEREIRA; ALCARÁ, 2019).

3.2 Métodos e práticas - como ler o livro-imagem?

De acordo com Aguiar (2016), a utilização do livro-imagem ainda é muito restrita, pois os professores priorizam e/ou preferem o uso de livros com textos (AGUIAR, 2016, p. 13). No entanto, como verificamos em nosso estudo, com o aumento da oferta desse tipo de material, ainda que de forma incipiente, têm surgido mais relatos sobre o uso e a aplicação do mesmo.

Ao analisar as publicações, percebemos que os autores desenvolveram distintas propostas de uso do livro-imagem, o que nos possibilita verificar uma vasta gama de métodos e práticas. Contudo, de maneira geral, percebemos que os autores tratam o livro-imagem sob duas perspectivas distintas: a primeira como uma obra de arte e a segunda como uma obra literária. Sob a perspectiva de uso do livro-imagem como obra de arte, destacamos os trabalhos de Webber e Kodama (2016); Silva (2015).

Silva (2015), fundamentada em Linden (2011) e Nikolajeva e Scott (2011), ao relatar experiência em escola privada na cidade de Natal/RN, faz a relação da leitura com a imagem do livro ilustrado como um processo indissociável de uma situação ampla em que se lê muitos mais do que a imagem. Para a autora, ler é prestar atenção nos detalhes da imagem e compreender os signos icônicos apresentados, mas também significa interpretar o livro em sua forma e composição, e, além disso, estabelecer paralelos com o próprio repertório visual.

Dessa forma, para a autora, as imagens são compreendidas como um importante elemento de expressão. Assim, a autora se utiliza do livro como suporte criativo e meio diversificado de uso da imagem. Ela afirma que o método de abordagem empregado para a interpretação de imagem foi o “Método comparativo de análise de obras de Arte”, de



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Edmundo Feldman (1991 apud BARBOSA, 2009), o qual se baseia numa análise desenvolvida a partir da leitura comparativa de duas ou mais obras de arte.

De acordo com a autora, foram lançadas questões que pudessem perpassar pelos quatro processos de reflexão estabelecidos por Feldman, quais sejam: descrição, análise, interpretação e julgamento — como uma maneira de contribuir para cada experiência de leitura. Assim, Silva (2015, p. 34) elaborou as seguintes questões para o grupo de alunos: “O que se encontra visível em cada trabalho? Qual a relação entre os elementos que compõem os livros e as imagens? Quais os temas e os significados descobertos? O que se acha do trabalho? Foi fácil interpretar os textos visuais?”.

Ainda na perspectiva do livro-imagem como obra de arte, Webber e Kodama (2016) relatam projeto desenvolvido por acadêmicos do PIBID Pedagogia da UNESP, no qual foram promovidas atividades com estudantes de escolas públicas da rede municipal de ensino de Presidente Prudente. As atividades envolveram leitura de histórias, leituras visuais, registro dos relatos orais feitos pelas crianças, atividades plásticas elaboradas em grupo e individualmente, conhecimento de gêneros de pinturas, apreciação de obras de arte e de diversos artistas e de diferentes períodos da História da Arte.

Foram aplicadas atividades com os elementos da linguagem visual: figura-fundo, classificação das cores, exercício de observação da realidade e uso de diferentes materiais expressivos, assim como foram desenvolvidos desenhos em diversos suportes e formatos de papel. Para as autoras, oferecer formatos diferenciados de papel se faz necessário na escola pois, na totalidade das atividades, a espacialidade destinada aos alunos resume-se em formato A4 (o papel sulfite), e a opção oferecida para os alunos é “é para desenhar com a folha em pé ou deitada” .

Nessa ação, também foi elaborado um caderno de registro visual que ofereceu para cada aluno a oportunidade de registrar suas impressões dos conhecimentos obtidos utilizando outra linguagem: o desenho. O projeto contemplou ainda a “Abordagem Triangular” que propõe um ensino de arte defendido por Barbosa (1991).

De acordo com o relato, foram trabalhadas diferentes formas de expressão e elaboração de saberes, como: a identidade cultural e biografia de cada aluno, a dicotomia praia e deserto, as vestimentas para cada ambiente e vegetação. Além disso, foram estudadas



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

obras produzidas por artistas diversos, a linguagem não-verbal do livro e sua relação com as artes visuais e fatos do cotidiano. Ainda foram propostas atividades com desenhos e recortes de revistas. As autoras informaram que todas as atividades foram registradas pelos alunos a partir de desenhos utilizando vários formatos de papéis e técnicas como guache, giz pastel, giz de cera, desenhos com lápis de cor, papel meia pauta e recortes de revistas. As autoras salientam que “esses registros são compreendidos no projeto como relato de vivências dos alunos e não como produto final.” (WEBBER; KODAMA, 2016, p. 5054).

Vale mencionar que, em mais de uma das publicações que abordaram o livro-imagem como obra de arte, foram discutidas as diversas manifestações do livro e suas possibilidades, e foram analisadas semelhanças e diferenças entre livros ilustrados (livros apenas com imagens e livros com imagens e palavras).

Verificamos um exemplo de aplicação dessa metodologia no trabalho de Silva (2015, p. 32), ao relatar que:

Como exercício inicial, os alunos foram direcionados à biblioteca da escola, para examinar as suas formas, dimensões, cores, dinâmicas de leitura, suas muitas (ou poucas) ilustrações, seus diferentes traços, pesos, e todo o conjunto de aspectos constituintes dos livros em mãos.

Salientamos que apenas neste trabalho foi identificado o uso da biblioteca da escola como recurso e nenhum outro texto fez menção a este ambiente de aprendizagem.

Na perspectiva de abordagem do livro-imagem como obra literária, constatamos que grande parte das publicações trazem, além dos dados empíricos, o embasamento teórico para a realização das atividades com o uso do livro-imagem como obra literária, o que revela a seriedade e o comprometimento desses autores em realizar um trabalho sistematizado e bem fundamentado teoricamente.

Nesse sentido, identificamos o uso de autores como Moss (2002), o qual orienta que antes da leitura de um texto literário, cabe à professora criar um cenário adequado para o contato literário, no qual convida os alunos a fazerem previsões a respeito da história que irão ouvir. Para a autora, faz-se necessário um estudo da capa, título, ilustrações que precedem a história, entre outros elementos. Segundo Moss (2002), a discussão anterior à leitura mostra como as crianças podem utilizar seus conhecimentos prévios para dar início a um novo processo de elaboração de significados.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Ainda sob a perspectiva de uso do livro-imagem como obra literária, identificada na maioria dos trabalhos, destacamos a afirmativa de Bozola (2015) que, com base em Solana (2014), enfatiza que a ideia de livro “silencioso” ou “mudo” sugere que é o leitor quem tem que colocar a “voz”. Assim, como o criador da obra convoca toda sua habilidade como artista e contista para oferecer uma história, o leitor tem que valer-se de todas as suas competências narrativas, visuais e até dramáticas para dar essa voz ao texto visual.

A autora ainda refere que, após o momento de percepção da ausência do texto por parte dos alunos, recorreu ao referencial teórico já indicado: “Nessas ocasiões fiz perguntas, baseadas na autora Solana (2014), que, ao descrever o processo de leitura de livro-imagem, trata da importância de os leitores serem guiados por questões como ‘o que me faz sentir?’ e ‘o que me faz pensar?’” (BOZOLA, 2015, p. 185). Outro tipo de atividade desenvolvida com as crianças foi a das brincadeiras corporais com o livro *Espelho*, o que a fez refletir sobre como o corpo também é um recurso que auxilia na leitura de um livro sem palavras.

Também abordando o livro-imagem como obra literária, as autoras Pereira e Bortolin (2016) relatam estudo com mediadoras de leitura que depõem sobre as suas vivências, o que nos permite conhecer como essas atividades são realizadas efetivamente na prática, como se pode verificar no excerto que segue:

Certa vez trabalhei com o livro “O castelo dos gatos” que trazia uma narrativa muito clara utilizando quadros de imagens”. Usei apenas o livro, fui contando a história e mostrando as imagens (mostrando as imagens e contando a história) depois fizemos a representação das 101 histórias com brincadeira e teatro. Também gosto muito de pedir para um dos alunos contarem histórias de livros de imagem (eles se recusam um pouco e dizem que não tem história, “tem que inventar”). Já trabalhei também em grupos com um aluno contando uma página e os demais continuando. Desde criança gosto de livros de imagens, porém os mesmos são pouco trabalhados e muitas vezes pouco valorizados. (PEREIRA; BORTOLIN, 2016, p. 100).

Vários aspectos interessantes são evidenciados na fala dessa mediadora, dos quais podemos destacar como mais marcantes a possibilidade de leitura coletiva, o uso exclusivo do livro-imagem como recurso para a contação, a rejeição por parte dos alunos em relação ao livro-imagem e o pouco uso e a desvalorização do mesmo pelos mediadores de leitura.

Outra pesquisa que merece ser destacada é a publicada por Ramil, Soares e Peres (2017), os quais informam sobre atividade realizada com alunos com faixa etária de nove a quatorze anos, em escola situada no município de Canguçu/RS. No projeto, foram utilizados



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

três livros-imagem com a turma de alunos com intervalo de um mês entre cada uma das atividades que foram intercaladas com outras práticas de leitura literária desenvolvidas nos encontros com o livro-imagem e com a turma de alunos. Vale destacar essa experiência com estudantes em idade mais avançada, pois, em geral, há uma associação do uso do livro-imagem apenas com alunos que ainda não se alfabetizaram.

Para Lee (2012, p. 152), a capacidade de ler nem sempre significa entender. Ler um livro significa entender, interpretar e ir além: reconstruir livremente a história. O mais importante é a capacidade para expressar a história com as próprias palavras. Acreditamos que o pouco uso do livro-imagem alegado pela mediadora entrevistada por Pereira e Bortolin (2016) possa ser incentivado pelo desconhecimento e pela pouca familiaridade com esse tipo de obra e até um certo desconforto que a sua leitura pode trazer. Por esse motivo, cremos na importância da divulgação e promoção desse tipo de obra para a mediação da leitura.

3.3 Os livros mencionados pelos autores: um repertório de livros-imagem

Como podemos acompanhar até aqui, observou-se a importância da utilização do livro-imagem no desenvolvimento de diferentes habilidades e competências dos leitores. O aspecto e a diferenciação do gênero em relação aos demais é o processo criativo que oferece ao leitor a chance de criar narrativas, com a construção de diferentes desfechos. Moraes (2008) acredita que o livro-imagem colabora com o processo ativo de atribuição de significado de estruturas da linguagem verbal e escrita em crianças em fase de alfabetização, uma vez que mostra a história em vez de contá-la.

Sendo assim, foi observado que o livro-imagem é um tipo de material literário que desempenha um papel muito importante para a vida dos pequenos leitores e o interesse por histórias desde a infância.

De acordo com Pereira e Bortolin (2016, p. 101), “De fato, muitos livros de imagem possuem um grau de complexidade elevado até mesmo para os adultos, que consideram de difícil interpretação ou, às vezes, a narrativa nem sempre é óbvia.”.

Nessa perspectiva, a escolha desses livros deve ser bem criteriosa e fundamentada para o desenvolvimento do letramento literário. O livro-imagem possui características pertinentes para intermediar esse processo dialógico das crianças com o mundo da leitura.

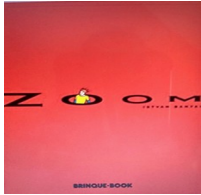

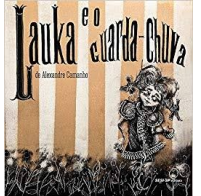
V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Desse modo, no processo de escolha devem ser realizadas algumas indagações sobre os livros-imagem, por exemplo: para quem deve ser direcionado? São livros para quem ainda não é alfabetizado?

Segundo experiências, o livro-imagem pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar alargamento do campo da consciência de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e espaço. (CAMARGO, 1995, p. 79). Dessa forma, consideramos de extrema relevância para aqueles que se interessam por trabalhar com esse tipo de livro conhecer alguns títulos e relatos de propostas de uso dos mesmos na mediação da leitura e em diferentes atividades pedagógicas.

A seguir, apresentamos os livros-imagem que foram citados nos textos analisados e que serviram de base para os trabalhos pedagógicos realizados pelos autores.

Quadro 2 - Livros-imagem utilizados pelos autores

Autor/Ano	Título	Editora	Citado por	Imagem da capa
BANYAI (2002)	ZOOM	Brinque-book	Pereira e Bortolim (2016)	
BORGES (1991)	Fome de jacaré	Kuarup	Luizari (2019)	
CAMANHO (2015)	Lauka e o guarda-chuva	SESI	Pereira e Alcará (2019)	

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

CASTANHA (2000)	Pula, gato!	Scipione	Luizari (2019)	
CARDON (2013)	Vagalumice	Biruta	Ramil, Soares e Peres (2017)	
FURNARI (1991)	Truks	Ática	Segabinazi (2017)	
FURNARI (1998)	Cabra-Cega	Ática	Segabinazi (2017)	
FURNARI (2004)	A Bruxinha Atrapalhada	Global	Segabinazi (2017) e Luizari (2019)	
GENECHTEN(2009)	É um ratinho	Guaudé	Marques, Silva e Assis (2017)	
GOBEL (2013)	Um + um + um + todos	Autêntica	Luizari (2019)	
JOYCE (2013)	Sandman: a história de Sanderson soneca	Rocco	Silva (2015)	

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

LAGO (2005)	Outra Vez	RHJ	Merat (2017)	
LAGO (2000)	Cena de Rua	RHJ	Merat (2017) e por Luizari (2019)	
LEE (2009)	Espelho	Cosac	Bozola (2015)	
LEE (2011)	Sombra	Cosac	Bozola (2015)	
LEE (2009)	Onda	Cosac	Ramil, Soares e Peres (2017) e por Bozola (2015)	
MACHADO (1970)	Limite (1º Brasileiro)	Nova Fronteira	Luizari (2019)	
MACHADO (1976)	Ida e volta	Nova Fronteira	Luizari (2019)	
MELLO (1993)	O gato viriato	Ediouro	Luizari (2019)	

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

MELLO (2012)	A flor do lado de lá	Salamandra	Luizari (2019)	
MENEZES (2013)	A ovelha negra da Rita	Cortez	Luizari (2019)	
OLIVEIRA (2002)	Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem	Cia das Letras	Silva (2015)	
OLIVEIRA (2009)	Uma história de amor sem palavras	Nova Fronteira	Silva (2015)	
PIMENTEL (2011)	O fim da fila	Rovelle	Pereira e Alcará (2019)	
PIUMINI (2014)	O patinho feio	Positivo	Marques, Silva e Assis (2017)	
RAMOS (2012)	Era um vez três velhinhas	Globo	Marques, Silva e Assis (2017)	
RENNÓ (2004)	História de amor	Lê	Luizari (2019)	

V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

RENNÓ (2013)	História de amor	Lê	Luizari (2019)	
RENNÓ (2013)	Lá vem o homem do saco	FTD	Ramil, Soares e Peres (2017)	
RODRIGUEZ (2013)	Ladrão de galinhas	Escala Educacional	Luizari (2019)	
TOFILD (2012)	Simons' cat: as aventuras de um gato travesso e comilão	L&PM	Silva (2015)	
ZIRALDO (2000)	Flicts	Melhoramentos	Luizari (2019)	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Como pode-se perceber no quadro acima, durante nossa pesquisa foram encontradas 35 menções de 32 livros nos artigos referenciados.

Verificamos nesse breve levantamento diferentes possibilidades de trabalho com essas obras e que podem se multiplicar à medida que algumas técnicas utilizadas com determinado livro também podem ser aplicadas a outros. Ter acesso a uma lista de obras que já foram selecionadas, utilizadas e que tiveram sua aplicação analisada facilita o trabalho de quem está começando um projeto com esse tipo de obra ou pretende expandir seus referenciais.

4 Considerações finais



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Ao concluirmos este estudo, verificamos que, embora ainda não seja totalmente conhecido nem popularmente utilizado (prova disso é a indefinição de denominação), há um aumento do interesse e produção de obras sobre o livro-imagem nos últimos anos.

É consenso entre os autores analisados o quanto o livro-imagem pode trazer benefícios aos leitores, tornando evidente que esse tipo de obra é uma potente ferramenta que possibilita, além de várias interpretações, o contato com a diversidade estética, social e cultural que essas obras proporcionam. Ao observar as imagens, os leitores ativam dentro de si suas interpretações e sentimentos, conectando-se com suas próprias vivências, seu repertório literário e cultural, tendo a liberdade criativa que o texto escrito com palavras, muitas vezes, não permite.

Verificamos, também, uma variedade de formas de mediação da leitura dessas obras, desde uma perspectiva de entendimento do livro como obra de arte até outra como obra literária.

A análise do conjunto de textos sinalizou métodos distintos para mediação da leitura desses livros, contemplando a reflexão sobre as percepções estéticas, teóricas e filosóficas das obras, ainda que os leitores se tratassem de crianças na maioria dos casos.

Foram identificados registros de resistências por parte de leitores e de mediadores em relação ao uso do livro-imagem, das quais algumas foram justificadas pelo pouco contato com o tipo de material, o que acarretaria sair da “zona de conforto” para realização de atividades com esse tipo de obra.

Uma das formas de dirimir esse problema é dar visibilidade a essas obras assim como aos trabalhos realizados com as mesmas. Por isso, acreditamos que o mapeamento dos 32 títulos de livros-imagem realizado neste artigo, com as respectivas referências, poderá contribuir nesse processo.

Concluimos que o livro-imagem pode ser considerado como uma poderosa ferramenta de incentivo à leitura, fortalecendo cada vez mais o desenvolvimento psicossocial de crianças, jovens e adultos. Contudo, reforçamos que tão importante quanto ter acesso a esse tipo de material é a presença de um profissional mediador (educador/bibliotecário/agente cultural)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

consciente, capaz de potencializar o seu uso, seja em sala de aula, nas bibliotecas e/ou nas comunidades.

Referências

AGUIAR, Dilcia Corrêa de. **Livro de imagem**: instrumento para a mediação e o estímulo à leitura de crianças da Educação Infantil de duas bibliotecas de escolas particulares do Município de Viamão-RS. 2016. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157371/001013529.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 fev. 2021.

BARBOSA A. M. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BELMIRO, Célia Abicalil. **Livros de imagens**. Glossário CEALE. Faculdade de Educação da UFMG/ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BOZOLA, Renata. Livro-imagem: o trabalho realizado em uma sala de aula de Educação Infantil. **Revista Veras**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 181-191, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/217/152>. Acesso em: 3 fev. 2021.

BRANDÃO, Claudia Leite; GONZAGA, Maria Marismene; SOUZA, Renata Junqueira de. PNBE 2014: uma ponte entre a primeira infância e livros imagem. In: JOGO DO LIVRO, 12.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO, 2., 8-10 de novembro de 2017, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327405411_PNBE_2014_UMA_PONTE_ENTRE_A_PRIMEIRA_INFANCIA_E_LIVROS_IMAGEM/link/5b8d8b2045851540d1c3d5e2/download. Acesso em: 3 fev. 2021.

CAMARGO, Luís. Ilustração do Livro Infantil. Belo Horizonte: Lê, 1995. COELHO, Nelly Novaes Coelho. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1981.

FERRARO, Mara Rosângela. **O livro de imagem e as últimas leituras que a criança faz de seu texto visual**. Universidade Estadual de Campinas, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23a ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, L. P. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Mercúrio, 1996.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

LINDEN, Sophie van der. (2006) **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LUIZARI, Gabriele Góes da Silva. **Uma imagem, uma história**: como as crianças compreendem o livro de imagem. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191414/luizari_ggs_me_prud.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 3 fev. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARQUES, Adriana; SILVA, Janaína de Paula e; ASSIS, Vivianny Bessão de. O livro de imagem na educação infantil. **AEMS**: Revista Conexão Eletrônica, Três Lagoas, MS, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ZZNN2citIx8J:revistaconexao.aems.edu.br/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php%3Fid%3D159+%&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 3 fev. 2021.

MELLO, Aline; RODRIGUES, Carla; AMARO, Claudia; VALADÃO, Fabiano; CORREA, Sabrina; GONÇALVES, Renata. **Entre livros e lendas: hora do conto na Feira do livro no Cassino**. Disponível em: https://youtu.be/K_TBl_movcY. Acesso em : 4 abr. 2021.

MERAT, Rossane Arantes. **Uma imagem fala mais que mil palavras?: o trabalho com o livro de imagem em sala de aula**. 2017. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12623/1/RMerat.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

MORKAZEL, Marisa de Oliveira. **O era uma vez na ilustração**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

MOSS, Joy F. **Literary discussion in the Elementary classroom**. Urbana: NCTE, 2002.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado**: palavras e imagem. São Paulo: 2011.

PEREIRA, Ana Paula; ALCARÁ, Adriana Rosecler. A dimensão estética da competência em informação e a leitura do livro de imagem. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, v. 10, n. 1, p. 130-146, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/115112>. Acesso em: 3 fev. 2021.

PEREIRA, Ana Paula; BORTOLIN, Sueli. A mediação do livro de imagem no projeto palavras andantes em Londrina. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 3-6 de agosto de 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: [s. n.], 2016. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/30919/1/235-1401-1-PB.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo:



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Feevale, 2013. 1 e-book. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2021.

RAMIL, Chris de Azevedo; SOARES, Lucas Gonçalves; PERES, Eliane. O uso de livro-imagem e a produção textual: uma experiência com alunos de 5º ano em uma escola no campo. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 197-216, jul/dez. 2017. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/53/76>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SEGABINAZI, Daniela. Ler livros sem palavras, ler imagens e mundos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 22-45, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017022/pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SILVA, Maria da Solidade. **O livro de imagem e sua influência na formação do pré-leitor**. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4282/1/MSS06022014.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SILVA, Mayara Suellen de Araújo. **Livro e imagem: uma abordagem do livro como objeto de arte no ensino fundamental**. 2015. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Departamento de Artes, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1676/1/Mayara.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SILVINO, Laerte. **Corre-Curumim**. São Paulo: DCL, 2015,

SOLANA, Evelyn Arizpe. Imagens que convidam a pensar: o “livro álbum sem palavras” e a resposta leitora. Traduzido por Sandra Mendrano. **Revista Emília**: fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=380>. Acesso em: 4 out. 2015.

SPENGLER, Maria Laura Pozzobon. Livro de imagem: as múltiplas leituras de teóricos brasileiros. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 2.; FÓRUM LATINO-AMERICANO DE PESQUISADORES DE LEITURA, 1., 2010. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/3/artigopuc-MariaLaura.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

VAN DER LINDEN, Sophie van der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WEBBER, Sandra Cruz da Silva; KODAMA, Kátia Roberta Maria de Oliveira. Livro de imagem: leitura para promover projetos com diferentes linguagens da arte. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 3.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 13., 2016, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: UNESP, 2016. Disponível em:



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6555.pdf. Acesso em: 3 fev. 2021.

POESIA DE MULHERES NEGRAS: MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DOS POEMAS DE CRISTAL ROCHA

Daniel da Silva Taboada²⁵

²⁵ Formado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pós-graduado em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI). É mestrando em Estudos Literários Aplicados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor do Ensino Médio do Estado do Rio Grande do Sul. Contato: dani-taboada@outlook.com.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar os resultados da mediação de leitura utilizando-se de textos escritos por mulheres negras, em especial os poemas da autora Cristal Rocha. O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública da região de Gravataí, município do Estado do Rio Grande do Sul, com alunos do Ensino Médio. Apesar da pouca experiência com o texto poético, os alunos apresentaram interesse significativo pelos poemas da autora, principalmente em relação à temática envolvida. Como resultado, encontrou-se na experiência em questão uma aproximação prática entre aquilo que é prescrito nos documentos norteadores da educação, em específico a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2017), e as possibilidades de trabalho com a literatura em sala de aula, que cada vez devem dar mais espaço para as vozes narrativas/poéticas das minorias, objetivando uma pluralidade de realidade e de conhecimento de mundo.

Palavras-chave: Poesia; Literatura feminina; Literatura negra.

Abstract/Resumen: This article aims to demonstrate the results of reading mediation using texts written by black women, especially poems by the author Cristal Rocha. The work was carried out in a public school in the region of Gravataí, a municipality in the State of Rio Grande do Sul, with high school students. Despite the little experience with the poetic text, the students showed significant interest in the author's poems, especially in relation to the theme involved. As a result, the experience in question found a practical approximation between what is prescribed in the guiding documents of education, specifically the BNCC - Common National Curriculum Base (2017), and the possibilities of working with literature in the classroom, which should increasingly give more space to the narrative/poetic voices of minorities, aiming at a plurality of reality and knowledge of the world.

Keywords: Poetry; Women's literature; Black literature.

1 Introdução

É de conhecimento geral que à escola é atribuída uma série de funções e objetivos fundamentais para que o ser humano possa desenvolver suas capacidades enquanto cidadãos, membros pertencentes a uma comunidade. Uma dessas capacidades mais relevantes, sobretudo ao pensarmos em uma sociedade letrada como a nossa, é a leitura.

Enquanto espaço primordial para a formação do leitor, a escola, ambiente socializado que pressupõe a troca de informações, de cultura e de conhecimento, acaba por tornar-se, muitas das vezes, o único local onde crianças e adolescentes são incentivados a uma prática leitora sistematizada e continuada. Ao pensar neste papel fundamental da escola em relação à leitura, fica evidente a necessidade, cada vez mais urgente, de aproximar os alunos da leitura.

Nota-se, ao observar os índices relativos à leitura no Brasil, como os abordados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), por exemplo, que o número de pessoas que se consideram leitores em nosso país caiu consideravelmente nos últimos anos. Ainda é possível acrescentar, como característica alarmante para este contexto, a condição de pandemia em que



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

vivemos desde 2020, com a chegada do COVID-19, houve o afastamento, por um período significativo de tempo, alunos e alunas do ambiente escolar do qual faziam parte.

Tendo como princípio a escola como este ambiente em que a mediação de leitura pode (e deve) ocorrer, a pesquisadora Regina Zilberman (2012, p. 55) afirma:

A entidade que assegura a integração a um governo de participação popular é a escola; e, segundo sua organização, é o letramento que se constitui na alavanca que aciona a aprendizagem como um todo. Logo, é a mudança do indivíduo em leitor que, do ângulo individual, oferece o requisito primeiro para a atuação política plena em uma sociedade democrática.

Na perspectiva dessa mudança do indivíduo em leitor, como menciona a autora, a partir das possibilidades de transformar o sujeito em alguém capaz de atuar democraticamente na sociedade é que se estabeleceram as bases que fundamentaram a realização do trabalho de mediação de leitura cujo relato é o objetivo deste artigo.

A prática de mediação de leitura, base deste relato, ocorreu em uma escola pública do Município de Gravataí, pertencente à rede de ensino do Estado do Rio Grande do Sul, tendo como contexto a situação de pandemia de COVID-19, que configurou a atuação da mediação tanto no modo presencial como no modo remoto, através de videochamada. Inicialmente, a tarefa havia sido pensada somente para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, mas foi estendida aos demais alunos do nível médio, para a disciplina de Literatura.

A centralidade do trabalho exercido ocorreu através da leitura de poemas, visto que este gênero, que brinca com as palavras e está próximo da oralidade, seria uma ferramenta capaz de transformar a maneira como os jovens alunos enxergam a prática da leitura e, em especial, a literatura.

2 Mediação de leitura

O trabalho de mediação foi sendo construído ao longo das propostas oferecidas aos alunos, uma vez que o interesse pela leitura dos textos foi observado. Cabe, de forma a contextualizar a proposta, caracterizar o público com o qual o trabalho foi efetivado. Os



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

alunos da escola mencionada, por estarem no Ensino Médio, tinham, em sua maioria, idades entre 15 e 17 anos. O trabalho com a literatura já estava sendo construído nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, nas quais o texto literário sempre esteve presente.

Além disso, a partir das orientações presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), que preconiza a leitura como um dos eixos fundamentais do ensino básico, estabeleceu-se a característica humanizadora da leitura como princípio para o entendimento do texto que seria lido, pois:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de desvendar suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, 2017, p. 136)

Sendo assim, com vistas a firmar esses pactos de leitura (BNCC, 2017), o problema central que motivou esta mediação foi a falta de experiências de leitura literária dos alunos em questão, principalmente em relação ao texto distante do cânone literário, e a visão estigmatizada do texto, visto por muitos somente como possível aquele pautado na norma padrão, culta e formal.

2.1 Objetivos

A partir da problemática apresentada, a mediação desenvolveu-se com os seguintes objetivos:

- Incentivar a leitura de textos literários que se aproximam da oralidade e da própria realidade do aluno;
- Propiciar a experiência de leitura com o texto poético, estabelecendo conexões entre a oralidade e a escrita;
- Compreender a escrita como ato político de resistência e emancipação.

2.2 Fundamentação



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

De forma a orientar a construção do trabalho com o texto literário, garantindo a observância do que é proposto nas matrizes norteadoras do ensino do Estado, foram selecionados quatro objetivos transversais, presentes nas Matrizes de Ensino Híbrido para o Ensino Médio (2021), que abordam a questão da literatura negra e da diversidade textual que devem estar cada vez mais presentes nas salas de aulas.

É importante salientar que a escolha das leituras ocorreu pela necessidade de abordar uma literatura que se distanciasse não somente do cânone, como também da escrita de autoria masculina e branca, já tão presente nos currículos e itinerários propostos em livros didáticos e na tradição escolar como um todo. Ainda, pensando na constante pauta sobre propor uma educação antirracista nas escolas, que valorizasse as diferentes falas do povo brasileiro, selecionou-se os seguintes objetivos da Matriz de Ensino Híbrido (2021):

- Conhecer e analisar Slam poesia (poesia falada) como gênero literário relacionado à cultura afrourbana;
- Conhecer e analisar textos literários de autores negros e negras brasileiros e de países africanos inferindo a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo;
- Ler e interpretar a produção literária contemporânea de autores negros;
- Conhecer e reconhecer a importância da oralidade como valor civilizatório africano e sua presença na cultura afro-brasileira.

No escopo dessa proposta, o trabalho de mediação que, inicialmente, realizar-se-ia em uma aula somente, estendeu-se em três etapas de execução, já que houve um interesse particular dos alunos sobre o assunto.

3 Primeira parte da mediação

A primeira aula proposta consistia na retomada do gênero lírico, o qual foi anteriormente introduzido através de aula expositiva. O objetivo deste primeiro momento era o de propor uma experiência de leitura que causasse uma ruptura com a ideia de escrita normativa, comum aos alunos que enxergam a escrita e a literatura como manifestações distantes da realidade e da oralidade.

A motivação inicial para a construção da significação foi a leitura de dois poemas da autora Conceição Evaristo. Os poemas selecionados foram Vozes-mulheres e Certidão de



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Óbito, ambos escolhidos por representar, através dos seus versos, a identidade feminina e negra, evocando a questão da ancestralidade. Partindo do princípio da explicação do termo “escrevivência”, cunhado pela autora, que representa a sua forma de escrita e as temáticas abordadas, os alunos conseguiram notar alguns traços das características do eu-lírico nos poemas.

Neste primeiro momento, os estudantes foram motivados a compartilhar as suas impressões da leitura e a identificar os sentimentos que a autora evoca no leitor que lê os seus textos, as nuances linguísticas. Foi perguntado, também, se em suas trajetórias escolares já haviam tido contato com textos dessa forma. Quase todos os alunos responderam que não conheciam este tipo de poesia, com temáticas que abordassem a questão da identidade e da cultura afro-brasileira.

Essa falta de experiência e de escopo literário demonstra o quanto, muitas vezes, um certo tipo de corpus textual é favorecido em detrimento de outro, uma vez que, se pensarmos que a poesia está mais próxima da realidade do aluno justamente por sua fluidez, ela deveria estar incorporada em sua vida escolar desde os primeiros anos do ensino fundamental.

Seguidamente à leitura dos poemas de Conceição Evaristo, foram selecionados diversos poemas do livro que originou a ideia para a aula em questão. O livro “Querem nos calar - Poemas para serem lidos em voz alta”, com organização de Mel Duarte, publicado pela editora Planeta no ano de 2019, é uma coletânea de poemas escritos por mulheres negras, do cenário da escrita contemporânea. O livro reúne diferentes expoentes da atualidade que, através da sua escrita, objetivam o fortalecimento da voz feminina e da luta por uma sociedade mais justa e igualitária, distante do preconceito racial, de gênero e de qualquer outro tipo de repressão existente.

Já na apresentação da obra, a autora Mel Duarte elucida as motivações que deram origem à coletânea:

A cada geração, adapta-se a utilização da palavra para contar sua história, deixar o seu legado e isso, no contexto atual, nos permite romper com um ciclo de mulheres silenciadas e compartilhar nossa visão de mundo numa sociedade patriarcal que quer nos limitar a todo momento e que, desde o começo dos tempos, dita a disposição de nossos corpos e de nossas falas (DUARTE, 2019, p. 9)



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Dentre os diversos poemas que o livro traz em sua composição, foram selecionados, de forma diversificada, os textos das autoras Anna Suav, Bell Puã, Cristal Rocha, Dall Farra, Danielle Almeida, Bor Blue, Laura Conceição, Letícia Brito e Luz Ribeiro. Cada uma destas mulheres autoras representa uma localidade diferente do país, porém, somente uma delas é residente do Rio Grande do Sul.

Cada aluno recebeu dois ou três poemas diferentes para serem lidos, ou seja, ninguém ganhou o mesmo conjunto de textos, justamente para que a troca das experiências de leitura fosse mais enriquecedora, uma vez que ninguém perceberia as mesmas características. Contrapondo um poema a outro, os alunos foram instigados a estabelecer relações, proximidades e diferenças na escrita e na temática.

O primeiro ponto que mais chamou a atenção dos jovens foi a presença marcante da oralidade na escrita, quando o texto não seguia a estrutura gramatical normativa, dando espaço para gírias, supressões, palavras inventadas. Houve uma *(re)significação* por parte dos alunos sobre as temáticas presentes nos poemas e a relação da escrita com as questões raciais, sociais e culturais. O conceito de escrevivência ficou mais claro a partir do ponto em que o eixo temático dos poemas se entrelaçou com os próprios relatos das experiências de leitura.

Com efeito, é possível afirmar que, a partir da experiência com o texto literário, o conhecimento de mundo do aluno foi solicitado e, conseqüentemente, expandido. Os relatos demonstraram que a maioria enxergava a temática dos poemas como presente no dia a dia e que a luta das mulheres, representada nos versos dos poemas, deveria estar cada vez mais em pauta na sociedade. Neste âmbito, os alunos demonstraram interesse particular pela escrita da única autora gaúcha da coletânea, Cristal Rocha, acarretando no seguimento da temática e da leitura dos poemas, na segunda parte da mediação.

4 Segunda parte da mediação

Esta segunda mediação de leitura ocorreu devido ao interesse dos alunos na única autora gaúcha da coletânea, Cristal Rocha. Talvez pelo fato da proximidade da escrita da autora, que demonstra em seus versos características da cultura regional, os alunos tenham se identificado mais. Como nem todos tinham recebido os textos da autora em questão, esta



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

etapa da mediação ocorreu em uma aula seguinte à primeira experiência de leitura, na qual todos os alunos receberam três dos cinco poemas da autora presentes no livro selecionado.

Como motivação para o início da leitura, foi apresentada um pouco da história da Cristal, a partir de uma pequena biografia presente em sua página nas redes sociais (@Cristal). A própria Conceição Evaristo, no prefácio à coletânea, afirma que "Cristal Rocha se reconhece como alguém que nasceu dependente lírica" (2019, p. 15), o que significa que a autora, apesar da sua pouca idade, consegue estabelecer e demonstrar uma força poética significativa, da qual, como visto no início da mediação, os próprios alunos, mesmo sem muita experiência de leitura, conseguiram estabelecer significado e, sobretudo, se interessar.

Cristal Rocha nasceu em junho de 2002 (19 anos), foi a primeira campeã gaúcha a representar o RS no Slam BR (Campeonato Brasileiro de Poesia Falada) em 2017, em São Paulo. Lançou, em 2018, o livro *Quando o caso escurece*. Atualmente é compositora, cantora, escritora, roteirista e atriz.

Seguindo esta ideia de que a autora é próxima da realidade dos alunos, não somente em relação à localidade, como também pela idade e pela condição a qual passou sua infância/adolescência, a identificação da escrita como manifestação daquilo que é real se tornou mais possível. Tratando-se dos textos lidos, cada aluno recebeu uma cópia dos poemas "Senhor desconhecido", "Para Gisa" e "Coisa de preto".

A tarefa consistiu em realizar, primeiramente, a leitura silenciosa dos textos, com o objetivo de compreender como a autora criava os seus versos e sobre quais temáticas estavam no cerne da sua escrita. Cada aluno foi motivado, após a leitura, a dizer uma ou duas palavras que representassem as temáticas que identificaram na obra, ou até mesmo sentimentos que tiveram ao realizar a leitura. Como resultado, foram levantadas palavras como: mulher; negra; feminismo; violência; abandono; memória; cultura; racismo; preconceito; pobreza e resistência.

Pode-se dizer que a leitura causou uma certa comoção entre os jovens leitores, uma vez que perceberam a potencialidade que a escrita de Cristal Rocha oferecia. Assim como abordado anteriormente nas aulas, em relação à poesia como o gênero mais próximo do sentimento, diversos alunos afirmaram se identificar com a escrita justamente pela abordagem em um tom de resistência e de luta. A leitura gerou, positivamente, uma discussão sobre a



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

realidade de mundo em que vivem os alunos, na qual muitos deles relatam concordar com as temáticas abordadas, levantando discussões muito além do texto lido, sobre as questões do racismo que muitos deles já passaram, do machismo estrutural no qual a sociedade ainda vive, na forma como o papel da mulher é concebido pela maioria das pessoas, entre outras pautas.

Os alunos demonstraram maiores respostas ao poema “Coisa de preto”, cujas marcas evocam questões próprias da escrita da autora como mulher, negra e gaúcha, conforme é possível observar nos excertos abaixo:

Ô, Cristal! Tu só fala de racismo nas linha!”
Desculpa, é coisa de preto, tu não entenderia
Ouvi tanto o que não devia, evitando fadiga
Agora entende por que explodo na roda de poesia?
Então vamo pôr na roda o que eles não querem ouvir
[...]
E EU SOU DO SUL
Mas nem que tu olhe vai pensar que eu sou do Sul
Porque gaúcho é visto com olho azul
[...]
Então levanta, nego!
Quem disse que o mundo não é teu
Tu não merecia essa vida, essa vida que te mereceu
Nego, disseram: “Aguenta!”.
Mil tretas, enfrenta!
Eles dizem que tu nem tenta.
Levanta a cabeça e sem piedade
Vão sentir o peso da tua caneta
E que tentem me abafar! Eu sou a resiliência!
RESISTÊNCIA que eu demonstro
(ROCHA, 2019, p. 55-57)

Esses recortes evidenciam algumas características do poema como um todo e da própria escrita da autora, cuja leitura proporcionou um rico debate sobre a identidade feminina negra, a identidade cultural do gaúcho, muitas vezes, como racista/preconceituosa, como visto no verso “Porque gaúcho é visto com olho azul” (ROCHA, 2019, p. 56), a constante luta de certas parcelas da população por serem ouvidas e terem seus direitos



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

garantidos, e a questão da própria palavra “resistência” em destaque, que motivou uma construção de significado para além do texto.

Em relação à linguagem, os alunos evidenciaram a presença da oralidade na escrita como uma característica que marca a fluidez do poema, estabelecendo um caráter social. A escrita da autora, para muitos dos alunos, era caracterizada como uma conversa, de fácil entendimento, porém carregada da resistência e das marcas da luta diária de uma mulher.

Resultou-se que, com a leitura proposta, o objetivo de oferecer uma experiência plural de leitura foi atingido, conforme os próprios fundamentos encontrados na BNCC (2017, p. 70):

Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente.

Nota-se que as novas perspectivas escolares de modo algum sugerem um ensino fechado, muito pelo contrário, o que se pede é uma abertura de possibilidades. O professor de Português e/ou de Literatura deve perceber o seu papel na formação dos novos leitores, função essa marcada essencialmente pelo conhecimento do uso da língua e, assim, saber motivar, à luz de todas as manifestações textuais, o aluno que ainda não tem por hábito – e por prazer – a prática da leitura.

5 Terceira parte da mediação

A terceira e última etapa da mediação ocorreu devido à oportunidade que se mostrou possível pela receptividade da autora, ao ser contatada, em se disponibilizar para uma videoconferência através do aplicativo Google Meet, cujo uso é de familiaridade dos alunos da escola onde o trabalho foi realizado, uma vez que as aulas síncronas remotas fazem parte do dia a dia escolar, desde o advento da pandemia.

Em dia e hora previamente estabelecidos, em horário inverso ao horário regular da aula, com autorização da direção escolar, todas as turmas de Ensino Médio da escola foram



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

convidadas a participar da conversa com a autora Cristal Rocha, que ocorreu, conforme dito anteriormente, por videoconferência.

Neste dia, os alunos ouviram a própria autora dos poemas lidos, realizaram diversas perguntas, expandindo o escopo da temática abordada. Cristal, através do seu testemunho enquanto autora, compositora e cantora, conseguiu demonstrar a importância da escrita e da leitura como ato de resistência, de dar e ganhar voz em um mundo de constante silenciamento. Importante ressaltar que, mesmo jovem, a autora afirmou a importância do estudo em sua própria formação e a presença da literatura em sua vida como mecanismo transformador da sua realidade.

6 Conclusão

A partir do trabalho realizado, foi possível concluir a necessidade, cada vez mais urgente, de aproximar os alunos de uma literatura capaz de conversar com a sua própria realidade, história e com as questões sociais. Legitimar, também, a poesia, o gênero lírico, como uma ferramenta da escrita e da oralidade, capaz de transformar o sentimento em palavra e a palavra em literatura e, a partir disso, re(significar) conceitos, ideias, afirmativas, de forma a garantir a igualdade de direitos, a emancipação social, a construção do pensamento crítico, da individualidade e do coletivo.

Propostas como as que foram abordadas neste trabalho também se configuram como pequenos atos de resistência, capazes de desenvolver um ensino mais igualitário, buscando a construção de uma escola antirracista, que dá voz às pluralidades de gênero, sexualidade, condição social e regional. É necessário, sobretudo no tempo atual, marcado por uma repressão política significativa, propor aos alunos um conhecimento capaz de transformar a sociedade em um lugar mais justo para todos, e isso só é possível quando nos colocamos no lugar da pessoa que sofre e que luta diariamente para ser ouvida e respeitada.

Também cabe lembrar, como conclusão, a rica troca de experiências que ocorre quando se aproxima o autor do seu público, como no caso da conversa entre os alunos e a autora Cristal Rocha. Cabe o agradecimento pela oportunidade de conversar e demonstrar, no testemunho dado, que a literatura e a poesia são mecanismos capazes de dar significado à luta



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

diária na qual muitas pessoas passam em suas vidas, principalmente em relação às mulheres negras. Como professores, é fundamental buscarmos dar espaço a essas vozes em sala de aula.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta, 2019.

EVARISTO, Conceição (vários autores). **Poemas de Revolta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. 11 set. 2020. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em 08 dez.2021

MARCELLO, Carolina. **5 poemas emocionantes de Conceição Evaristo**. In: CULTURA GENIAL. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-de-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

SEDUC-RS. Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul. **Matrizes de referência para o ensino híbrido de 2021**. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202103/03154243-matrizes-de-referencia-para-o-modelo-hibrido-de-ensino-da-rede-estadual-de-educacao-2021.pdf> . Acesso em 04 nov. 2021.

ZILBERNAN, R. A formação do leitor. In: ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

PROJETO PRÁTICAS LEITORAS NO AMAZONAS: MEDIAÇÃO DE LEITURA E MEDIAÇÃO CULTURAL EM BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Fátima Maria da Rocha Souza²⁶

²⁶ Doutoranda em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), cursa a Especialização em Escrita e Criação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). É professora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde coordena o projeto de extensão Práticas Leitoras desde 2019, no Núcleo de Estudos Superiores de Presidente Figueiredo (NESP/UEA). Em 2021, atuou na coordenação executiva dos projetos culturais Memória Viva: 20 anos da Biblioteca Comunitária Paulo Freire e Formação de Agentes Culturais da Comunidade Cristo Rei e na coordenação geral do projeto cultural Criação da Rede de Bibliotecas



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Raquel Souza de Lira²⁷

Resumo: Este trabalho apresenta a experiência com mediação de leitura e mediação cultural nas duas edições do projeto de extensão Práticas Leitoras, em 2019-2020 e 2021-2022, respectivamente, desenvolvido com alunos do Curso de Letras e aberto à comunidade, no Núcleo de Estudos Superiores de Presidente Figueiredo da Universidade do Estado do Amazonas (NESP/UEA). O projeto, que pretende fomentar a área do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, investiu, em seu primeiro ano, no Eixo Formação de incentivo ao estudo da mediação de leitura e no Eixo Ação de investigação de práticas leitoras em ambientes formais e não formais, que mapeou bibliotecas pública, comunitárias e escolares existentes na cidade, por meio de visitas técnicas e boletins de registro, disponíveis no site do projeto. A existência de 4 bibliotecas comunitárias com mais de 5 anos de atuação gerou, como desdobramento, a criação de 3 projetos culturais, aprovados na Lei Aldir Blanc, que reconheceram a sua importância como prestadoras de serviços artísticos e culturais com potencial para profissionalizar as atividades que oferecem, e buscaram promover ações para criação, modernização e manutenção dessas bibliotecas, a fim de integrá-las em rede, o que gerou a Rede Cachoeiras de Letras de Bibliotecas Comunitárias no Amazonas. Devido ao envolvimento dos alunos dos Cursos de Letras, Tecnologia em Mineração e Turismo (NESP/UEA), que atuaram juntos no projeto Formação de Agentes Culturais da Comunidade Cristo Rei, surgiu, no Práticas Leitoras (Ano 2), o novo Eixo Mediação Cultural, que garante a presença de bolsistas e voluntários nas bibliotecas de Presidente Figueiredo. Neste ano, o eixo Formação promove a capacitação de agentes culturais por meio de um grupo de estudo de temas importantes para o planejamento, o desenvolvimento e a execução de projetos culturais, como Administração, Contabilidade, Direitos Culturais, Marketing, Comunicação, Captação de Recursos, e, paralelamente, o Eixo Ação apresenta-se como um laboratório de elaboração de projetos culturais. Com o objetivo de promover um intercâmbio cultural entre os saberes acadêmicos e a tecnologia social desenvolvida nas bibliotecas, vislumbrando fomentar o campo da mediação cultural nesses espaços, apresentamos os resultados obtidos no primeiro semestre deste trabalho na Sala de Leitura do Casarão de Ideias, associação cultural convidada para compor a rede especialmente por ser um centro cultural alternativo e sustentável em Manaus (AM) que incentiva a leitura em interface com múltiplas linguagens artísticas, além de fomentar a gestão cultural. Com isso, esperamos incentivar a criação de outros espaços de leitura que atendam às demandas da comunidade, tornando-o um projeto replicável em outros territórios.

Palavras-chave: Mediação de leitura; Mediação cultural; Bibliotecas Comunitárias.

Abstract: This paper presents the experience with reading mediation and cultural mediation in the two editions of the extension project Práticas Leitoras (Reading Practices), in 2019-2020 and 2021-2022, respectively, developed with students from the Language Course and open to the community, at the Center for Higher Studies of Presidente Figueiredo from the Amazonas State University (NESP/UEA). The project, which aims to foster the area of books, reading, literature and libraries, invested in its first year in the Training axis to encourage the study of reading mediation and in the Action axis to investigate reading practices in formal and non-formal environments that mapped public, community and school libraries in the city, through technical visits and registration reports, available on the project's website. The existence of 4 community libraries with more than five years of operation resulted in the creation of 3 cultural projects, approved in the Aldir Blanc Law, which recognized their importance as providers of artistic and cultural services with potential to professionalize the activities they offer and sought to promote actions for the creation, modernization, and maintenance of community libraries, in order to integrate them into a network, which generated the Cachoeiras de Letras Network of Community Libraries in Amazonas. Due to the involvement of students from the courses of

Comunitárias de Presidente Figueiredo. Vinculação institucional: Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Contato: fmdsouza@uea.edu.br.

²⁷ Mestra em Letras e Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas (PPGLA-UEA), especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e suas Literaturas (UEA). Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa (UFAM). Professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMED/Manaus). Pesquisadora no grupo interdisciplinar Intercidade. Integra a equipe de coordenação acadêmica de todos os eixos do projeto Práticas Leitoras (Ano 2) e também colabora como voluntária do Casarão de Ideias, no eixo Mediação Cultural. Vinculação institucional: Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED/Manaus). Contato: raquelliraletras@gmail.com.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Language, Mining Technology and Tourism (NESP/UEA) who worked together in the project Training of Cultural Agents of the Cristo Rei Community, a new axis, Cultural Mediation, was created in Práticas Leitoras (Year 2), which guarantees the presence of scholarship holders and volunteers in the libraries of Presidente Figueiredo. This year, the Training axis promotes the qualification of cultural agents through a study group on important themes for the planning, development, and execution of cultural projects, such as Administration, Accounting, Cultural Rights, Marketing, Communication, and Fundraising. Simultaneously, the Axis of Action presents itself as a laboratory for the elaboration of cultural projects. With the purpose of promoting a cultural exchange between academic knowledge and the social technology developed in libraries, aiming to foster the field of cultural mediation in these spaces, we present the results obtained in the first semester of this work in the Reading Room of the Casarão de Idéias, a cultural association invited to compose the network especially because it is an alternative and sustainable cultural center in Manaus (AM) that encourages reading in interface with multiple artistic languages, in addition to fostering cultural management, hoping to encourage the creation of other reading spaces that meet the demands of the community, making it a project replicable in other territories.

Keywords: Reading mediation; Cultural mediation; Community Libraries.

Introdução

A graduação em licenciatura em Letras proporciona aos futuros professores o despertar acerca dos termos alfabetização, letramento, leitura e escrita. As aulas direcionam os discentes a uma visão ampliada a respeito da perspectiva ideal de ensino da língua materna e da importância da leitura literária com sentido humanístico, indo além da noção de alfabetização que tínhamos antes de adentrarmos a sala de aula do curso universitário. Ao refletirmos e discutirmos sobre a importância da leitura e dos letramentos, dimensionamos a amplitude do uso não apenas do texto escrito, mas de tudo o que pode ser lido, ouvido, visto, imaginado. De acordo com Larrosa (2004), ao traçarmos caminhos para percebermos os sentidos das palavras em contextos diversos, atribuímos novos significados a elas. Assim, a leitura deve ser “dada” como um “talvez”, pois traz possibilidades de novas descobertas, desmistifica a leitura inflexível e amplia os sentidos e significados de se refletir sobre o contexto social no qual estamos inseridos.

Falamos de uma leitura que requer não apenas a decodificação dos textos, mas a compreensão semântica adequada à escrita e à oralidade em situações reais de comunicação e de interação social. Além disso, o autor afirma que o termo letramento se aplica no plural: “letramentos”, visto que ocorrem em diversos espaços, tais como familiares, sociais e educacionais, formais e/ou não formais, não se restringindo apenas às aulas de Língua Portuguesa.

Segundo Freire, é necessário compreendermos nossas origens e influências subjetivas nessa “leitura do mundo” que “precede a leitura da palavra” e corrobora nessa constante significação desse ato de ler, tornando-se, portanto, indispensável relacionar o “texto ao



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

contexto" (1989, p. 9) para que, de fato, possamos ressignificar este processo e nos compreender enquanto sujeitos autônomos e protagonistas. Ao refletirmos acerca do nosso papel enquanto educadores contemporâneos, torna-se urgente revisitarmos a proposta pedagógica idealizada por Freire, que transborda com sua “palavramundo” e nos ajuda a perceber a nossa missão desempenhada neste contexto de construção dos sentidos, porque

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros - não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembléia popular - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. (FREIRE, 1989, p. 17).

Esse é um processo de escuta diária relacionada tanto às práticas institucionalizadas quanto à realidade dos alunos, quando nos colocamos em uma fresta que se amplia a tal ponto de conduzi-los às possibilidades de transformação das percepções, dos sentidos e das sensações individuais que, conseqüentemente, se reverberam na coletividade, tendo em vista sermos seres sociais e que, de alguma maneira, nos projetamos na comunidade na qual estamos inseridos. Tal é a importância desses movimentos que, na universidade, tentamos ampliar os conhecimentos teóricos, dialogando com a comunidade por meio de seus projetos de extensão. Foi assim que, depois das disciplinas de Teoria e Prática da Leitura e de Produção Textual, criou-se no Curso de Letras, oferecido no Núcleo de Estudos Superiores de Presidente Figueiredo da Universidade do Estado do Amazonas (NESPF/UEA), o curso de extensão Práticas Leitoras (Ano 1) - Formação e Ação para mediadores de Leitura ³, ampliando a atuação pedagógica do professor para o campo político da atuação na comunidade.

2 Práticas Leitoras: Formação e Ação para mediadores de leitura

A prática extensionista que se iniciou com o Práticas Leitoras abriu muitos caminhos para a atuação do professor. Com o intercâmbio entre os saberes acadêmicos e a tecnologia social desenvolvida na comunidade, foi possível visitar a formação curricular para torná-lo um agente cultural de transformação da comunidade. Crisciane Batista, bolsista no primeiro

²⁸³ Para mais informações sobre o projeto e os respectivos eixos, consultar o site do Práticas Leitoras. Disponível em: <<https://sites.google.com/uea.edu.br/praticas-leitoras/>>. Último acesso em: 06/12/2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

ano do projeto, evidencia que “[c]om essa iniciativa os participantes puderam perceber a complexidade do papel do mediador de leitura que antes era visto apenas como um contador de histórias.” (BATISTA, 2021, p. 135). Essa mudança de paradigma faz-se extremamente necessária para que o egresso do Curso de Letras perceba as nuances entre as áreas da Educação e da Cultura no trabalho multidisciplinar em prol da democratização do acesso à leitura. Para isso, precisa ser um profissional reflexivo acerca do seu próprio repertório de leitura.

A proposta formativa do projeto Práticas Leitoras foi inspirada no *Curso Formação de Mediadores de Leitura*, promovido pela Fundação Demócrito Rocha. O segundo fascículo, *A formação de professores leitores e mediadores de leitura*, assinado pela professora Sarah Ipiranga, estudiosa do ensino de literatura, reforça a necessidade de “propiciar um reencontro com a leitura que habita dentro de nós, mas que está silenciada pelos afazeres, pela tecnologia e/ou pelo cansaço.” (IPIRANGA, 2018, p. 18). Assim, ela convida todos os professores a acionarem a importância de ser um leitor atento, o que envolve a investidura em uma formação, além da experiência com a docência, afinal ela

somente existe se uma formação lhe antecipar e constituir por meio de experiências constantes e renovadoras. Como uma parte das experiências é íntima e individual, vamos tratar de uma agora que é indispensável aos professores e deve ser vivida inalienavelmente: a leitura. (IPIRANGA, 2018, p. 23).

Tivemos como intuito "desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado" (FREIRE, 2011, p. 26) e, conseqüentemente, experimentar "[a]ssumir-se como ser social e histórico" (FREIRE, 2011, p. 28-29) consciente de sua formação identitária, que, visto ser inacabada, se forma/transforma, ao longo de sua trajetória de vida, em um misto entre todas as experiências de multiletramentos que o constituem, pois

Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda (...). Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. (FREIRE, 2011, p. 52).

Seguindo essas premissas, em relação à necessidade de intervenção no âmbito social, nossos projetos têm focado também na formação do ser agente como aquele profissional que se faz propositivo diante de uma leitura crítica de sua realidade. Nesse sentido, ser agente cultural significa estar conectado com a necessidade de perceber a si mesmo e de conhecer profundamente a sua comunidade para, então, ser capaz de atuar em seu contexto, em uma relação dinâmica em que ser aprendiz é palavra-chave: estar aberto aos novos conhecimentos e a novas percepções que valorizem o território de atuação e prestigiem aqueles que já atuam criativamente nesse contexto, em prol de uma autonomia do sujeito.

Essa educação de que fala Freire é uma prática em liberdade, mas também com diligência e autonomia, de forma propositiva e necessária para girar os saberes presentes entre a universidade e a comunidade. Para propor alguma mudança, precisamos chegar mais perto da comunidade, levar nossos conhecimentos acadêmicos e aprender com ela a tecnologia social que desenvolvem. Nos relatos dos graduandos que participaram como alunos e atuaram como monitores no Curso Formação de Agentes Culturais da Comunidade Cristo Rei ⁴, podemos observar o significado do processo formativo em espaço não formal, como revela Vanderlane Santos, aluna do Curso de Tecnologia em Mineração (NESPF/UEA) e monitora na oficina *Ideias em Ação*:

Em cada oficina eu tive a oportunidade de aprender mais sobre o município que moro, sobre as suas riquezas e belezas, aprendi a analisar as oportunidades a minha volta e que eu como agente, posso promover o meu município através de ideias que podem ser colocadas em prática, e assim, valorizando o local em que moro e disseminado essas ações tanto para o público de fora, quanto para os moradores. (...) entendi que um agente cultural necessariamente precisa ter um olhar diferente dos fenômenos a nossa volta. Cada oficina contribuiu para formar um conhecimento que servirá para o resto da vida, nos incentivando a sempre estarmos atualizados sobre os mais diversos assuntos. (SANTOS, 2021, p. 1).

Ao longo do processo formativo, foi possível propor a criação de conteúdos voltados especificamente para a linguagem do universo da juventude a que os alunos pertencem e para quem estava voltada a formação, em consonância com o Estatuto da Juventude, que abrange a faixa etária de 15 a 29 anos. Também foi possível identificar a possibilidade de valorizar os

²⁹⁴ Informações sobre as oficinas realizadas ao longo do curso estão disponíveis no site do projeto. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/agentesculturaispf>>. Último acesso em: 06/12/2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

meios de reprodução para replicar os conhecimentos adquiridos, como lemos no relato do escritor Jonatan Lopes, aluno do Curso de Letras e monitor na oficina *Intercâmbio Cultural*:

A formação de agentes culturais proporcionou aos alunos uma experiência desafiadora, tanto pela diversidade de conteúdos que se interligam de alguma forma, quanto pela forma que foi ministrada, ou seja, online, uma vez que alguns não possuem conexão estável com a internet. No fim, cadaicineiro elaborou formulários referentes à oficina, para assim, avaliar e conhecer as demandas, dificuldades, conhecimento e participação de cada aluno. (...) E apesar dos desafios, a Formação de Agentes Culturais foi um sucesso. No fim, todos os conteúdos das oficinas foram compilados e posteriormente poderão ser acessados ao adquirir o e-book da formação. (LOPES, 2021, p. 1-2).

Na junção de cada uma das sete oficinas que compõem este itinerário formativo, uma teia se forma e se fortalece com a conjunção de elementos que agregam no trabalho realizado na dimensão da produção cultural quando ele é feito de forma colaborativa. Assim, as conexões ganham sentido, já que os educadores e os artistas criam relações em rede, o que é notório nas palavras de Célia Muniz, aluna do Curso de Letras e monitora na oficina *Patrimônio Material e Imaterial*:

A experiência de trabalhar em rede foi algo novo e ao mesmo tempo motivador. Estes encontros de aprendizagens e troca de experiências e ideias mostraram que os desafios podem ser vencidos, o aprender com o outro é sempre satisfatório, por apresentar um olhar diferente do seu, mostrando que as possibilidades e descobertas de ideias para dialogar com a comunidade pode transformar os desafios enfrentados em oportunidades e práticas vivenciadas por todos os envolvidos no processo. No caso deste projeto [o trabalho fomentou a] cultura, leitura e lazer, na cidade preservando a história do povo local. (MUNIZ, 2021, p. 2).

Veem-se imbricados os papéis do professor que se faz mediador de leitura e que atua como um agente cultural capaz de refletir sobre sua formação,

pois [o] que se pode perceber é que em geral, a formação acadêmica está orientada a partir de reflexões teórico/conceituais e disciplinas curriculares e o mundo da prática tem a própria práxis como eixo norteador, sendo esta situação de oposição problemática à formação profissional. (OLIVEIRA, 2016, p. 185-186).

3 Práticas Leitoras: Mediação Cultural em Bibliotecas Comunitárias

Ao considerarmos os multiletramentos presentes nas esferas sociais, o professor de Letras e agente cultural em formação pode atuar com teoria e prática da leitura, ao perceber a importância da literatura como produção artística. Nesse processo de profissionalização, é



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

necessário compreendermos as responsabilidades inseridas nas dinâmicas dos espaços não formais de educação, visto que

nossas relações com o conhecimento e a cultura passam por um momento excepcionalmente crítico e demandam novos e urgentes olhares sobre fenômenos como os culturais que afetam e produzem mudanças estruturais na vida social, da mesma forma que são por ela afetadas. (PERROTTI, 2016, p. 8).

Diante deste cenário, com os projetos culturais, que podem ser conferidos como desdobramentos no site do projeto de extensão, nos aproximamos de espaços de leitura como as bibliotecas comunitárias, em que o agente cultural pode ser um mediador de muitas relações. Ao fortalecer os vínculos criados com elas, passamos a entendê-las como centros geradores de cultura, considerando que

As bibliotecas comunitárias que existem no nosso país vivem de histórias que os livros contam; os frequentadores segredam, desabafam, compartilham; surgem do contato de cada um deles com os livros; os mediadores de leitura apresentam aqueles que chegam a esses espaços; são dialogadas em trocas de experiência entre os mediadores em atividades de formação. São histórias de transformações individuais, coletivas e de conquistas em políticas públicas na área do livro, da leitura e da biblioteca, através da incidência nos âmbitos municipal, estadual e federal. (CARNEIRO, 2018, apud TARGINO, 2021, p. 10).

Nessa atuação que se faz estética e política no universo da leitura, as experiências extensionistas passam a ser um elo entre os saberes da universidade e da comunidade diante dos desafios sociais que elas oferecem, por isso, é importante compreender que os

(...) profissionais da mediação cultural, frequentemente lidam com incerteza e conflito nas situações indeterminadas da prática profissional. Estas situações de indeterminação geram em tais sujeitos a capacidade de gerar respostas e soluções para problemas oriundos da práxis, através da reflexão profissional. (OLIVEIRA, 2016, p. 185).

Só a reflexão na prática pode fortalecer o processo dinâmico da mediação cultural, afinal, em muitos municípios de onde falamos, a biblioteca é o único espaço de cultura que funciona na cidade, por isso, podemos concordar com Targino (2021) quando ela diz que

Carneiro (2018) apõe que as iniciativas permanentes de mediação cultural e/ou mediação da leitura dão vida aos acervos das bibliotecas comunitárias, impondo circulação bem mais dinâmica ao material impresso ou digital, se for o caso. E mais, tal circulação pode e deve extrapolar os muros das bibliotecas para alcançar espaços externos, através do diálogo com escolas, hospitais, postos de saúde, presídios, associações, praças, ruas, pontos de ônibus ou até ações de porta em porta. (CARNEIRO, 2018, apud TARGINO, 2021, p. 9).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Neste sentido do diálogo com a comunidade por meio das bibliotecas, foi criado o eixo Mediação Cultural neste segundo ano de atuação do projeto *Práticas Leitoras*. Seguimos junto à Perrotti (2016), quando nos diz que

o conceito de mediação cultural emerge na contemporaneidade como formulação teórica e metodológica inscrita, portanto, num quadro que reconhece os conflitos, ao mesmo tempo que a necessidade de estabelecimento de elos que viabilizem diálogos necessários à geração de ordens culturais mais democráticas e plurais. Na diversidade que caracteriza o espaço público, sem silenciar conflitos nem vozes discordantes, sem isolar ou impedir a emergência da pluralidade, das tensões que lhe são próprias, a mediação cultural apresenta-se, pois, como um território discursivo, de embates e possibilidades, ao mesmo tempo que de afirmação da esfera pública como instância superior organizadora e legitimadora do campo simbólico. (p. 13).

No artigo “Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira”, os autores Rastelli e Caldas (2017), ao fazer um breve percurso histórico do termo “mediação cultural”, ainda em construção, até chegar ao contemporâneo enfatizam que

Neste contemporâneo, as atividades de mediação cultural vinculam-se aos processos de construção de sentidos nas bibliotecas. Os espaços das bibliotecas agem como dispositivos produtores de sentidos. Esses dispositivos incluem elementos como as intervenções, as técnicas, os suportes, as práticas, as linguagens, como também questões que envolvem o patrimônio histórico e cultural, a memória local, as identidades culturais, o multiculturalismo, as necessidades culturais e artísticas. Nessa ordem cultural, os acervos, os públicos, as práticas e as missões, cobrem de complexidades as áreas da mediação cultural. (RASTELI; CALDAS, 2017, p. 159-160).

Além disso, para os autores,

o conceito de mediação ganha destaque por sua centralidade nas interações sociais, cujas práticas podem ser executadas com o auxílio de políticas culturais. No momento atual espera-se uma biblioteca dinâmica, o que demanda uma necessidade na formação contínua do bibliotecário, envolvendo-se com as várias questões da comunidade; buscando subsídios através de políticas públicas para o desenvolvimento de ações; refletir e debater acerca da atuação profissional frente a outras práxis que envolvem a cultura e as artes. Na identificação das práticas de mediação cultural, percebe-se uma ampla gama de possibilidades e intervenções como oficinas de artes, exposições, apresentações artísticas, encontros com artistas, teatro, cinema, audiovisual, fotografia, som, movimento abarcando diferentes formas de linguagens. Na mediação cultural, as bibliotecas são vistas como dispositivos produtores de sentidos, objetivando o contato com várias manifestações culturais. A comunidade constrói significados enquanto vivencia as intervenções de comunicação através das práticas constituídas. (Ibidem.).

Assim, com o intuito de formarmos uma rede estadual de bibliotecas comunitárias, ampliamos a teia entre municípios por meio de uma parceria firmada entre a universidade e a



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Rede Cachoeiras de Letras. A parceria foi importante para o fortalecimento de vínculos e contou com uma equipe de coordenação e com a presença de bolsistas e voluntários nas bibliotecas do município de Presidente Figueiredo e na biblioteca convidada da cidade de Manaus.

4 Da sala de aula para o centro cultural: um relato de experiência

O projeto de extensão *Práticas Leitoras* (UEA), em seu segundo ano, firmou parceria com o projeto cultural *Criação de Redes de Bibliotecas Comunitárias de Presidente Figueiredo*, tornando possível a interação com o Centro Cultural Casarão de Idéias nessa rede em prol da leitura, denominada *Rede Cachoeiras de Letras*. E, em virtude disso, a partir da inserção da Sala de Leitura do Casarão, eu (Raquel), a convite da professora Fátima Souza, pude atuar como mediadora cultural nesse espaço de fomento à cultura e à arte, em suas múltiplas linguagens. Nesse sentido, ampliei meu repertório cultural e colaborei com a integração dessa Associação Cultural no *Ciclo Formativo da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias* (RNBC), iniciado em julho com vigência até dezembro de 2021.

O *Centro Cultural Casarão de Idéias*⁵ está situado à Rua Barroso, 279, Centro, Manaus, e configura-se como um centro cultural alternativo da capital amazonense. Possui uma fachada eclética marcada por cores vibrantes. A entrada destaca uma Parklet, mini praça que ocupa cerca de duas vagas do estacionamento à frente do prédio do Casarão, um espaço comunitário que oferece conforto para todos os transeuntes daquele entorno e aos visitantes.

Mais à frente, do outro lado da via, há pinturas murais. A primeira destaca um grande livro aberto, no qual percebemos a vivacidade do conhecimento, evidenciado pelas representações de alguns pássaros que brotam dele e alçam voos, o que é intensificado pela frase “*Lutar quando é fácil ceder*”. A segunda destaca uma representação da artista plástica Frida Kahlo, nesta pintura, ressalta-se uma possível máscara levemente desencaixada do rosto dela, onde há uma fresta da qual brotam, além de pássaros, semelhantes aos representados na pintura do livro, linhas coloridas características dos quadros dessa pintora. Ao vislumbrarmos o conjunto das duas obras, percebemos que há uma continuidade de linhas sinuosas que

³⁰⁵ Mais informações sobre este espaço cultural estão disponíveis no site do Casarão de Idéias. Disponível em: <<https://casaraodeideias.com.br/>>.Último acesso em: 06/12/2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

interligam o livro à Frida e ela ao livro, estas perpassam as cores indo além das fronteiras desta arte urbana, mostrando-nos que não há limites para todos aqueles que buscam ampliar seus conhecimentos por meio da leitura ou de qualquer outra linguagem artística.

No espaço interno do Casarão de Idéias, logo na escadaria de entrada, somos recepcionados por várias espécies de plantas, e ao adentramos nos demais espaços vislumbramos a aconchegante Sala de Leitura e o Espaço Café. Além disso, destacamos o Cine Casarão, a Loja Colaborativa, o Salão Cênico, que é amplo e adaptável às atividades realizadas neste espaço, e a Escola de Ideias.

A participação da Sala de Leitura do Centro Cultural Casarão de Idéias na formação da RNBC foi excelente para conhecermos práticas exitosas de gestão, desenvolvidas em bibliotecas comunitárias de outras regiões do país, e para compreendermos alguns conceitos teóricos que contribuíram de forma significativa para pensarmos a diversidade de possibilidades práticas que atendam a realidade amazônica acerca da escuta, do diálogo, da participação e da interação coletiva de uma comunidade tão diversa.

4.1 Gestão compartilhada

A partir das experiências exitosas no âmbito da *gestão compartilhada*, aplicadas de forma significativa nas redes de bibliotecas comunitárias Jangada Literária (CE), Releitura (PE) e Rede de Bibliotecas Comunitárias de Salvador (BA), somos sensibilizados pelas autoras Guarilha, Silva e Souza a praticarmos o acolhimento e a partilha de conhecimentos em prol de objetivos em comum, entre os quais: semear e difundir a leitura por meio de um coletivo não hierarquizado, “tendo como norte a horizontalidade na tomada de decisão, a participação de todos, o respeito às especificidades e a divisão de tarefas” (GUARILHA; SILVA; SOUZA, 2018, p. 86).

Percebe-se que a gestão compartilhada requer muito diálogo, paciência, respeito mútuo, cooperação e engajamento de todos os membros da equipe durante os processos preestabelecidos coletivamente, nos grupos de trabalho, em seus planejamentos e projetos direcionados aos interesses comunitários. Todavia, algumas instituições aplicam a gestão participativa, por esta se aproximar muito da gestão compartilhada, visto ser a participativa alicerçada, sobretudo, no formato consultivo, e a outra intensificar o “compartilhamento das decisões” (FERNANDES et al., 2018, p. 49).



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Na prática, as duas formas de gestão contemplam e valorizam a escuta, que remete às qualidades dialógicas emergentes durante o processo comunicativo, tendo em vista que tal processo possibilita o protagonismo autônomo e permite o engajamento de todos, pois, como diria Paulo Freire, a escuta associada à interação discursiva aflora “qualidades que a escuta legítima demanda do seu sujeito. Qualidades que vão sendo constituídas na prática democrática de escutar” (FREIRE, 2011, p. 80).

Diante do exposto, observa-se nesta associação a aplicabilidade da gestão participativa, pois João Fernandes é um gestor muito atento às demandas locais, interage com os visitantes e frequentadores assíduos deste espaço cultural tanto pessoalmente quanto por meio das mídias sociais, conforme pode ser comprovado por meio de visitas locais ou visualizado nas principais redes sociais do Casarão de Idéias. Além disso, segundo ele, no intuito de atender às expectativas do público, os colaboradores se organizam em equipes ou individualmente, a partir de atividades previamente planejadas, e, assim, conseguem executar diversas atividades ao longo dos dias de funcionamento dessa associação, de terça a domingo.

4.2 Acervo

Quanto ao *acervo*, a Sala de Leitura disponibiliza obras clássicas e contemporâneas e os colaboradores estão sempre atentos às demandas dos leitores e aos lançamentos de obras em âmbito regional e nacional, sobretudo a partir de temas sugeridos pelos interagentes e relacionados às questões fundamentais voltadas às reflexões atuais com intuito de oferecer melhores experiências leitoras ao público frequentador do Casarão de Idéias.

Nesse sentido, o acervo contempla livros com temáticas indígenas, escritos por autores indígenas e por pesquisadores não indígenas que investigam esse campo de estudos culturais; e, quanto às temáticas relacionadas à negritude e estudos pós-coloniais, seguimos a mesma ideia, disponibilizando obras de autoria de escritores(as) negros(as) ou estudiosos(as) dessas temáticas, dentre os quais destacamos livros escritos por mulheres, tendo em vista que o público frequentador do Casarão é bem diversificado, especialmente por ser um centro cultural alternativo que dispõe de atividades que abrangem diversas linguagens.

De acordo com João Fernandes (2021), as obras do acervo estão disponíveis em acesso aberto aos leitores, porém apenas para consulta local. Neste Centro Cultural as pessoas são livres para aderir às atividades que queiram realizar, tornando-as experiências significativas,



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

pois, por exemplo, enquanto os adultos tomam um café e/ou leem livros, as crianças têm acesso às obras do acervo infantil no espaço de leitura idealizado para atendê-las.

A Sala de Leitura é composta, atualmente, por um acervo de cerca de 4.000 livros cuja catalogação é realizada pelos colaboradores e por alguns leitores assíduos que também ajudam nessa organização. Nesse contexto, um bibliotecário, um assistente de biblioteca ou um mediador cultural poderá propor atividades específicas nesse espaço, tornando-o mais atrativo para os usuários e/ou frequentadores do Casarão, já que é uma tendência das ações realizadas nesse espaço a associação de diversas linguagens, como no exemplo da ocupação Cores de Frida, na qual há livros expostos em um mural, várias frases usadas pela pintora, e alguns objetos artísticos que remetem ao processo criativo dela.

Em relação ao acervo infantil, destaco o livro *Princesas Negras*, que é uma obra escrita pelas autoras Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza, com ilustrações elaboradas por Juba Rodrigues, publicada pela editora Malê (2018). No livro, somos inicialmente capturados pelas diversas imagens coloridas que complementam a narrativa, ressaltando a beleza e as características de meninas e de mulheres negras. A partir dessas particularidades evidenciadas no texto, as autoras nos conduzem a refletir sobre a cultura africana, considerando-se aspectos da ancestralidade e da negritude com intuito de ressaltar a autoestima de meninas e mulheres negras.

Ao longo dessa leitura percebemos que é impossível existir apenas princesas brancas, pois ser uma princesa não depende da cor da pele associada a uma roupa específica ou à existência de um príncipe, mas das características, particularidades e belezas diversas e singulares a cada uma delas. Por isso, não podemos compará-las, independentemente de sua cor, ancestralidade, origem ou características físicas.

4.3 Enraizamento comunitário

Uma outra reflexão importante acerca da mediação cultural em bibliotecas comunitárias é a compreensão territorial do lugar onde o agente cultural atua. A partir da leitura da obra *A vida secreta das árvores*, de Peter Wohlleben, é possível compreender um pouco sobre a relação recíproca e muito inspiradora para os seres humanos, sobretudo acerca da mutualidade necessária para que, assim como as árvores, esses centros culturais possam crescer, se expandir e colaborar uns com os outros, especialmente porque “as faias podem



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

fazer amizade e até alimentar umas às outras", além de “valorizar o compartilhamento de recursos” (WOHLLEBEN, 2017, p. 16). Logo, ao relacionarmos o enraizamento de uma árvore às práticas desenvolvidas pelas bibliotecas, nota-se que o *enraizamento comunitário* pretende unir esse coletivo nacional em prol das inúmeras possibilidades de ampliarmos nossa postura em Rede. Assim, no contexto cultural manauara, especificamente em relação ao Centro Cultural Casarão de Idéias, podemos sistematizar essa prática da seguinte forma:

Raiz: a centralidade do lugar possibilita acesso

Tronco: a sensibilização, manter as parcerias com escolas próximas, manter-se aberto e continuar proporcionando o fomento e a difusão

Parte dos galhos: termos mais leitores e para isso temos possibilitado que mais autores estejam presentes em nossas estantes, além do segmento infantil.

Parte das folhas: tornar a leitura uma prática diária para além dos trabalhos escolares. Que o hábito seja algo diário e constante. (FERNANDES,. 2021).

Além disso, ao compararmos as qualidades e/ou as características de uma árvore ou de uma planta às práticas ou às ações realizadas no espaço de leitura dessa biblioteca comunitária na qual estamos inseridas, percebemos que o buritizeiro, por exemplo, é uma palmeira adaptável, frutífera e que se destaca no espaço geográfico que ocupa. Contextualizando-a às atividades desenvolvidas pelo Casarão, compreendemos tais ações como uma oferta de “alimento e abrigo” (MUSA, 2021) para todos os seus interagentes, bem como para aqueles que, de alguma forma, ainda não tiveram o acesso à leitura assegurado por políticas públicas culturais.

Dessa forma, a partir de recursos oriundos de editais de fomento à cultura, no âmbito estadual, nacional e/ou internacional, o Centro Cultural Casarão de Idéias oferece aos seus usuários e visitantes uma programação diversificada que possibilita conexões entre diferentes linguagens artísticas em seu ambiente interno, que se expande ao espaço público marcado por pinturas murais e um espaço de convivência na frente de sua sede, uma edificação histórica.

Atendendo às demandas locais, o Casarão ampliou sua atuação às comunidades mais distantes do centro histórico de Manaus, nas quais ofereceu uma programação cinematográfica em alguns bairros da cidade, com o intuito de democratizar o acesso à cultura e à arte nas comunidades. A exemplo disso podemos citar a ação realizada nos bairros Parque das Tribos e São José II, onde foram projetados os filmes *A Última Floresta* e *O Pergaminho*



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Vermelho, respectivamente. Diante disso, João Fernandes, idealizador desse projeto, ressaltou que

[...] poder ‘romper’ mais uma vez essa barreira do Centro de Manaus e chegar até zonas mais afastadas da cidade, é algo bastante gratificante. Isso mostra a força de vontade que o Casarão tem, enquanto fomentador e promotor de cultura, em oferecer à sociedade de um modo geral arte em seus mais diversos segmentos. Estamos felizes em chegar até o São José 2 e também ao Parque das Tribos (FERNANDES apud Radar Amazônico, 2021).

E, assim, o Casarão de Idéias amplia seu alcance social nesse enraizamento comunitário. Ao pensarmos na interação com o projeto Práticas Leitoras (Ano 2) e ao refletirmos acerca da minha atuação como voluntária neste centro cultural alternativo, podemos considerá-lo um espaço não formal de educação nos moldes propostos por Gohn: “que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (2010, p. 93). Embora o Casarão esteja situado em um espaço privilegiado no centro histórico manauara, atende toda a comunidade, independente de classe social ou grau de instrução, não apenas em seu espaço sede, mas também de forma itinerante, levando cultura e arte aos bairros periféricos da cidade de Manaus.

Assim, por tais motivos, sobretudo por ser esse um espaço que fomenta a arte em suas diversas linguagens, representá-lo na formação da RNBC foi muito motivador, pois acreditamos na importância das bibliotecas comunitárias para a formação cidadã dos seus interagentes, e na influência desse espaço no processo de formação de leitores críticos e autônomos. Quanto às ações direcionadas à formação de leitores, ressaltamos] a inserção da Sala de Leitura no mapa da leitura brasileira, especialmente a partir da pesquisa *O Brasil que lê* (2020-2021), coadunando-se com os ideais propostos no *Manifesto por um Brasil Literário*, tendo em vista que “[t]odas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do País uma sociedade leitora. (...). Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno”. (QUEIRÓS, 2012, p. 25).

Diante desse contexto, foi possível refletir a respeito do meu processo formativo enquanto agente cultural, cursando Formação de Agentes Culturais e enquanto integrante do eixo Mediação Cultural na Sala de Leitura do Casarão (Práticas Leitoras/UEA). Logo, fez-se necessário relacionar tais conhecimentos e experiências com os saberes oriundos da minha



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

formação acadêmica em Letras, da minha atuação profissional na educação básica, como professora do Ensino Fundamental II, e da pesquisa científica sobre a Biblioteca Pública do Amazonas enquanto bem cultural, além da minha integração no grupo interdisciplinar *Intercidade*. Para tanto, recorri também aos pressupostos teóricos orientados no *Plano Nacional do Livro e Leitura*, pois

É necessário também pensar o modo como essa prática leitora se articula com nossa cultura, tão nossa, tão brasileira, tão rica em sua oralidade e espontaneidade, mas ainda pobre em sua dimensão escrita. Se desenvolvê-la nessa direção não é tarefa fácil, com certeza ela só se realizará plenamente se feita em consonância e respeito com a diversidade cultural de nosso povo, de modo a potencializá-la e não suprimi-la. Esse é, certamente, um dos principais desafios do PNLL e sua estratégia, a do diálogo criativo do livro com as demais características da sociedade brasileira – de tantos traços indígenas, negros, mestiços, sertanejos, europeus, orientais – é um caminho mais sólido para que tenhamos um país com uma cultura enriquecida também pela palavra escrita. (PNLL, 2007, p. 4).

4.4 Incidência política

É nessa busca de compreendermos e vivenciarmos formas de leituras que se articulam com a cultura que propomos esta mediação cultural. Nessa perspectiva, é notório a *incidência política* praticada pela Associação Cultural Casarão de Idéias, tendo em vista que incidir pode ser compreendido como “ter efeitos sobre” (HOUAISS, 2015, p. 532) e, no âmbito das políticas públicas direcionadas às demandas das bibliotecas comunitárias, seria influenciar em nossos territórios ao identificar e buscar soluções para as demandas locais, sobretudo, agindo em prol do bem de todos os integrantes da comunidade na qual esses espaços não formais de educação estão inseridos. E, para tanto, busca-se recursos públicos por meio de parcerias efetivas que visem atender de forma contínua as necessidades indispensáveis da população, nas quais se inclui o acesso à leitura como um direito humano básico.

É notório o engajamento de João Fernandes no contexto cultural, especialmente por sua atuação na formação de agentes culturais no cenário local, suas ações coletivas em prol da implementação de legislações direcionadas ao fomento artístico-cultural, sugerindo demandas no âmbito das políticas públicas no Amazonas, tais como a Lei Aldir Blanc, por exemplo, que se reverberou em Manaus, oportunizando os recursos financeiros adequados aos projetos culturais propostos tanto por essa associação quanto por diversas companhias e/ou artistas e produtores de vários segmentos culturais no estado, para os quais os espaços do Casarão de Idéias estão sempre abertos visando divulgar ou executar tais ações culturais.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Por essas e tantas outras iniciativas, o Casarão é conhecido e valorizado pela população amazonense há 11 anos, e reconhecido pelo poder público por sua importância na difusão cultural na cidade de Manaus por meio da certificação de Ponto de Cultura (2012), a nível nacional, e com o título de Utilidade Pública, a partir da Lei n. 2.803, de 27 de outubro de 2021.

4.5 Sustentabilidade

Quanto à sustentabilidade, pode ser identificada a partir da identidade visual desse espaço, pois o slogan “Casarão de Idéias: *Fazendo Cultura*” demonstra que, desde sua idealização, já tinha a pretensão de ser um polo gerador de cultura, revelando sua potência na área cultural em interface com temas relacionados à gestão, arte, literatura, cultura e cidades. Dito isso, podemos compreender o Casarão como uma instituição que dialoga com a educação popular, por oportunizar experiências significativas relacionadas à história local, especialmente pelo fato de o gestor cultural João Fernandes primar por parcerias com escolas e sempre propor atividades que retratem a literatura com outras linguagens artísticas.

A exemplo disso, podemos mencionar o projeto *Ocupação Cores de Frida*, que retrata essa conexão ao contemplar arte, cultura, literatura e cinema, visto que esta exposição tem seu eixo no processo criativo dessa artista, a partir da reconstrução fragmentada de sua vida e obras, reveladas em frases enunciadas pela pintora, de coleções de bonecas que representam Frida, além de objetos que remetem a sua arte pictórica e de um mural de livros biográficos dela, direcionados aos públicos adulto e infantil, escritos por diversos autores. A exposição atinge seu ponto máximo em uma projeção fílmica da biografia de Frida Kahlo. Uma imersão artística, literária e cultural, oferecida gratuitamente entre os meses de julho a novembro/2021, que contabilizou mais de 9.580 visitas.

Ao longo do período de atuação na mediação cultural foi possível observar muitas outras ações desenvolvidas por esse centro cultural, bem como a aprovação de execução de diversos projetos, dentre os quais: “XII Mova-se – solo, duos e trios”, “Teatro Amazonas – um jogo em memória”, “Pedalando por uma Manaus que se constrói”. Quanto à Sala de Leitura, ressaltamos que além do acervo aberto à comunidade, também há ações de lançamentos de livros e, atendendo ao pedido de alguns leitores, a sala dispõe de uma estante



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

com livros à venda, sendo disponibilizada aos escritores locais e nacionais para divulgação de suas obras.

5 Considerações em andamento

A partir das palavras de Clecio Bunzen (2017, p. 17), compreendemos acerca das possibilidades de atuação do mediador cultural que, em determinados contextos, ele também assume a função de curador das obras do acervo e, especialmente, escolhe os livros para as atividades de mediações de leitura. Assim, o "mediador-curador" precisa estar atento às demandas territoriais, à "diversidade cultural" e aos "valores locais e globais" relacionados ao público leitor, para, então, definir os critérios democráticos de seleção de livros, que, de fato, sejam atrativos aos interagentes e favoreçam o letramento literário e cultural.

Essa relação do professor em formação que se encontra como agente cultural e, em meio às práticas culturais, observa sensivelmente seu contexto para atuar em rede é o que define essa teia aqui apresentada. Todas as relações aqui expostas nos mostram como é necessária uma aprendizagem constante e aberta ao movimento dinâmico dos espaços formais e não formais que se abraçam em torno da democratização do acesso ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas, numa prática multidisciplinar.

Referências

BATISTA, Crisciane Cristine Eleutério, et.al. Práticas de leitura no interior do Amazonas.

Extensão em Revista, n.º 60, abr. 2021, p. 128-141. Disponível em:

<<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/extensaoemrevista/article/view/2113>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

BRASIL. **Lei n. 14.017**, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020. Diário oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 123, p. 1, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em: 20 set. 2020.

BUNZEN, Clecio. Escolhas de textos para mediação literária: curadoria e critérios de decisão, 2017, p. 15-20. In: UFPE, Centro de Estudos em Educação e Linguagem. **Literatura e arte no ciclo da alfabetização**. Ano 1, n. 1 (set.2017). Recife: CEEL/UFPE, 2017.

CINE Casarão 'desembarca' no Parque das Tribos e no São José. **Radar Amazônico**, 14 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3IHL1vj>>. Acesso em: 28 out. 2021.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

On-line: FERNANDES, João. **Enraizamento comunitário da Sala de Leitura do Casarão de Idéias.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Fátima Maria da Rocha Souza em 28 out. 2021.

On-line: FERNANDES, João. **Sala de Leitura do Casarão de Idéias.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Fátima Maria da Rocha Souza em 16 de set. 2021.

FERNANDES, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que Lê: Bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores** [recurso eletrônico]. Olinda: CCLF; Brasil: RNBC, 2018.

FLORESTA, A. ÚLTIMA. Direção de Luiz Bolognesi. **Roteiro de Davi Kopenawa. Brasil: Gullane/Buriti/Hutukara Associação Yanomami/Instituto Socioambiental**, v. 96, 2021.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

GUARILHA, Julia; SILVA, Claudileude; SOUZA, Juçara. **Gestão compartilhada: coletividade e transparência.** In: GUERRA, Adriano; LEITE, Camila; VERÇOSA, Érica (orgs.). **Expedições Leituras: Tesouros das Bibliotecas Comunitárias no Brasil.** Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itaú Social, 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (org.). **Pequeno dicionário Houaiss de Lexicografia.** 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

IPIRANGA, Sarah Diva. **A formação de professores leitores e mediadores de leitura.** Fascículo 2, p. 17-32. In: NETTO, Raymundo; LIMA, Lidia Eugenia Cavalcante (Orgs.). **Coleção Curso Formação de Mediadores de Leitura;** ilustrado por Rafael Limaverde. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

LARROSA, Jorge. **Dar a ler... talvez. Linguagem e Educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Jonatan Pereira. **Relatório de Monitoria da oficina Intercâmbio Cultural. Presidente Figueiredo:** Projeto Formação de Agentes Culturais na Comunidade Cristo Rei, 2021, 2 p.

MANAUS. Lei n. 2.803, de 27 de outubro de 2021. Considera de Utilidade Pública a Associação Cultural Casarão de Ideias. **Diário Oficial** [do Município], Manaus, 27 de out. 2021, Ano XXII, Edição 5212, p. 1.

MEIRELES, Ariane Celestino; SOUZA, Edileuza Penha de. **Princesas Negras.** Ilustrações de Juba Rodrigues. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

MUNIZ, Célia Pinto. **Relatório de Monitoria da oficina Patrimônio Material e Imaterial.** Presidente Figueiredo: Projeto Formação de Agentes Culturais na Comunidade Cristo Rei, 2021, 2p.



V ENCONTRO DE PRÁTICAS DE MEDIÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

OLIVEIRA, Maria Juliana e WILNER, Renata. “O mediador cultural como profissional reflexivo e o seu campo de formação”. In: SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2016.

PALMEIRAS. **Museu da Amazônia – MUSA**. Disponível em: <<https://bit.ly/3y0Vo27>>. Acesso em: 28 out. 2021.

PERROTTI, Edmir. “Mediação cultural: além dos procedimentos”. In: SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2016.

PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura. **Ministério da Educação; Ministério da Cultura**. Brasília: MEC, MinC, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Manifesto por um Brasil Literário, 2009. In: **Revista Palavra**. SESC Literatura em Revista, Rio de Janeiro, ano 4, n. três, set. 2012, p. 24, 25. Disponível em: <<https://bit.ly/3EyMEmp>>. Acesso em: 04/12/2021.

RASTELLI, A.; CALDAS, R. F. “Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira.” In: **TransInformação**, Campinas, 29(2):151-161, maio/ago., 2017.

SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2016.

SANTOS, Vanderlane de Araújo. Pereira. **Relatório de Monitoria da oficina Ideias em Ação. Presidente Figueiredo**: Projeto Formação de Agentes Culturais na Comunidade Cristo Rei, 2021

SOARES, Magda Becker. **O que é letramento?** Diário do Grande ABC, 2003.

TARGINO, Maria das Graças. “Mediação cultural e mediação da leitura como estratégia de inclusão social: bibliotecas comunitárias”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-17, 2020.

TAYMOR, Julie. **Frida**. Roteiro Gregory Nava. Estados Unidos: 2003.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.